

Rev. 1325  $\frac{7}{5}$  v.  $\frac{1}{5}$

ABR. 1940

# SERÖES



LIVRARIA FERREIRA

132, R. DO OURO, 138 — LISBOA

N.º 37 — JULHO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Praça dos Restauradores, 27 — Telep. 805

Typ. do Anuario Commercial — P. dos Restauradores, 27

# Summario

## MAGAZINE

	PAG.
O CAMPINO MANOEL VICENTE, da Gollegã ( <i>Frontispicio</i> ) .....	2
ESPERAS DE TOUROS (32 <i>illustrações</i> ) por CARLOS ABREU .....	3
O REAL THEATRO DE S. JOÃO (13 <i>illustrações</i> ) por FIRMINO PEREIRA .....	19
PRENDA DE NOIVADO ( <i>Soneto</i> ) (1 <i>vinheta</i> ) por CELESTINO SOARES .....	32
O CONGRESSO DE INSTRUCCÃO PRIMARIA (2 <i>illustrações</i> e 1 <i>vinheta</i> ) por CONSIGLIERI PEDROSO .....	33
OS BASTIDORES DO NIHILISMO (2 <i>illustrações</i> e 2 <i>vinhetas</i> ) por MAX PEMBERTON .....	35
A ARCHITECTURA DA RENASCENÇA EM PORTUGAL (8 <i>illustrações</i> ) por ALBRECHT HAUPT .....	48
SONETO (1 <i>vinheta</i> ) por D. MARIA DE CARVALHO .....	55
CENTENARIO DA GUERRA PENINSULAR (4 <i>illustrações</i> e 1 <i>vinheta</i> ) por M. A. ....	56
A VILLA DE MOURA (9 <i>illustrações</i> e 1 <i>vinheta</i> ) .....	61
ACTUALIDADES (34 <i>illustrações</i> ) .....	67
<b><u>OS SERÕES DAS SENHORAS</u></b> (39 <i>illustrações</i> )	
CHRONICA GERAL DE MODAS . . . . . pag. 1	LAVORES FEMININOS .....
OS NOSSOS FIGURINOS . . . . . » 4	CONSULTORIO DE MARIA .....
CHAPEUS ELEGANTES . . . . . » 6	NOTAS DE DONA DE CASA .....
A NOSSA FOLHA DE MOLDES .....	8
	10
	13
	15

## A MUSICA DOS SERÕES

SONHO DE CLAUDIA, por AUGUSTO MACHADO .....	4 paginas
---	-----------

DIRECTOR LITTERARIO

H. Lopes de Mendonça

# Serões

ADMINISTRADO.

Caldeira Pires

Propriedade da **LIVRARIA FERREIRA**

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Redacção, administração, officinas de composição, impressão, photogravura e encadernação

**Praça dos Restauradores, 27**

**LISBOA**

(PASSAGEM DO ANNUARIO COMMERCIAL)

Telephone **805**

## ANNUNCIOS

A administração dos *Serões*, revista mensal de importante tiragem e larga circulação — não só em Portugal (Ilhas e Colonias), como no Brazil —, offerece nas paginas supplementares dos *Serões*, nitidamente impressas e em optimo papel, uma **Secção especial de annuncios**, que antecederá o texto de cada numero d'esta publicação, nas seguintes condições:

### Por uma só inserção

1 pagina . . . . .	6\$000 réis
1/2 pagina . . . . .	3\$500 »
1/4 pagina . . . . .	2\$000 »

### Por um anno, ou sejam, 12 inserções

1 pagina . . . . .	70\$000 réis
1/2 pagina . . . . .	40\$000 »
1/4 pagina . . . . .	20\$000 »

Os clichés, quando o annuncio fôr illustrado, serão fornecidos pelo annunciante. A administração dos *Serões* encarregar-se-ha, quando o annunciante manifeste tal desejo, de mandar fazer qualquer cliché, sendo a sua importancia paga separadamente.

## Condições de assignatura

A assignatura dos *Serões*, é computada por trimestre, semestre ou por anno, correspondendo o seu inicio aos mezes de janeiro, abril, julho ou outubro, e o seu pagamento feito adiantadamente:

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha	}{ Anno . . . . .	2\$200 réis
	}{ Semestre . . . . .	1\$200 »
	}{ Trimestre . . . . .	600 »
Para o Brazil (moeda fraca) . . . . .	- Anno . . . . .	12\$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro - Anno . . . . .		15 fr.

Pedidos para assignaturas, ou qualquer numero avulso dos *Serões*, e indicações para inserção de annuncios, dirigir-se á

## ADMINISTRAÇÃO DOS *Serões*

**Praça dos Restauradores** (Passagem do Annuario Commercial) **27**

Telephone **805**

**LISBOA**

**CH. DENIS.** — Agent exclusif pour les annonces étrangères, **128, Faubourg Poissonnière — PARIS.**



# A Nacional

Companhia Portuguesa de Seguros de Vida

CAPITAL 500:000\$000 réis

Seguros em caso de vida e em caso de morte

Seguros contra desastres pessoais

Seguros de viagem

7, Rua do Alecrim — LISBOA



## AGUA CASTELLO

Minero-gazoza, lithinada natural

DE

**MOURA**

Refrigera os saos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, whisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRITORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇÃO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.

LISBOA

## GRANDE DEPOSITO

DE

Moveis de ferro e colchoaria

DE

**JOSÉ A. DE C. GODINHO**

54, Praça dos Restauradores, 56

LISBOA

# SERÕES

## LIVROS, REVISTAS E JORNAES

### RECEBEMOS E AGRADECEMOS :

- Lisboa**, *Chronicas de Paulo Osorio* — Porto, 1908 — Obedecendo a um bello habito que felizmente se vae propagando, o illustre escriptor Paulo Osorio publica a colleção das suas chronicas jornalisticas, as quaes são realmente um documento interessante do viver lisboeta durante o periodo agitado da dictadura. Ha *humour* em muitas d'ellas, aprimorado criterio artistico e litterario em grande numero, ferro em braza em algumas. Tudo isto torna a colleção singularmente interessante e viva.
- Os que voltam**, por Jacintho Gago — Lisboa, 1908 — Não é facil dar uma idéa d'este originalissimo romance, filiado na escola fantastica-cientifica de Ridder Haggard. *Os que voltam* são espiritos do seculo xvi envoltos nos corpos encasacados do seculo xx. O theosophismo e a metempsycose dão pretexto a uma narrativa curiosissima, em que os casos de hoje se embrulham com aventuras historicas dos nossos tempos de navegação e conquista. Um livro deveras interessante, em summa.
- Entre o breviario**, por Adriano Anthero — Porto, 1908 — Poemeto romantico, que exhala vagas recordações de Lamartine, pelo assumpto affim do de *Jocelyn*, e em que se revelam as qualidades de forma e de sentimento que teem feito do auctor um poeta apreciado.
- Archivo Bibliographico** — Da Bibliotheca da Universidade de Coimbra.
- O Instituto** — *Revista scientifica e Litteraria*. — Redacção — Rua do Infante D. Augusto, 44, — Coimbra.
- Alma Feminina** — *Revista semanal illustrada* — Redigida por algumas das mais notaveis escriptoras portuguezas e estrangeiras.
- A Construcção Moderna** — *Revista illustrada* — Redacção e Administração: Rua Maria Andrade, 10, 2.º — Lisboa.
- Boletim da Real Associação Central da Agricultura Portugueza** — Fundada em 1860 — Séde da Associação: Rua Garrett, 95, — Lisboa.
- Boletim da Assistencia Nacional aos Tuberculosos** — *Instituto Rainha D. Amelia* — Rua 24 de Julho.
- Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes** — 4.ª Serie — Tomo XI n.º 5.º — Director: Gabriel Pereira
- A Vinha Portugueza** — *Revista mensal de viticultura e de Agricultura Geral* — Dedicada aos progressos agricolas e principalmente viticolas, do paiz. Publicada e dirigida por F. d'Almeida e Brito — Redacção e Administração: Rua do Arco Bandeira, 22, 1.º — Lisboa.
- Revista de Manica e Sofala** — *Publicação mensal illustrada* — Redacção e Administração: Rua Castilho, 27, 3.º á Avenida da Liberdade, Lisboa.
- Echos de Roma** — *Revista mensal illustrada* — Publicada pelos alumnos do collegio portuguez em Roma, sob a direcção de monsenhor Sinibaldi. Via del Banco S. Spirito, 12, Roma.
- A Saude** — *Revista mensal* — Que ensina a manter, robustecer e restaurar a saude. — Redacção e Administração: Rua da Padaria, 48, 1.º — Lisboa.
- Propaganda Catholica** — A acção do sacerdote na imprensa, — Redacção e Administração: S. Clemente — Silvaes — Fafe.
- A Caça** — *Revista illustrada do sport peninsular e da vida dos campos* — Redacção e Administração: Rua Nova do Loureiro 36, 2.º — Lisboa.
- Voz de Santo Antonio** — *Revista mensal illustrada* — Redacção e administração — Braga.
- Estudos Sociaes** — *Revista Catholica Mensal* — Redacção e administração, Rua da Mathematica, 43, Coimbra.
- Boletim da Associação do Magisterio Secundario Official** — Fasc. XVII — Agosto a Dezembro de 1907. Rua Aurea 177, 2.º — Lisboa.
- Boletim Photographico** — Rua da Prata 135 e 137, Lisboa.
- O Economista Brasileiro**, *Revista semanal de economia, finanças, politica e litteratura*. Rua da Alfandega, 114, — Rio de Janeiro.
- Gazeta da Associação dos advogados de Lisboa.**
- Boletim da União dos Atradores Civis Portuguezes**, — Séde em Lisboa no Salão do Real Theatro de S. Carlos.
- Vera Cruz** — *Quinzenario Politico, Literario e Humoristico* — Redacção — Largo do Aronche, 47 — S. Paulo e Praia José menino, 122 — Santos.
- Rebeldias**, por Alvaro Pinto — Porto, 1908.
- Revista da Associação Commercial do Maranhão** — *Publicação mensal* — Rua 28 de Julho, 7 — S. Luiz — Maranhão.
- Luz do Oriente** — *Revista mensal illustrada* — Redacção e administração — Ponda — Góa.



O campino Manoel Vicente, da Gollegã

*(Cliché de Carlos Relvas)*

# ESPERAS DE TOUROS



UM CURRO DE TOUROS NAS PASTAGENS DAS MARNOTAS

*Aos illustres aficionados, Excellentissimos Senhores Marquez de Castello Melhor, Dr. João Antunes Pereira das Neves, Carlos da Silva Pestana e João da Silva Pestana.*



RA em tempos idos um dos preliminares de toda e qualquer corrida de touros em Lisboa, e o entusiasmo que se notava n'aquella diversão excedia muitas vezes o que despertava o espectáculo propriamente dito.

No periodo aureo d'aquelle velho mas historico monumento que se erguia no alto do Campo de Sant'Anna — theatro de glorias do conde de Vimioso, dos marqueses de Marialva, Castello Melhor e de Bellas, de D. João de Menezes, dos irmãos Maniques, Frederico Nunes, o *Frederico Cavallaria*, D. José de Mello e Castro, o *Cazusa*, Domingos Poeira, etc., e mais modernamente de D. Caetano de Bragança, do visconde da Graça e de

D. Antonio Galveias, de D. Antonio de Portugal e Castro, Alfredo Marreca, Carlos Relvas e D. Antonio de Siqueira (S. Martinho), como ainda de Peixinhos, Sedvem e Mesquita, Cadetes, Miguel Faria e Mourisca, Robertos, Pontes e Batalha, *Caixinhas* e Tinoco, Monteiros, José Bento e Sancho, D. Luiz do Rego, Victorino Froes e João da Cruz Calabaça, theatro por igual das façanhas de artistas hespanhoes da envergadura de *Cúchares*, *Carmonas*, *Chicorro*, *Lagartijo*, *Cara-ancha*, *Frascuelo*, e tantos outros — ir assistir a uma corrida de touros sem ter ido á competente *espera*, no dizer da gente da alta d'esse tempo, era uma cousa incompleta.

Mas foi só n'esse tempo, enquanto existiu aquelle carcomido edificio, de quem to-

dos os aficionados se lembram com saudade, que as *esperas de touros* tiveram verdadeiro brilhantismo, apesar de ainda durante alguns annos se ter feito a conducção dos touros a pé para a actual praça de Lisboa.

O gosto, porém, por esse divertimento tinha-se então desenvolvido e alastrado muito, não só na boa roda como nas classes populares, uma e outras por demais amantes da diversão — nas quaes existia por essa época mais aficção do que hoje, sem comparação, innegavelmente, e mais aficionados como jámais tornará a haver.

Aos sabbados, logo pela manhã, começava a romaria das melhores tipoiias para Friellas, tipoiias que eram tiradas pelas mais ageis parellhas e guiadas pelos *batedores* de mais renome na praça, como os *Arreda, Paço d'Arcos, Roque Preto, José dos Anneis, Bitaculas, Méca, Leonardo Preto, Anão,*

*Agostinho Careca, José Anadia, Antonio Gradil, Ratinho, Bemfeito, Candido, Gandula, Paixão,* bem como pelo *José Azeiteiro*, que actualmente toureia com o nome de José Martins.

Os touros, que geralmente sahiam das lezirias pela tarde de terça feira, chegavam ás pastagens de Friellas pela noite de sexta, onde descançavam até sabbado á tarde.

Era n'esse ponto que os melhores amadores — em que se contavam, entre muitos outros, o visconde da Graça, Alfredo Tinoco, D. José de Mascarenhas (pae), Alves

Carapinha, D. José de Avilez, D. Alexandre Villa Real, D. José Manuel da Cunha Menezes, Salvador da França, D. João de Sousa Coutinho (Soydos), Joaquim Pedro Monteiro, Costa Guerra, Antonio Galveias, D. Luiz do Rego, Alfredo Anjos (hoje conde de Fontalva), visconde d'Asseca, D. Caetano de Bragança, irmãos Maniques, marquez d'Angeja, Antonio Caldeira, irmãos Galaches, Cesar Cunha Bellem, Ignacio e Eduardo Rebello de Andrade, Barros Lima, irmãos Cou-

tinhos, Jeronymo Teixeira Viana, José Horta, Eugenio Ribeiro da Silva (que a acompanhava sempre os touros, desde Friellas até ao Campo de Sant'Anna, montado n'um burro, que ao fim de alguns annos foi furado por um touro nos corredores da praça), actor Pinto de Campos (pae), Jayme Henriques, Joaquim Friagem, Augusto Correeiro, Simões Ferrageiro, José Gori-



CONDE DE VIMIOSO

nho, Luiz de Caneças, Alberto Franco, *Augusto Pouca-roupa* (bombeiro municipal, que vinha sempre á cabeça dos touros montado n'um garrano), Manuel Tormenta, Leopoldo Finzi, etc. — primeiramente viam os touros que se tinham de lidar no dia immediato, admirando o bom typo do *Foguete*, a bonita armação do *Caraça*, a finura do *Espelho*, que já pela quarta vez vinha á praça n'aquelle anno, etc.

Alli apparecia logo quem tambem apostasse por que o touro da tarde não seria nenhum d'aquelles, apesar de todos três apresentarem os signaes mais caracteristicos de

bravura, mas sim o *Bocalvo*, que estava além, fóra dos companheiros, — e no fim de contas, muitas vezes, ninguém ganhava a aposta, pois o touro que sobressahia era exactamente aquelle em que todos tinham menos confiança, que viera destinado para ultimo logar mas que afinal não o occupára pelo motivo de ter que substituir outro que estava pisado da jornada.

E' que os touros, como dizia o famoso Peixinho pae, são como as melancias: aquelles, só depois de corridos é que se sabe o que elles são, se bravos, se mansos; estas, só depois de *caladas* é que se podem vêr se são encarnadas, se brancas.

Se até ha cabrestos que sahem mais bravos que certos touros! Um exemplo.

— o Mestre. Os touros sahiram ordinarios, mansos. Um dos cabrestos, porém, n'uma occasião em que se tratava de recolher um dos bichos, arremette com Peixinho, valendo a este ter ainda nas mãos um par de bandarilhas, que empregou no cachaço do bruto, em legitima defeza, aliás, talvez fosse furado.

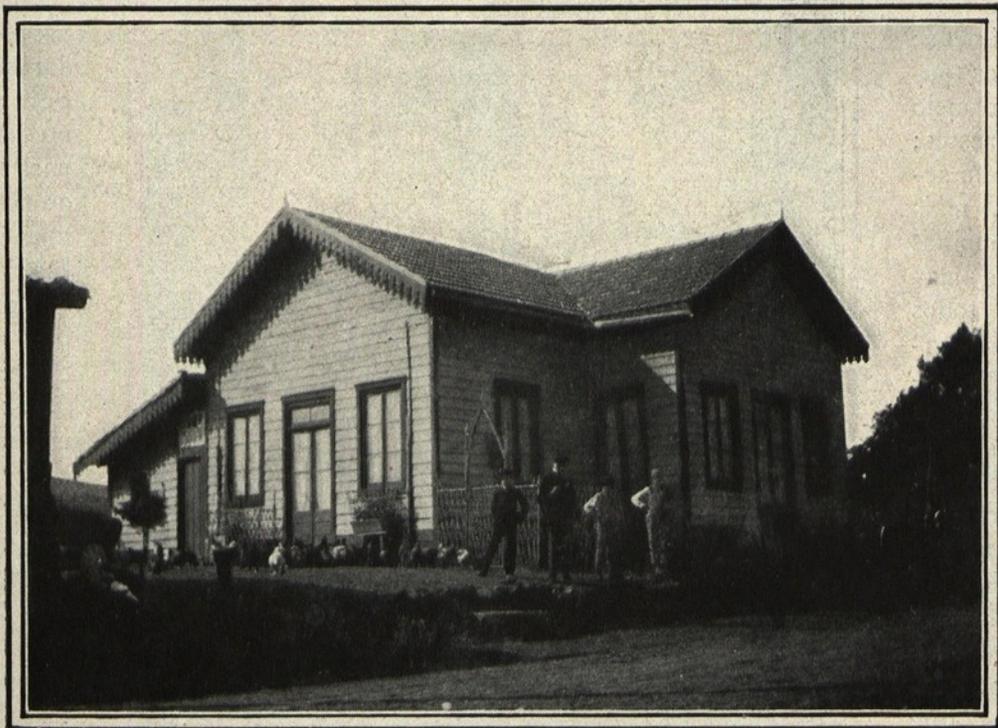
O ganadero — ao tempo dizia-se lavrador — é que não gostou da partida, e quiz por isso intentar acção contra o grande artista.

Conta-se então que Peixinho dissera, ao darem-lhe aquella noticia:

— Não faz mal. Se me chamarem ao tribunal por haver collocado um par de bandarilhas n'um cabresto, eu por minha vez levarei ao banco dos réus o lavrador que



MARQUEZ DE CASTELLO MELHOR



O CHALET DE EZEQUIEL DE CARVALHO, NA POVOA DE SANTO ADRIÃO

Foi na praça do Campo de Sant'Anna. Toureava n'essa tarde o já citado Peixinho

não teve pejo em trazer a uma praça cabrestos mais bravos do que os touros!

E, talvez por esse motivo, o creador não levou a sua idéa por diante.

Era ahi pelas quatro da tarde que o Ezequiel de Carvalho, o conductor dos touros (que mais tarde succedeu ao Seabra), montava a sua egua branca, a *Andorinha* — que foi furada por um touro dos Robertos, na calçada de Carriche, e veiu morrer mais abaixo, á Poça, em 27 de setembro de 1898, na espera do gado para a festa artistica do bandarilheiro Manoel dos Santos —, e os campinos procedendo de egual fórma, tratavam de levantar e reunir o gado.

D'ahi a pouco, via-se elle á frente com dois ou tres campinos e varios amadores, montados uns em bons cavallos, outros em magras pilecas; depois, os touros em meio dos cabrestos; e logo em seguida, mais dois campinos e alguns amadores, todos subirem a encosta das oliveiras, nas *Marnotas*, para rapidamente virem desembocar na calçada de Carriche, proximo da *Nova Cintra*, restaurante que ainda é lembrado pela gente d'esse tempo, recordando as bel-



GENERAL QUEIROZ

las festas que alli se deram por motivo d'estas diversões.

Na embocadura da estrada já então se encontrava a força da guarda municipal que ia sempre á frente e na rectaguarda dos touros (nos ultimos tempos, sob as ordens do general Queiroz, que tinha tal aficion pelo divertimento que nunca perdia uma *espera*, vindo sempre á cabeça do gado), não impedindo no emtanto a presença d'aquella auctoridade que uma ou outra vez se sentisse estourar uma bomba de dez réis

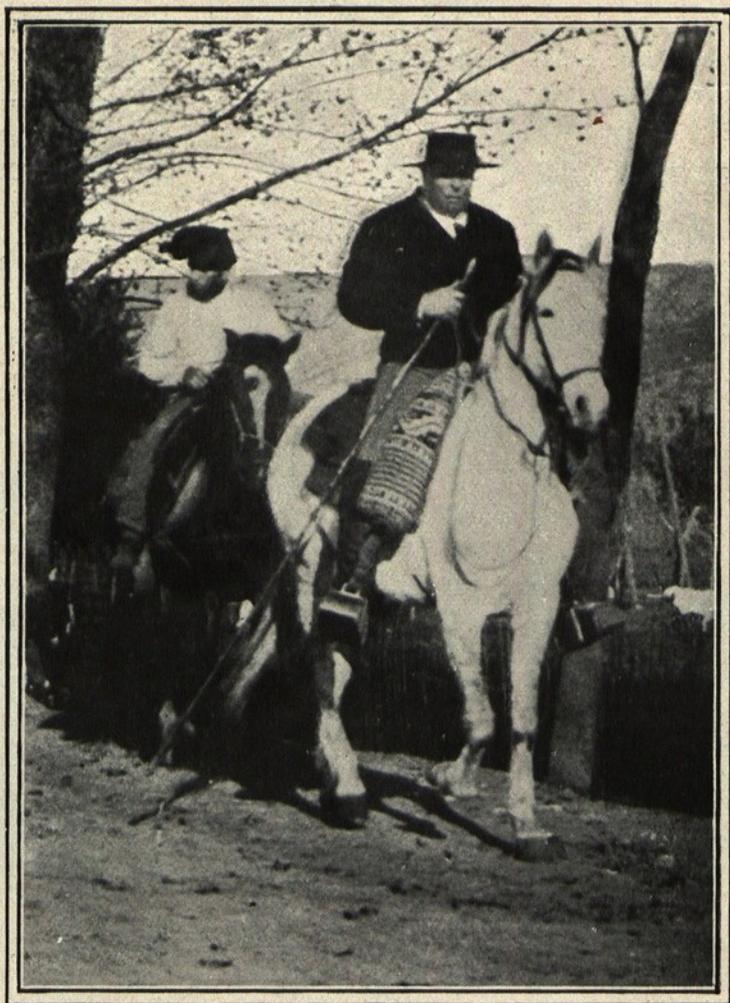
ou de vintem, atirada não com fim criminoso, mas com o simples proposito de tresmalhar o curro, pois para certos individuos era isso um grande divertimento.

E algumas vezes viam esses individuos

satisfeito o seu desejo, tendo que se deslocar dois ou três campinos, que eram sempre coadjuvados pelos amadores mais experimentados no assumpto, para trazerem de novo á manada os touros fugidos.

Pouco depois chegava o gado ao Campo Pequeno, onde descansava, quasi no mesmo sitio onde está hoje levantada a nova praça, e alli permanecia até á uma hora.

Então começava a musica das guitarras e o som das vozes!

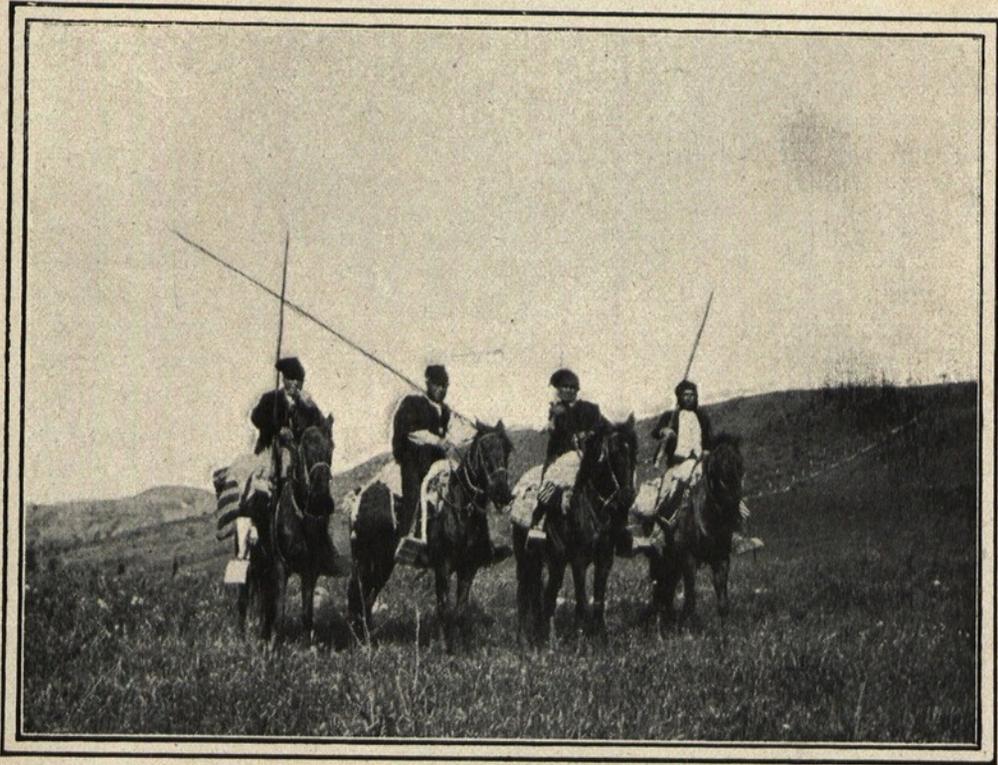


EZEQUIEL DE CARVALHO DIRIGINDO-SE PARA AS PASTAGENS

Era de um effeito magnifico a conducção dos touros desde Friellas até ao Campo Pequeno, pois além de grande numero de

fazia com toda a frescura, muito embora tivesse ficado com a cara ou com as mãos cortadas pelas unhas dos bichos.

No meio d'essas corridas desenfreadas, não era para admirar egualmente que uma *sobroda* ou *rapioca* fizessem saltar da almofada,



QUATRO CAMPINOS DE EMILIO INFANTE DA CAMARA, NAS MARNOTAS

cavalleiros seguiam-os immensas carruagens, todas n'uma batida desenfreada e vertiginosa, sendo ás vezes tão espessas as nuvens de poeira que tudo se confundia, não sabendo quem ia á cabeça do gado se devia diminuir ou aumentar a velocidade, e outro tanto succedendo a quem ia na cauda, com receio de se chocar com os touros.

Não raramente, tambem, qualquer cavallo se chapava, e se o caso se dava com um cavalleiro que ia na guarda avançada, não tinha remedio senão deixar-lhe passar os touros por cima, para depois se levantar, o que

ou mesmo de dentro de qualquer tipoia, um ou outro dos freguezes. Mas como onde ha grande entusiasmo desaparece a dôr, por isso se na quêda a aspereza da estrada fazia

qualquer ferimento ou levantava um bocado de pelle ao desastrado que não se soubera segurar bem. á falta de agua para lavar a ferida apparecia logo uma borracha com vinho, não importando que este se introduzisse na epiderme do paciente e que por esse effeito tivesse que ficar malhado por muitos mezes.

Não era occasião aquella propicia a consultas medicas e operações chirurgicas!

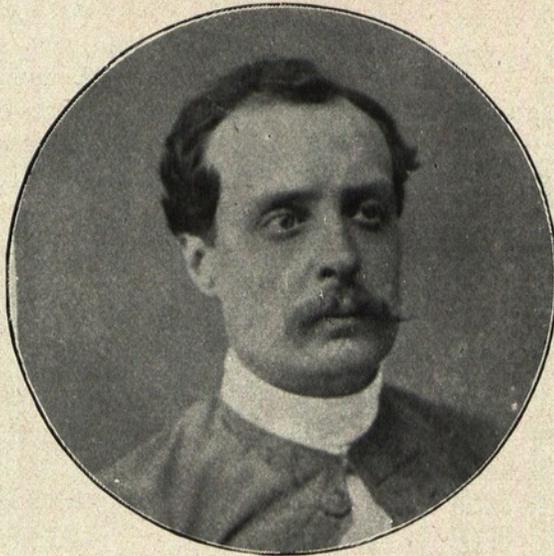


VISCONDE DA GRAÇA

Segundo refere o incansavel investigador, sr. Pedro Pinto (*Tinop*), no seu interessante livro *Historia do fado*, uma das mulheres que mais renome alcançou como cantora de fado foi a Maria José do Galvão, a qual foi tambem muito aficionada das *esperas de touros*.

E conta, a proposito, o seguinte:

«... Quando lhe dava na tinêta, trajava ao bizarro, vestindo-se de homem e pimponando nas esperas de touros. Grudaram-lhe ao nome aquella alcunha, porque estivera amancebada com o ourives



MARQUEZ DE BELLAS

espera de touros, depois do Galvão e um seu amigo regressarem de um passeio a Oeiras, resolveram todos ir esperar o gado. Tentaram arranjar uma tipoia, mas debalde, porque estavam todas alugadas. Não se amofinaram, porém, por tão pouco.

Alugaram uma sege de enterro, a Maria José enfarpellou-se de campino, empunhou o pampinho — que ella manejava como um *dandy* maneja um fragil *stick* —,

montou a cavallo, e lá partiram todos, de gangão, para a espera dos touros, enquanto o discó da lua brilhava como uma salva de prata polida, o luar derramava uma clari-



LEVANTANDO OS TOUROS, NAS MARNOTAS

Galvão, depois proprietario de casas de jogo.

O traje de campino ficava á Maria José do Galvão como uma luva. N'uma noite de

dade doce como um fumo de leite, e as estrellas, esburacando o velludo sombrio do firmamento, pareciam piscar, trocistamente, os seus olhinhos de diamante sem jaça...



**NO RIBATEJO**

*Desenho de Alfredo Keil*

A Maria José do Galvão — que nunca atingiu as esferas da alta galanteria — sabia estar n'uma sala e tinha uma elegancia de pizar de rainha, assim como era um instrumento de prazer que sabia exprimir as

menos aficionados, quando queriam vêr os touros antes da corrida. Os que não podiam entrar na estravagancia da *tremçada* até Friellas, iam a pé até ao Campo Grande, fazendo uma paragem ou no *Colete Encar-*



A PASSAGEM DOS TOUROS, NA CALÇADA DE GARRICHE

mais finas notas perversas e as mais bellas sensações passionaes. . . »

E não admira que muitas vezes fosse difficil alcançar uma tipoia para ir esperar os touros, porque a influencia pelo divertimento era tal ahi por 1870 — no dizer dos *Annaes Tauromachicos*, revista que então via a luz da publicidade — que o numero de trens que acompanhava o gado para cada corrida regulava quasi sempre, pouco mais ou menos, por duzentos!

Era ahi, no Campo Pequeno, que appareciam os amadores menos abonados, mas nem por isso

*nado* ou no *Campanudo* até quasi á hora de seguir o gado.

Então começavam todos os cantadores a sua faina de fado, entremeada por copos de vinho á compita com varios petiscos.

Segundo nos diz ainda Pedro Pinto (*Tinop*), no livro citado, «o conde da Anadia teve celebridade como um pandego de truz. Não tocava guitarra, nem cantava, mas apreciava devéras o canto do *fado*, e gostava muito de ir ás feiras e a jantares no campo.

O grupo dos seus companheiros era formado de Luiz Aranha, Simão Aranha, José Esteves Costa, o cavalleiro Diogo Henriques Betten-



DIOGO MANIQUE

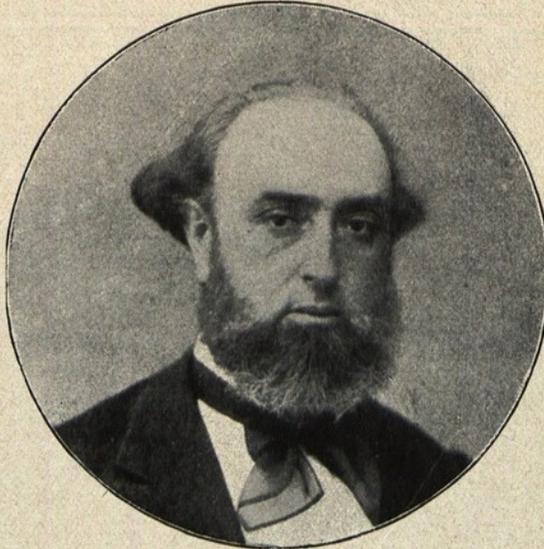
court, o *Padre Matheus*, empregado na alfandega, o Manoel Gonçalves Tormenta, o José Carlos, de Evora, Domingos Martins Peres, Avillez, Dr. José Avellar, Luiz de Araujo, Campos Valdez, Francisco de Almeida Carvalho ou o *Carvalho ratado*, e Manoel Botas, o *intelligente* das touradas, que levava a guitarra para fadear no momento psychologico.

O Botas aguardava-os na *Tendinha* do Rocio, e d'ahi seguiam para o *Colete Encarnado*, no lado oriental do Campo Grande, onde se banquetevam com o bello peixe frito e a salada concomitante. Não iam esperar os toiros a Friellas, nas tardes de espera. Nunca passavam além do Campo

canço no Campo Pequeno. O conde da Anadia era o typo de *gentil-homem campagnard*, o modelo da delicadeza e fidalguia, e embora se dêsse com certa roda inferior á sua gerarchia, sempre se soube manter no seu logar e respeitar-se, tal qual o conde de Vimioso.»

Havendo menos toleima e pedantismo que actualmente, alli todos os aficionados se conheciam, cumprimentando-se e fraternizando. Ninguem se admirava de vêr um fidalgo de velha linhagem trocar impressões dos touros com um humilde operario, não perdendo por isso a sua posição social, como depois, em

distinctos grupos, esses mesmos fidalgos applaudirem os melhores cantadores de fado



VICTORINO MARQUES



A GUARDA MUNICIPAL, NA CAUDA DOS TOUROS, NA CALÇADA DE CARRICHE

Grande, abancando n'aquella casa de pasto, que já tinha a meza posta para elles, e alli esperavam a passagem do gado para o des-

nas suas harmoniosas e predilectas cantigas ao som da guitarra querida!

Porque as *esperas de touros* não consis-

tiam só em levar ou acompanhar o gado á praça. As *esperas* eram como que o motivo para se passarem algumas horas agrada-

Saboreando os melhores farneis, escutavam-se as bellas e estridentes vozes do *Campanudo*, do *Caetano Calcinhas*, do Pa-



OS AFICIONADOS, EM TRENS E EM BICICLETAS, SEGUINDO OS TOUROS NA CALÇADA DE CARRICHE

veis, que tinham começo em Friellas, ao sabbado á tarde, e terminavam na madrugada de domingo, dentro da praça.

E por isso, nas vespervas de corrida, partiam sempre pelo meio da tarde para o Campo Pequeno não só a fina flôr dos aficionados como os mais conhecidos e applaudidos cantadores, ahi se

conservando, uns e outros, quasi que até ao levantar dos touros, sem que a mais pequena nota desagradavel desgostasse os assistentes.

*tusquinho*, *Augusto Pelludo*, *Mesquita Torto*, *Manoel Serrano*, *Palhinhos*, *Paixão*, *Martins do Café* (actual director das corridas do Campo Pequeno), *Manoel Cadete* (que foi um bandariheiro distincto), *Albernó*, *Augusto Diguidão* e *José Petiz* (que tambem vimos tourear sob os nomes de *Augusto Maria Monteiro* e *José Maria da Costa*), *Levy*, *José Augusto* (que depois cognominaram *dos Sermões*), *Ribeirinho* (que mais tarde foi actor no theatro da



JAYME HENRIQUES



ALFREDO TINOCO

Trindade), José Maior (grande artista de ta-lha), e como que para supprir de algum modo a falta da celebre *Severa* (que tanto se distinguiu n'este meio com o conde de Vimioso e o conde da Anadia, e ainda hoje é recordada com saudade por alguns velhos amadores), as mundanas Emilia Mendes (mais conhecida pela *Emilia Midões*), *Cesaria de Alcantara*, *Borboleta*, Maria José, a *Formiga*, e Maria do Car-mo, a *Cartuxa*, que acompanhavam os celebres guitarristas João Maria dos Anjos, *Antonio dos phosphoros*, *Visinho*, Peixoto, *Luiç Petroline* (discipulo do celebre João Maria dos Anjos), *Zaraguitana*, etc.

E só ahi pela uma hora da madrugada terminava esta interessante parte, porque tinha que se levantar o gado para o condu-zir á praça.

A essa hora, pouco mais ou menos, pro-cedia-se ao levantar dos touros, que eram levados vagarosa-mente pela estrada do Rego até ás portas de Arroyos, por onde entravam, descendo a calçada e rua do mesmo nome em direcção ao largo de Santa Barbara, onde os campinos começavam a apertar o gado, até ao Paço da Rainha, e o obrigavam, á força de pampilho, a entrar na praça na *ponta da unha*, servindo-nos da phraseologia caracte-rística da gente campesina.

No tempo da empreza Victorino Marques, quando os touros chegavam á praça já o in-telligente aficionado e entendido empresario ha muitas horas alli se achava, investigando com os seus proprios olhos se tudo estava na ordem.

Victorino Marques foi o empresario que

por mais largo espaço de annos teve de renda a praça do Campo de Sant'Anna, e o seu nome está tão ligado á historia d'aquelle circo, que ainda hoje não é natural falar-se d'esta sem se citar aquelle.

O grande aficionado não só era um em-prezario modelo, como um director de cor-ridas por demais experiente, sendo as suas ordens sempre acatadas e respeitadas por todos os artistas.

O publico, porém, é que nem sempre procedia assim, pro-testando ás vezes com certa severidade, pro-ferindo os maiores improperios, impossi-veis até de descrever, mas Victorino Mar-ques nem por isso se desconcertava ou perdia o sangue frio, antes mandava prose-guir a lide com a sua imperturbavel sereni-dade.



D. CAETANO DE BRAGANÇA

A' partida dos tou-ros do Campo Pequeno, seguia-os sempre o costumado acompa-nhamento de cavallei-ros e trens. A's por-tas de Arroyos, po-rém, depois de passar o gado, só aos cavalleiros é que era per-mittida a passagem

n'essa occasião, tendo as carruagens que aguardar dez a quinze minutos para pro-seguir a viagem.

Era então, n'essa pequena paragem, que nascia o verdadeiro entusiasmo entre os maiores *batedores*, cujos nomes — uns proprios, outros *de guerra* — já atraz citámos, disputando todos a primazia de chegar em primeiro lugar ao Campo de Sant'Anna.

O leitor que não assistiu a nenhuma *espera de touros*, não chega com certeza a imaginar o quanto esse espectaculo tinha de bello e de interessante; de pittoresco e de portuguez; mas muito menos calculará o

tempo que uma tipoia gastava das portas até ao Campo de Sant'Anna.

Desgraçado de quem tentasse atravessar uma rua á passagem d'aquella alluvião de carruagens, n'uma carreira doida, sem precedentes, pois era mais do que certo que todas lhe passavam por cima!

A's vezes, alguns caleches chegavam a dar-nos a impressão, que das quatro rodas em que assentavam, simplesmente uma tocava na calçada. Outras ocasiões, tão proximos vinham uns dos outros, e os da frente fazendo taes *zig-zags* para que os que se seguiam não lhe pudessem passar por diante, que não sabemos como se não chocavam muito mais vezes!

Se por essa época já existissem automoveis, é de crêr que não gastassem menos tempo do que aquelle que qualquer *Paço d'Arcos* ou o *Arreda* levavam do ponto de partida até á praça!

Havia então o costume de offerer uma *bandeirinha* ao cocheiro que primeiro chegasse ao Campo de Sant'Anna, que era aguardado por certo individuo que a entregava ao vencedor, sendo este muito victoriado por esse

motivo.

A *reliquia*, porém, não passava por consistir as mais das vezes senão n'um simples lenço espetado na ponta de uma canna, mas que, muito embora sem

valia, o seu verdadeiro possuidor, orgulhoso, acenava e mostrava cheio de contentamento.

O que é digno de nota, é que esse entusiasmo se estendia tambem aos aficionados

que a carruagem tinha conduzido, os quaes, por tal feito, gratificavam sempre generosamente o *heroe* d'essa *espera*.

\* \* \*

Muitos amadores d'este divertimento havia ainda que, se por qualquer motivo não podiam ir até Friellas ou até ao Campo Pequeno, não faltavam comtudo á entrada dos touros na praça. Esses, iam para alli muito antes dos bichos

chegarem, ahi pelas dez horas da noite.

Quando, pois, os simples aficionados e os cantadores que vinham do extremo da viagem chegavam ao Campo de Sant'Anna, já lá encontravam conhecidos e antigos companheiros, como o velho Quintana (amigo intimo de Victorino Marques), Manoel, Antonio e Rodrigo Monteiro, Bordallo filho, o Manoel Paulisson e o *Reis Pequeno*, o *Cesario Gargalhadas*, o *Preguiça* e o *Manoel do Botequim*, o Roque bandarilheiro e o *Jeronymo Alfaiate* (ex-empresario da praça da Moita), o *Titinhas*, etc.

Já tambem, nas bancadas e no salão da praça, alguns cantadores, que tanto podiam ser José Maior como o *Joaquim Serralheiro*, a



LEOPOLDO FINZI



MANOEL CADETE



JOÃO CARLOS MARTINS

Nifa como a *Chica dos Camarões*, tinham deliciado os assistentes com as suas cantigas.

Era alli que o *Ribeirinho* entoava sempre, em primeiro lugar, a sua cantiga predilecta, intercallada com os muitos seus *ai i ó é*:

*Amor é sonho que mata  
Perfume que se esvaece,  
Madeixa que se desata,  
Sorriso que se esvanece.*

O *Augusto Pelludo*, que a esse tempo já tinha largado os freguezes, cantava em estylo dolente a sua:

*Com a minha mão direita  
Fiz uma cova no chão,  
Para enterrar os meus olhos  
Que tão desgraçados são!*

E o *José Petiz*, o seu fado, muito gritado:

*Tu nunca me abandonaste  
Meu pobre, meu fiel cão,  
Os homens, esses fugiram,  
Tu mostraste gratidão.*

Depois o *Augusto Diguidão*:

*Rapazes quando eu morrer  
Gravem-me na sepultura:  
«Aqui jaz Augusto Monteiro,  
Que morreu sem ter ventura.»*

E o *Levy*:

*O' minha pombinha branca  
Não te deixes agarrar  
Que depois de tu estares presa  
Ninguém te pôde soltar.*

E por fim o *Alberνό*, que começava assim:

*A guitarra é um instrumento  
Que nos fala ao coração,  
Do pobre e rico adorada,  
Por ella sinto paixão.*

A's vezes, tambem se cantava em duetto. Principiava então o *Martins do Café*:

*Salta lá uma com ellas  
Azeitonas, pão e vinho*

respondendo-lhe immediatamente em gallego o *Mesquita Torto*:

*Bai, xenhor, prante-se á meja  
Xá bai tudo n'um instantinho.*

Os amadores, porém, nunca se podiam contar como certos, aqui ou alli. O que quasi se podia affirmar, é que aquelle que não tinha sido visto no Campo Pequeno, lá estava já dentro da praça.



JOSÉ MAIOR

Comquanto todos os trovistas tivessem muitos admiradores, o bandarilheiro Manoel Cadete contava com um grupo especial que o apreciava extraordinariamente não só nos descantes ao fado, como na exhibição de *malagueñas*, que dançava e cantava com summa graça.

O que nunca, porém, o popular artista deixava de fazer ouvir era a sua cantiga de resistencia:

*A' minha familia peço  
No meu acto derradeiro,  
Me levem p'ra sepultura  
Com o fato de toureiro.*

Um fado original do mesmo Manoel Cadete, cantado pela *Nifa*:

*Eu não quero amor toureiro  
Só se mudar de sentido,  
Póde vir um boi matreiro  
Fica a mulher sem marido.*

E de facto mudou de sentido, porque mais

tarde viveu em commum com o bandarilheiro *José Petiz*.

A morte do *Maradas*, dos cocheiros batedores mais procurados no seu tempo para as *esperas de touros*, tambem foi feita uma

cantiga de fado por Carlos Peixinho (irmão do Peixinho pae), e por elle cantada, cujo mote é:

*A' praça da Nazareth  
Foi o Maradas cocheiro  
Por três tardes de tourada  
Lá servir de cavalleiro.*

Duravam estes descantes geralmente até proximo das quatro da madrugada, a não ser em vespas de beneficio — presentemente denominam-se festas artisticas — em que se prolongavam até de manhã, por que n'esses dias quasi sempre se lidava um garraio por amadores.

Apenas eram tirados os tapumes que vedavam as ruas e

travessas que correspondiam com o Campo de Sant'Anna, começava a ser assaltada a casa de pasto que tão conhecida é pelo titulo de *José do Borralho*, á esquina da calçada do Moinho de Vento.

A concorrencia, n'esse momento, era composta pelos individuos que haviam presenciado a entrada dos touros junto aos tapumes e ao longo do Campo de Sant'Anna; mais tarde, pelos *habitués* de dentro da praça, porque aquella casa, em vespas de corrida, até 1881, estava aberta durante toda a noite.

Depois d'essa data é que, para obedecer á lei, a popular *tasca* fechava ás duas horas precisas, mas com as mesas repletas de freguezes, que iam sahindo á formiga e com mil precauções, para o proprietario e os commensaes se livrarem da multa applicada aos contraventores.

O prato obrigado, alli, era quasi sempre a classica *meia desfeita* de bacalhau com grão!

A melhor sociedade, essa, ao sahir da praça, dirigia-se para a casa do *José do Alinho*, proximo do Paço da Rainha, onde ia cear e fazer comentarios; outros, vinham por S. Lazaro, até abancarem no *João do Grão*, o gordalhudo tasqueiro que na Carreirinha do Socorro tinha a celebre casa no logar,



O «ALBERNÓ»



AUGUSTO MARIA MONTEIRO



JULIA MENDES RECORDANDO A «SEVERA»

pouco mais ou menos, occupado hoje pelo armazem Val do Rio, em frente do restaurante *Campainhas*.

Apesar de todas as precauções, algumas vezes, já no Campo dos Martyres da Patria, um ou outro touro conseguia sahir d'entre os cabrestos e escapar-se aos campinos, resultando da fuga vir internar-se na cidade.

Como é de crêr, quando isso succedia punha-se o local em estado de sitio, não deixando comtudo de se darem alguns casos engraçadissimos.

Certa occasião, por exemplo, um touro conseguiu vir parar á praça da Figueira.

Eram duas horas da madrugada. Todo aquelle vasto campo era pouco para elle, no dizer dos campinos que o seguiam e de quem mais presenceou o caso. Não houve cabaz de morangos que não fosse por ares e ventos, sacca de ervilhas ou canastra de laranjas que não rolasse pelo chão!

E o que valeu foi o caso dar-se áquella hora, em que o movimento quasi não passa de armazenar, senão com certeza mais havia que referir.

Esse touro ainda conseguiu safar-se da praça, dirigindo-se depois para o



JOSÉ MARIA DA COSTA

largo de Santa Justa, onde então o puderam laçar de uma das janellas do conhecido restaurante *Pessoa*, que ainda alli existe, sendo então conduzido á praça amarrado a um carro.

Outro touro teve artes do demonio, pois correu Séca e Méca, e apesar de muito perseguido só no largo do Rato poudo ser laçado. Tambem foi levado para a praça seguro pela cabeça a um carro.

Um outro conseguiu certa madrugada vir parar até á Carreirinha do Socorro, hoje rua Fernandes da Fonseca. Subia n'essa occasião a rua dos Cavalleiros, a passo lento, muito despreoccupado da sua

vida, o moço de qualquer padaria, levando ás costas um comprido taboleiro repleto de pão de varios preços.

O animal, vendo o pobre homem a distancia, foi direito a elle, e deitando-se-lhe ao *tal sitio* atirou com tudo pelos ares — taboleiro, pão e homem, que d'ahi a instantes jazia estatelado no chão.

Succede, porém, que a pancada não lhe fez grande moça, e o padeiro imaginou-se mas foi atacado por qualquer d'esses meliantes que ao tempo não tinham duvida de



UMA «FRESCATA»

Vêem-se no grupo o Joaquim embollador, Alfredo Felix, o cavalleiro José Bento, os bandarilheiros Sancho, João Calabça, Minuto e José da Costa, o cantador Calcinhas, o «intelligente» Carlos Martins e um amator de Montemór-o-Novo.

fazer pouco do primeiro transeunte que encontrassem e que socegradamente seguisse o seu caminho.

E então, quando ia a levantar-se e se dispunha a apanhar os bellos pãesinhos, mas já praguejando um tanto da malvadez de que fôra victima, vê dirigir-se para elle um grupo de individuos que de longe tinham presenciado a scena, emquanto alguns campinos a cavallo seguiam o animal, e antes que tivessem tempo de lhe perguntar se estava magoado, começa o



PEDRO PAÇO D'ARCOS

homem a gritar como um possesso — *Oh! da guarda! oh! da guarda!* — e quanto mais inquiriam onde lhe doía, se estava ferido, mais elle se esganichava — *Oh! da guarda! que me querem roubar!*

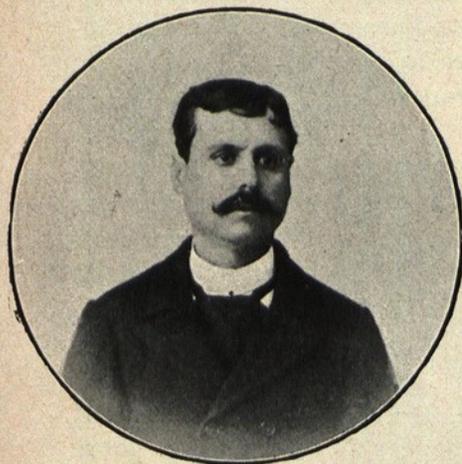
nos obsequiosamente cedidos pelo nosso preso e velho amigo, sr. Fernando Viegas.

Melhor do que a breve noticia que os acompanha, os seus magnificos clichés transportam-nos quasi á realidade d'esses tempos memoraveis das *esperas de touros* em Lisboa, pon-

portuguez, que acabou. Póde dizer-se mesmo, que acabou com a praça do Campo de Sant'Anna.

E' certo, como já dissemos, que durante ainda algum tempo os touros foram conduzidos a pé para a nova praça de Lisboa, mas nem uma só d'estas esperas conseguiu se quer parodiar uma d'aquellas.

Os instantaneos que illustram estas paginas, foram-



LUIZ PAÇO D'ARCOS



FRANCISCO PAÇO D'ARCOS

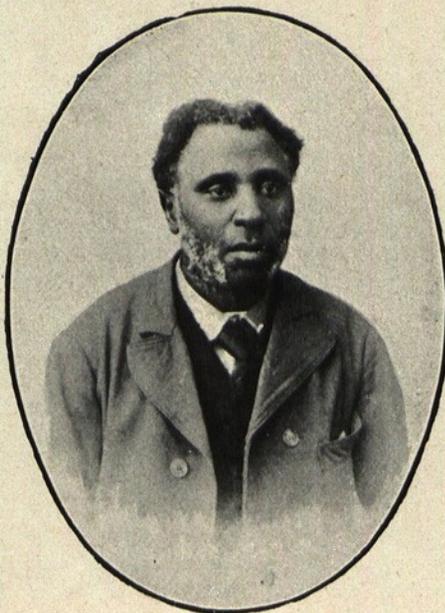
*Socorro! Aqui d'El-Rei, que me matam!...*

Calcule-se a cara do homemsinho quando socegou, e teve conhecimento do que se livrara! Nem sequer vira a côr do touro!...

Muitos outros episodios se deram, mas estes bastam para recordar esses tempos.

A *espera de touros* foi mais um divertimento caracteristico, genuinamente

Junho de 1908.



LEONARDO PRETO

do tambem e mais uma vez em destaque o seu fino gosto, e quanto o interessam os assumptos do popular divertimento. São verdadeiras telas que Fernando Viegas, um artista primoroso na photographia, conseguiu fixar no cliché, para recordação dos vindouros.

Pela gentileza da sua valiosa offerta, aqui lhe tributamos o nosso mais sincero e vivo agradecimento.

CARLOS ABREU.



O EDIFÍCIO DO THEATRO DE S. JOÃO, NO PORTO

## O Real Theatro de S. João



E é exacto o que affirma o ponderado e circumspecto escriptor Pedro Norberto d'Aucourte e Padilha nas *Memorias da serenissima princeza Dona Izabel*, a primeira vez que o publico da capital ouviu musica italiana, desatou a rir ás gargalhadas quando viu a dama, arquejante de paixão, abraçar-se ao tenor lacrimoso que guinchava lamurias n'uma angustia mortal! Passou-se isso em 1682, quando á capital chegou a comitiva do duque de Saboya para solemnisar o projectado casamento da filha de D. Pedro II, casamento que a final não chegou a realisar-se. Surprehendido com as *tramoias lyricas*, de cuja existencia nem sequer suspeitava, o lisboeta do seculo xvii não pode conter-se e, indifferente a tanta paixão e a tão atormentada angustia, acolheu com risadas de troça a representação dos cantores italianos da comitiva do duque. Por essa época, o publico de Lisboa frequentava o *Pateo das Arcas* e os collegios

dos jesuitas, onde se exhibiam as vistosas e pavorosas tragi-comedias em latim e em hespanhol de que o *Sanctus Eustachius Martyr*, do padre André Fernandes, e a *Real Tragicomedia del descubrimiento y conquista del oriente*... do padre Antonio de Sousa, são curiosos specimens. Além dos *Autos* religiosos de Pires Gonge, de Clemente Lopes, de Lopes Livreiro, de Rodrigues Lobo, dos entremezes de Coelho Rebello, de Ayres da Motta e de Miguel Leitão, o lisboeta só conhecia as pesadas tragi-comedias e as comedias famosas de Frei Francisco de Santo Agostinho, do padre José Leite, de Frei Izidoro Barreira e outros conspicuos e venerandos varões, illustres em sanctidade e saber. Não admira, pois, que esse bom, ingenuo e religioso publico sentisse coegas ao vêr uma creatura a' gemer as suas amarguras, em musica... Só muito mais tarde é que a opera italiana conseguiu ser comprehendida, convertendo-se então no divertimento elegante e luxuoso que offuscou pela sua magnificencia as mais ricas e opulentas scenas da Europa. Com a vinda a Lisboa

da italiana Petronilla e da hespanhola Isabel Gamarra, que o Cavalheiro d'Oliveira considerava *la plus belle actrice* que appareceu em Lisboa, a arte dramatica nada lucrou. O mesmo, porém, não succedeu com a celebre Zamperini, que, apparecendo na capital em 1770, de tal maneira alvoroçou os espiritos, que por amor d'ella o apaixonado Conde d'Oeiras, então presidente do Senado, lançou os fundamentos do theatro de

o bairro humido e sujo da Sé, inaugurou-se a opera italiana com uma companhia de que fazia parte, como prima-dona, a afamada Giuntini. Essa Giuntini era, no dizer d'um chronista, «uma d'essas mulheres adoraveis que fascinava, subjugava, embriagava uma platéa, sem excepção de classes ou edades». Se cá vissemos o finado padre Macedo, os perfumados e empomadados cletrigos da Nunciatura, e o filho do grande



ASPECTO DA SALA, POR OCCASIÃO DE UM BANQUETE

S. Carlos. A' famosa cantarina veneziana, celebrada pela nobreza e pelo clero que em odes ardentes cantaram a sua belleza altiva e deslumbrante, se deve, sem duvida, a fundação do nosso primeiro theatro d'opera. Esse beneficio lhe devemos e vamos lá que não é pequeno.

Se as datas não mentem, antes da Zamperini cantar em Lisboa já o Porto se regava com um theatro lyrico. Em maio de 1762, na ingreme calçada do Corpo da Guarda que da Porta de Carros communicava com

Marquez, o que não iria ahi por esse Corpo da Guarda e bairros adjacentes! Mas os poetas que ao tempo medravam pela Cidade da Virgem eram discretos e commedidos, guardando todo o seu estro para os outeiros e os festivaes natalicios. Os janotas, apaixonados pelas meninas seculares de S. Bento e de Santa Clara e pelas herdeiras dos linheiros das Hortas e dos mercadores e ourives da rua das Flores, esses não se atreviam a conquistar as comicas, — peccado tam abominavel que nenhum confessor por

mais tolerante e compassivo que fossé, seria capaz de absolver. O peralvilho do século XVIII era naturalmente acanhado, macambuzio e muito temente a Deus. Recolhia ao toque de Ave-Marias, visitava o Lausperenne com devoção, ia á Missa primeira com a familia, resava o *Terço* á noite, confessava-se pela Paschoa e, se queria exercitar algum passatempo amoroso sob o açoite duro d'um desejo que o escaldava, tinha de dar tractos á imaginação para que ninguem suspeitasse qualquer devaneio sentimental... De resto, n'essa época romantica, o Porto era um modelo de austera moralidade. O chanceller governador da justiça Francisco José Craesbeeck de Carvalho, o governador general da provincia, João d'Almada e Mello e o Cabo-Mór Mi-

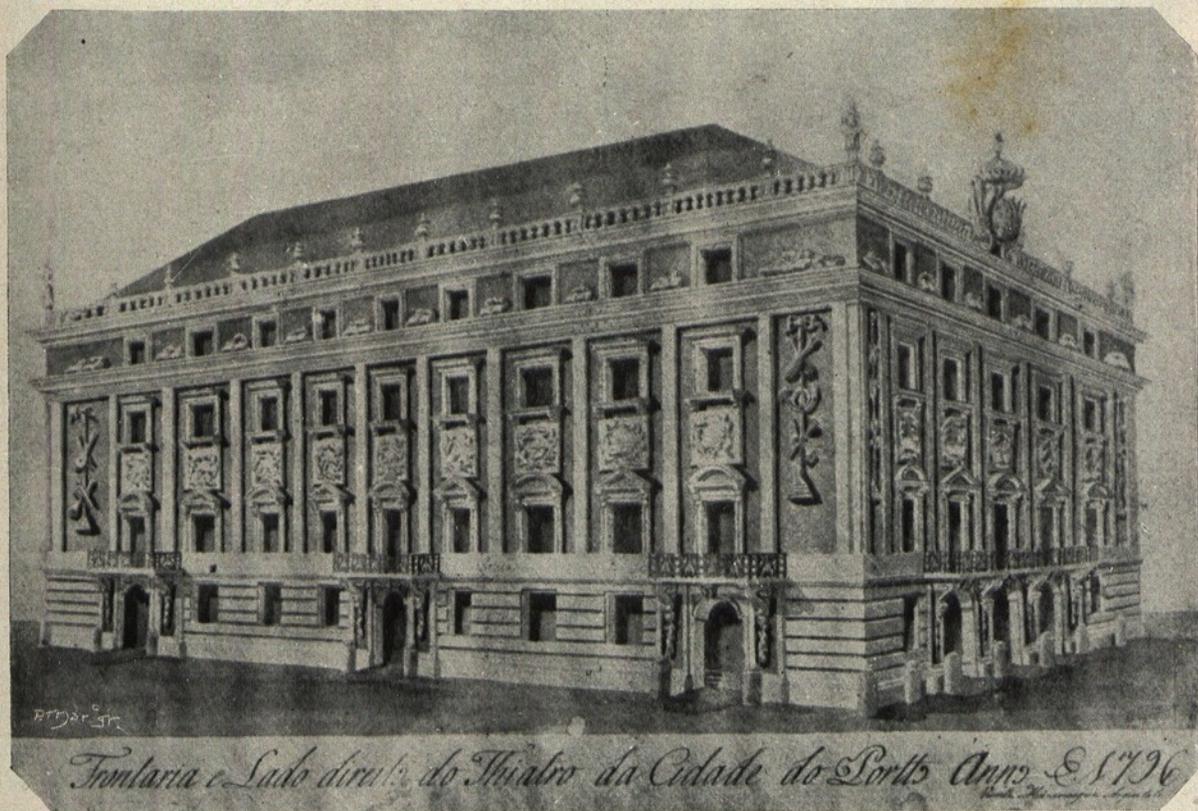


O CORREGEDOR  
D. FRANCISCO DE ALMADA E MENDONÇA

guel José de Moura, velavam attentamente pela pureza dos costumes e gabavam-se de que em nenhuma cidade da Europa se vivia com mais decoro e compostura do que no Porto. E' por isso que ninguem se esmurrou por causa da Giuntini, a «mulher adoravel de fôrmas harmoniosas». E' verdade que se murmurava muito da assiduidade d'um conego em casa d'uma fidalga do bairro aristocratico de Traz da Sé. Mas

isso deviam ser intrigas de algum inimigo de sua reverendissima e da classe ecclesiastica a que pertencia e de que era um dos mais illustres ornamentos.

Temos, pois, que oito annos antes de se ouvir em Lisboa, na Rua dos Condes, a



PROJECTO PRIMITIVO DO REAL THEATRO DE S. JOÃO

Zamperini, se ouviu no Porto, no Corpo da Guarda, a Giuntini. O tripeiro, apesar de ignorante d'essas solfas, não se riu como o alfacinha do seculo xvii, quando viu os cantores do duque de Saboya desabafarem, por musica, os seus infortunios amorosos. E' certo que a opera *Il transcurato*, attribuida, parece que com pouco fundamento, a Pergolese, o deixou como que aturdido. Mas applaudiu e parece que com calor, ficando com vontade de mais. Esse theatro do Corpo da Guarda era, como é facil de suppôr,

esse theatro, sustentou-o com galhardia e amor durante muitos annos, como sustentou tambem o barracão pavoroso onde o actor Manoel Pereira, de seu officio esteireiro, representava os entremezes mais em voga do Nicolau Luiz e do Leonardo Pimenta. Parece que o Bispo do Grão-Pará, quando esteve no Porto, viu representar o esteireiro, por que lhe chama «celebre actor comico». Um critico do tempo acha-o «pezado e truanesco». Mas pode muito bem succeder que seja o venerando Frei José de Queiroz



O EDIFÍCIO DEPOIS DO INCENDIO

um casarão desageitado e pouco limpo. O cisco e a poeira que lá se juntava foi-se religiosamente conservando porque seria, talvez, irreverencia eliminal-o pela vassoura. O inglez Richard Tusse que esteve no Porto em 1773 escreveu do nosso theatro — que era um dos peiores do reino, por ser velho e sujo! Immundo lhe chamou por essa época um chronista, por signal pouco rabugento. O que demonstra que o viajante inglez, sendo exacto, foi amavel por que empregou um vocabulario menos vexatorio do que o uzado pelo director da *Gazeta*.

Mas a cidade, dando-se por satisfeita com

quem tenha razão. Em criticos austeros não ha muito que fiar...

Esses dois theatros — o de opera e o do esteireiro — alimentaram succulentamente o pacato burguez portuense durante largos annos. Gluk, Jomelli, Piccini, David Perez, Leal Moreira, Paisiello, Cimarosa, Xavier dos Santos, Sousa Carvalho forneciam-lhe harmonias que os extasiavam. Duas vezes por semana ria perdidamente com os esgares do esteireiro no *Entremez da assembleia do Isque*, de Leonardo Pimenta, e na *Desgraça de Basofia*, do José Daniel. Se o oratorio de João Cordeiro, *Salomé, madre de*

*siette martyre Macabei*, o enternecia até á lagrima, o *D. João de Alvarado* ou *O creado de si mesmo*, fazia-o rebentar com riso. Com a sua missa aos domingos e dias de guarda, o seu Lausperenne, as suas procissões vistosas, como a de Cinza, a dos Fogareos e a dos Ramos, o seu passeio aos campos de Cedofeita, o seu Jomelli e o seu esteireiro, o burguez portuense de nada mais carecia para ser o homem mais feliz do universo. Medrava na labuta do seu commercio. Era parco e economico. Jantava ao meio dia, e uma andaina fazia quatro invernos. Casava bem as filhas. Digeria com regalo e dormia a somno solto. Effectivamente levando esta vida regalada, de nada mais carecia para attingir na terra a absoluta felicidade.

Com o dobar dos tempos, porém, as tendencias mudam e os gostos modificam-se. O Porto conhecia as peripecias succedidas em torno da Zamperini, e os esforços que se empregaram para a construcção d'um theatro onde ella podesse dominar como rainha absoluta. Quando soube que o barão de Quintella, o Bandeira, o Cruz Sobral, o Machado, o Caldas e o Sola emprehenderam a construcção do theatro de S. Carlos não quiz ficar atraz e resolveu tambem erigir um edificio que substituísse o casarão hediondo e sujo do Corpo da Guarda, com o seu cheiro chronico a azeite reles, e a barraca encardida do grotesco interprete do José Daniel, d'onde o cisco podia ser tirado aos carros... Um nobre sentimento de emulação sacudiu o burguez pachorrento e conservador. O commercio reuniu e ventilou o caso. E preparava-se para realisar o seu emprehendimento ousado, quando um poderoso auxilio se lhe deparou, simplificando o que a muitos se affigou ser impossivel.

do theatro d'opera-italiana partiu do corregedor Francisco de Almada e Mendonça. Não é bem assim. Segundo se deduz d'um artigo publicado na *Gazeta de Lisboa* (n.º 46, de 19 de novembro de 1796) foram os negociantes da praça do Porto que resolveram fundar um theatro para o que já tinham o respectivo projecto. Almada, sabendo que ao serviço do theatro de S. Carlos se achava o architecto romano Vicente Mazzoneschi, interveiu com a sua auctoridade e o seu prestigio, e convidando aquelle artista a vir ao Porto, encarregou-o de edificar o theatro. Essa intervenção arredou todas as difficuldades. Escolhido o local logo se levantou a planta que o ministro José de Seabra da Silva immediatamente devolveu approvada (*Aviso Regio de 9 de outubro de 1794*). Assumindo a si a direcção dos trabalhos, o activo Corregedor tratou de constituir uma sociedade por meio de acções, o que facilmente conseguiu por que um convite seu n'esse tempo equivalia a uma ordem. Na primeira reunião foram subscritas 313



FACHADA LATERAL

Sempre se teve como certo que a idéa da construcção

acções representando o capital de réis 31:300\$000. Mais tarde, e como o capital estivesse já exgotado, fez-se segunda entrada (29 de dezembro de 1797) elevando-se o capital a 53:950\$000 réis. Foi com este dinheiro que se construiu o theatro, no terreno pertencente á antiga Cortina do Muro da Cidade, entre as viellas dos Entrevados e do Captivo. Parte do terreno era da nação, que o cedeu gratuitamente a quem n'elle quizesse edificar (*Provisão da Junta dos Tres Estados de 30 de abril de 1794*). O restante estava occupado por cinco predios pertencentes a D. Anna Clara do Levante, Maria da Conceição, padre Francisco José Ribeiro Carlos, José dos Santos Rangel e Maria Joana. Por sentença de 31 de maio de 1796 foram essas casas expropriadas, pagando a sociedade a quantia de 3:276\$320 réis em que foram officialmente avaliadas.

N'esses tempos, em que a vontade de um só homem predominava sobre todas, sem o auxilio de Almada, nada de certo, se conseguiria. A tentativa dos negociantes teria fatalmente fracassado se o Corregedor não a patrocinasse. O capitalista tripeiro era desconfiado e só dava o seu dinheiro quando farejava um bom juro. De resto, o theatro, como especulação mercantil, só lhe inspirava pavor e receio. Os prejuizos sociaes eram tambem grandes, e os espectaculos publicos considerados pelos individuos de mais exaggerados escrupulos religiosos, passatempos nocivos á salvação da alma. O burguez mais piedoso só abria a bolsa para as despesas da sua irmandade, por que tinha a certeza de que procedendo assim preparava um logar especial na bemaventurança eterna. O theatro aterrava-o como logar de perdição, condemnado pelos concilios e pelas constituições dos bispos. Fossem só os negociantes a tratar da edificação e nada conseguiriam. Apesar de todo o seu enorme prestigio, Almada não conseguiu que fosse integralmente pago todo o capital subscripto. No velho *Tombo* do theatro não figuram os nomes dos accionistas que assignaram as apolices n.<sup>os</sup> 29, 110, 137, 154, 200, 224, 406, 422, 427, 473 e 555, e não figuram pela simples razão de que não pagaram. Os subscriptores omissos foram: José Pinto da Cunha, José Luiz Coelho Almeida, Mathias José d'Almeida, Manoel

Luiz Cardoso Silva, José Francisco dos Santos Maia, A. Donnadien, Antonio Bernardo da Silva, Antonio Duarte de Moura, Francisco Baptista de Araujo Cabral Montes, João Pedro Salabert e J. Ferreira de Castro. Estes individuos, que estiveram na Casa Pia onde se inscreveram como accionistas, não pagaram. Calcule-se o que succederia, se á frente dos trabalhos não estivesse o grande Corregedor . . .

Concluido o edificio, com as modificações obrigadas pela falta de dinheiro que não permittiu que fosse seguido á risca o plano primitivo, foi o theatro de S. João inaugurado a 13 de maio de 1798. Como era então uso e costume, sahiram da Casa Pia uns bandos que percorreram a cidade annunciando o sensacional acontecimento. E, como em igual mez do anno de 1762 succedera, as damas e os peralvilhos laboriosamente cuidaram das *toilettes* com que deviam apresentar-se na solemnidade magestosa. Os cabelleiros e os perfumistas andaram n'uma roda viva, e as costureiras não tiveram um momento de folga. Na noite de 12 de maio as damas que tinham de ir ao theatro não se deitaram para não desmanchar os altos e vistosos penteados! A anciedade era enorme, e para que á festa nada faltasse, juncaram-se de espadanas e hervas aromaticas as ruas que conduziam ao theatro. como em dias solemnes de procissão.

Na noite de 13 de maio, o largo fronteiro ao theatro estava apinhado de cadeirinhas. Uma força de infantaria fazia o serviço de policia. O povo, em grandes magotes, apertava-se para vêr entrar as damas que, ao descer dos grandes carroções, mostravam o sapatinho de setim. . . Na fachada do theatro, entre lumes, resplandecia o retrato do principe regente que n'esse dia completava 31 annos.

Davam as 8 horas na torre da velha Sé quando a força militar, á voz de sentido, se perfilou. Uma girandola estalou no ar, e logo a multidão correu para a porta principal para vêr entrar o Corregedor, muito grave e solemne, com a Cruz de Christo ao peito, que chegava ao theatro acompanhado pelo general das armas, pelos juizes da Relação e pelo senado da Camara. Quando Almada appareceu no seu camarote, toda a gente se levantou, n'um cum-

primento carinhoso. O presidente do senado ergueu os vivas do estylo. E logo principiou o espectáculo com o *Elogio* em verso do bacharel Soares d'Azevedo *O mau gosto destruido ou o Porto desaffrontado*, a que se seguiu a comedia *Os militares heroes ou as vivandeiras illustres*, terminando a funcção com a farça *A dama astuciosa*, uma embru-

via muito, agradecia o novo melhoramento com que o engrandecera. O heroe da noite era realmente elle por que sem o seu auxilio nada se teria conseguido.

A administração do theatro conservou-se até 1805 a cargo da Provedoria. N'esse anno os accionistas nomearam uma gerencia, subordinada á auctoridade. Os encar-



O INCENDIO

lhada faceta no genero das peças tão applaudidas do José Daniel e do Leonardo Pimenta.

O theatro estava litteralmente cheio e rendeu, n'essa noite, 751\$280 réis, o que para aquelle tempo era uma somma consideravel.

Estava, pois, realisado o desejo do grande Almada. Quando o publico, n'um intervallos, o saudou com enthusiasmo, o Corregedor recebeu essas homenagens, de pé e sorrindo. Eram justas. O Porto que lhe de-

gos, porém, cresceram, e depois da morte de Almada as dividas ascendiam a doze contos de réis. Pensou-se n'uma loteria, idéa que depois, em 1808 e em 1824, se pretendeu realisar. Mas o grande Almada já não existia e por isso nada se conseguiu apesar de todos os esforços empregados para desembaraçar as administrações das difficuldades com que luctavam. Em 1821 é que o theatro passou a ser administrado por uma gerencia eleita em assembléa geral dos

accionistas, sem dependencia da auctoridade, resolvendo-se depois que a casa podia ser explorada por qualquer empresario que

principia a historia pittoresca e agitada d'este theatro. Até ahi as companhias que n'elle funcionaram não forneceram á chro-



A BOMBA A VAPOR — A' ESQUINA O ULTIMO CARTAZ

quizesse sujeitar-se ás condições impostas. D'este modo as receitas foram augmentando conseguindo-se, com muito tino e economia, ir diminuindo a divida que pesava sobre o theatro.

..

Como dissemos, os trabalhos de construcção foram dirigidos pelo architecto Mazzoneschi. O panno de bocca era do grande pintor Domingos de Sequeira e foi substituido, em 1821, por outro pintado pelo artista hespanhol João Rodrigues. Interiormente o theatro era lindo, um dos mais alegres e bem delineados da Europa. Com as successivas reformas que as suas gerencias lhe fizeram, especialmente as que se realisaram ha annos, quando o seu administrador Manoel Vieira de Andrade ampliou os salões e rompeu o magnifico atrio que substituiu o primitivo, o theatro de S. João ficou, como sala de espectáculo, um verdadeiro encanto, pela graça leve dos seus adornos. Por essa occasião modificou-se tambem o *plafond*, que foi pintado pelo scenographo Manini.

A partir de 1820 é que, a bem dizer,

nica nenhum episodio digno de nota especial. Os espectaculos que n'elle se deram, com as peças do velho repertorio, decorreram sempre n'uma pacatez fradesca. Com as agitações da politica e as paixões que dividiram os homens é que principiou a animação que, no decorrer dos tempos, se devia transformar em verdadeiras batalhas ruidosas. Uma das primeiras manifestações de vida foi a recita realisada em agosto de 1820, para celebrar o glorioso movimento politico que n'esse anno tão profundamente agitou e commoveu o paiz. Na noite de 24 d'aquelle historico mez, a companhia que então funcionava representou o *Elogio* em verso, *O Patriotismo*, que terminava com uma allegoria engenhosa: «no alto viam-se os retratos da familia real, e no centro o Porto como assombrado ao vêr nascer o sol no signo do Zodiaco proprio do mez de agosto e n'elle marcado o para sempre memoravel dia 24, dirigindo-lhe ao peito aquelle astro luminoso raios que diziam — viva el-rei pela constituição — ». N'um camarote assistiam á recita os generaes Cabreira, Sepulveda, Gil e outros que tomaram parte na revolução. No dia seguinte, e com a assis-

tencia d'aquelles militares, cantou-se uma opera á qual se seguiu um bailado que terminava por um quadro em que apparecia o retrato do rei no templo da Gloria tendo ao lado o Porto e na base inferior a legenda: — Viva el-rei! — Viva o Supremo Governo! — Vivam as côrtes! Viva a Constituição —. Um dos artistas, descendo ao proscenio e voltando-se para o camarote dos generaes, recitou:

Dias dourados, que viu Grecia e Roma  
vão ser teus dias — Lisia afortunada,  
tocou nos ceus a tua voz magoada  
desfez-se a treva, nova luz assoma.

Cessou dos males a infinita somma  
cahiu da intriga a mascara dourada.  
A prisca liberdade aguilhoada  
das mãos do Porto, ó Lisia, hoje retoma.

Cheio de gloria, laureada a frente.  
Já não é esta, ó Lisia, a vez primeira  
que elle os ferros quebrava á lusa gente.

Gostosa acceita... indomita barreira,  
que mais vivas oppressa, não consente...  
Eil-os alli — Sepulveda e Cabreira!

O entusiasmo foi delirante. E quando o presidente do Supremo Governo Antonio da

Silveira Pinto da Fonseca, ergueu vivas aos heroes, ao Porto, ao rei, á Hespanha, á Inglaterra, «falavam os olhos arrasados de lagrimas», no tocante dizer do *Nacional*.

Como esta, outras recitas patrioticas se seguiram, entremeadas de espectaculos que ficaram memoraveis pelos episodios que os alegraram. Em 1822 era empresario o primeiro buffo Francisco Nicolini que, vindo para o Porto em 1815 escripturado por Placido Lino dos Santos Teixeira, que falliu antes de finda a temporada, organisou companhia protegido por Antonio Bernardo de Brito e Cunha (em 1828 enforcado na Praça Nova). Pelo Carnaval cantou-se o *Barbeiro*. Tres espectadores da platéa combinaram-se para obrigar o baixo Antonio Desiró, quando atacasse a aria da *Calumnia*, a não chegar ao fim. Effectivamente, logo que o artista entrou em scena, os tres espectadores principiaram a fazer caretas, momices e esgarres. Desiró mal podia conter o riso. E não concluiu a peça. Ora n'um camarote estava o desembargador Lacerda, magistrado rispido e cabeçudo que, não gostando da brincadeira, ferrou com os tres foliões no Aljube, onde os conservou durante 8 dias... N'esse tempo a liberdade individual estava á disposição de qualquer Lacerda impertinente. Pouco depois, a companhia cantou a *Prova d'uma opera séria* (a conhecida zar-



RUINAS DO ATRIO

zuella *Campanone*), com os artistas Paulo Boscoli e Nicolini nos papeis de maestro e poeta. Uns inglezes que assistiam ao espectáculo tão entusiasmados ficaram, que os applaudiram atirando-lhes peças d'ouro do valor de 6:400 réis cada uma!

Omittirei, por menos ruidosas, as peripecias succedidas desde 1822 a 1839 em que o baritono Spech desceu á platéa para esbofetear um *dilettanti* que se rira quando o artista cantava o *Eri tu* da opera *Un ballo in Maschera*, de Verdi. Estamos agora em 1844. Da companhia lyrica fazia parte a cantora Jenny Olivier, então muito intimamente ligada ao marquez de Niza. No *Do-*

Tenho visto correr toiros  
sem motim, sem algazarra:  
Viva a plateia que marra  
quando o vinho tem nos coiros!

O publico ficou furioso e respondeu tambem no mesmo tom. Da alluvião de versos com que os *habitués* do theatro flagellaram o celebre descendente de Vasco da Gama, escolherei os seguintes:

CONTRA VENENO

*Deixae em paz descançar  
as scinças do illustre Gama.*



ARCOS QUE DAVAM ACESSO A ENTRADA DA PLATÉA

*minó Noir* essa artista foi pateada. O illustre fidalgo pretendeu em desaffronta da sua dama, entrar no palco e d'ahi, com o seu chicote, desafiar o publico. Achando, porém, que a provocação seria violenta, mandou no dia seguinte distribuir pelo theatro a seguinte decima:

Esta do Porto plateia  
é toda de gente fina,  
Já birrou com a menina  
fez motim de patuleia:  
Com patas é que pateia  
e a polidez é de moiros.

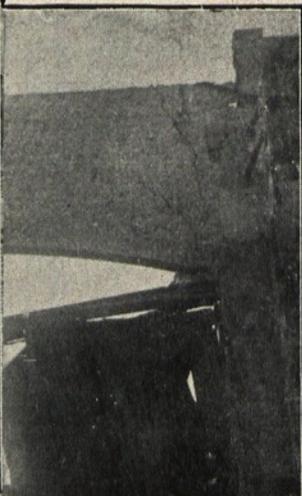
Querer a empreza increpar  
é refinada esperteza:  
n'esta questão a empreza  
*deixae em paz descançar.*  
Tem sim culpa em tolerar  
quem urdiu indigna trama,  
quem despreza a honra, a fama,  
*Chichisbeo* muito incidente  
que deslustra e assim desmente  
*as cinças do illustre Gama.*

Niza não incommodou mais o Parnaso para replicar. Foi para Lisboa com a linda Jenny que, ahi por 1850, estando no Rio de

poesia e a arte, a primeira desfez-se em sonetos e em decimas, e a segunda n'uma corôa de ouro, que um grupo de *dilettanti* lhe offereceu no palco, emquanto, debruçado n'um camarote, um poeta bradava :

Salvé, filhos do Douro ! Honra  
vos seja  
que á princesa do canto honraes  
d'est'arte !

Em 1849, serenado mais o paiz da tremenda convulsão politica que o agitou, tomou a empresa do thea-



Janeiro, atraçou o marquez... casando com um negociante que a cobriu de joias!

Mas o grande acontecimento da época foi a festa da celebre Rossi Caccia (20 de julho de 1844), a *decima-musa*, como lhe chamou um poeta, celebrando, n'uma ode tremenda, os seus meritos e mais partes. Congregada em tão ruidosa apothose a



tro um tal Antonio José d'Oliveira Basto, alcunhado o *Cosido*. Trouxe elle ao Porto, como prima-dona, a florentina Elisa Gambardella que formou em volta de si uma côrte de adoradores. Mulher d'esp'rito pratico, soube rodear-se de individuos preponderantes, o que provocou o despeito dos muitos que querendo approximar-se, tiveram de ficar a distancia respeitosa. Claro é que esses despeitos haviam de manifestar-se. E tremendamente se manifestaram, como o affirma o seguinte *Dialogo entre um parvalheira e um pulha no theatro de S. João do Porto*:

*Parvalheira*

— Diz-me vossa senhoria que mulher é qu'ali 'stá, que amostras de vozes dá esfarrapando a harmonia ?...

*Pulha*

— O senhor não o sabia ?...  
— E' uma tal Gambardella...

*Parvalheira*

— E que suciata é aquella que a applaude loucamente ?...

*Pulha*

— Pois não sabe ?... aquella gente é a que toma chá com ella!

Foi d'arromba a vingança! E de tal modo ella beliscou os adoradores da cantora que o Noronha, ainda apparentado com o Brown, apanhando um sujeito que rabiscava no *Braz Tisana* e presumindo n'elle o auctor do dialogo insolente, encheu-o de bofetadas e de pontapés.

O pobre do *Cosido* que passou a ser *frito* por desgostos de toda a ordem, abandonou a empreza ao italiano Lombardi que, promettendo maravilhas, trouxe uma companhia mediocre. As primas-donas eram a Luiza Abbadia e a Luiza Bianchi. Logo se formaram partidos, sendo o mais aguerrido o da Abbadia. Em certa noite que as duas cantavam, a Bianchi foi pateada tão estrondosamente que o barulho dos pés abafou as palmas. Assim offendida por um bando de

malcreados, a artista estremeceu e desmaiou. Quando voltou a si soffreu uma crise nervosa tão intensa e duradoura, que os medicos aconselharam a desventurada senhora a que partisse para a Italia. Effectivamente partiu, doente, e com as suas faculdades bastante transtornadas. Esta é a parte tragica da época. A parte burlesca está na decima seguinte em que o publico rehabilitava o *Cosido* da empreza anterior:

Fez-se outr'ora crua guerra  
ao *Cosido* & Companhia,  
e com bulha e gritaria  
acabou a empreza sua!  
Eis que nos mares fluctua,  
vapor de guerra, emprestado,  
chega o Lombardi afamado,  
traz o que temos ouvido...  
Oh! Porto, foste comido!  
Oh! *Cosido*, estás vingado...

O publico tinha razão. A' grande cantora Angela Clara Belloni succedia-se a Abbadia, que desafinava constantemente, no aspero dizêr d'um critico. E como se isto fosse pouco, o tenor não tinha voz e o baritono esquecera-se d'ella, quando sahiu de casa...

Vieram depois as épocas brilhantes, agueridas, apaixonadas, turbulentas, da Giordano e da Ponti, com todos os episodios galantes urdidos á volta d'essas creaturas, as ceias da Ponte da Pedra, uma das quaes perturbada por Camillo, insolente e aggressivo, que pegando n'uma taça brindou pela *outra*, pela que não presidia ao festim deslumbrante; os passeios pelo rio, em barcos alcatifados, com champagne e musica; as equipagens em que ellas passeavam, escandalosamente reclinadas em almofadões de setim; as joias que brilhavam nos seus collos; as mil coisas ardentes e picantes que obrigavam os janotas do tempo a dar tremendos sopapos nas burras paternas... Só essa época fornece elementos para um romance volumoso.

Vieram depois a Ortolani, a Borghi-Mammo, a Volpini, o Mongini, as Marchisios, a Flori, a Passerini, a Flori, a Dalberti, o famoso Bertolini, a Ida Benza, a Conti, a Ferni, as noites agitadas do *Eurico*, com a municipal evacuando a platéa ás coronhadas, senhoras nos camarotes com fa-

nicos, o Barnabé, tremendo, na sala, a partir cadeiras, o Gaspar do Covo, lindo moço então, a sorrir para os camarotes, sereno e impassível no meio da desordem bruta... As ultimas turbulencias, aquellas em que a mocidade dispendeu toda a sua força e galhardia, todo o seu espirito e toda a sua audacia, terminaram, a bem dizer, na época da Chiomi e da Bernardoni. Já não eram, porém, as antigas manifestações a ode e a murro; era a troça, a ironia, a chalaça. Um excellente rapaz, official do exercito e critico musical, foi o alvo das graçolas da platéa. Em certa noite espalhou-se no theatro uma versalhada de que recortamos as quadras pittorescas:

Bou cantarte prima-dona  
já que te não posso comer  
sei que quando queres palmas  
dás um osso a roer...

A prima-dona queome  
tem feito grandes apostas  
em como o Mun Kos nada faz  
porque jurou livrar-lhe as costas.

E assim por deante. E com a Bernardoni, a mesma coisa. Até houve um duello, na

Arca d'Agua, a murro, com testemunhas que batiam palmas para animar os combatentes. O que então se fez, se inventou, se phantasiou, se riu! Que mocidade a d'esse tempo e que apagada tristeza a de hoje!

Tudo isto, e o mais que se omitta, se passou no lindo theatro que o esforço d'um homem illustre ergueu para brilho e lustre da cidade que tanto engrandeceu. Uma chamma que sóbe e se alarga, e logo a ruina, a cinza, o aniquilamento. D'aquella casa onde tantos corações soffreram e tão lindos olhos choraram, restam hoje as paredes calcinadas, encobriendo um montão de destroços. Ao vel-o assim, negro e lugubre, os que n'elle passaram os alegres e dourados dias da sua juventude sentiram um grande abalo e uma pungente dôr. E' que a derrocada tambem os attingiu. O theatro de S. João desapareceu no horror d'uma catastrophe. E lá ficaram tambem, sob os escombros, as illusões e os sonhos dos que hoje caminham egualmente para a derrocado final... Aquelle edificio de tão desgraciosa apparencia, era ainda qualquer coisa que encantava, que falava á alma: um sorriso e uma caricia que enchia a vida de esperanza, por que recordava a turbulencia, a phantasia, a vivacidade do tempo em que



EM PLENA RUA — O EMPREZARIO LUIZ FARIA

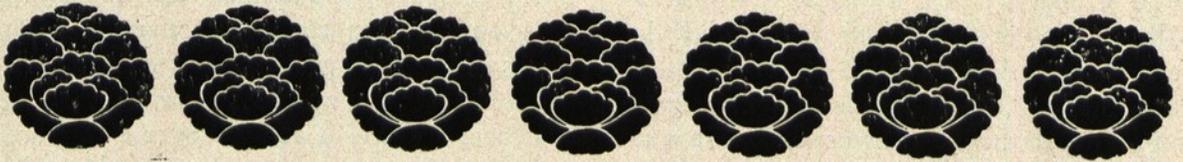
*Procurando papeis na secretaria, um dos poucos moveis salvos do incendio*

se soffre por uns olhos lindos que nos fitam com ternura e paixão. A luz bemdita que d'elle irradiava ainda allumiava e aquecia. Esse passado era um desafogo no presente, porque recordar é viver. Assim como está, negro e mudo, parecendo maior ainda na sua desoladora ruina, causa medo, apavo-

ra. E' que tudo o que rue no pó, faz pensar na miseria e na tristeza da existencia. Já lá o dizia o grande poeta, no desalento e na amargura d'um grande sonho desfeito:

*et nous voulons mourir quand le réve finit.*

FIRMINO PEREIRA.



## *Prenda de noivado*

Aquelle leque antigo foi-lhe dado  
Quando ella se chamava "a condessinha",  
Uma manhã de abril, pela madrinha,  
Como um fino presente de noivado.

Fôra o panno de seda aguarellado  
Por um Watteau qualquer que n'elle tinha  
Posto os noivos d'então, como convinha,  
Em trajos pastoris, guardando gado.

Hoje, quasi indistinta, essa pintura  
Tem já perdido o seu passado encanto,  
E a propria seda branca fez-se escura.

A pastora eil-a ahi; dormita a um canto,  
E na vaga memoria em vão procura  
O seu pastor gentil que dorme ha tanto.

Celestino Soares.



OS CONGRESSISTAS NA SALA DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA

## O Congresso de Instrucção Primaria

**D**E entre os variados symptomas de renascimento, que se estão manifestando na sociedade portugueza, destaca-se pela sua especial significação o congresso de instrucção primaria, que acaba de realisar-se por iniciativa da Liga Nacional de Instrucção. Tudo n'este congresso concorreu para o tornar importante no actual momento historico, que estamos atravessando. Em primeiro logar a sua origem constituiu-o um precioso exemplo para a orientação das nossas actividades nacionaes. Foi criação unica e exclusiva da iniciativa particular, sob a

sua fôrma mais modesta. Não teve sala propria, valendo-lhe para se reunir a generosidade da Sociedade de Geographia. Não teve receitas suas, sendo ellas suppridas pela boa vontade e pelo trabalho indefeso de alguns, poucos, entusiastas e crentes. Não mereceu ás entidades officiaes a honra ao menos de uma ephemera comparencia, que podésse significar sympathia ou adhesão... E no entretanto, apesar de tudo isto ou talvez quem sabe? por causa de tudo isto, alcançou extraordinario exito, devendo ficar memoravel sobretudo como tentativa. E' esta a primeira lição que resalta da reunião do congresso. De hoje em diante sabe-se que

existem no povo portuguez energias sufficientes para que elle possa, mesmo desajudado dos governos, emprehender por si só a obra urgente da sua regeneração. Tudo depende de querer ou não querer realisar um acto de vontade. O que se faz hoje a proposito da instrucção primaria, repetir-se-ha ámanhã, se não affrouxarmos o nosso esforço, a proposito da instrucção superior e secundaria, a proposito da arte, a proposito da industria, a proposito da agricultura, etc.

A segunda lição, que o congresso nos deu foi o apparecimento da mulher e do operario, como collaboradores cheios de talento e de fé na obra collectiva, a que até hoje tem faltado este duplo e sympathico auxilio. Com effeito pôde dizer-se sem lisonja e sem exaggeração, que o acontecimento capital das reuniões que acabam de se realisar na sala Algarve, fôram os discursos de duas senhoras e de um operario, cujos nomes teem de ficar impressos em letras de ouro nas actas do congresso. Uma verdadeira mulher de sciencia expôz com a clareza modelar de propagandista e o communicativo calor de apostolo o credo hygienico, que de hoje em diante tem de ser o evangelho das novas gerações femininas. Outra mulher, em sentidas palavras desataviadas mas sinceras, disse-nos as coelras e as queixas das suas irmãs de servidão e condensou n'um eloquente protesto, que tem por força de ser ouvido, as injustiças sociaes que pesam sobre o seu sexo. Finalmente, um operario, de voz meiga como um Christo e de idéas avançadas como o vidente de um mundo futuro, contou-nos em aprimorada linguagem,

castiça qual se tivera saído de uma academia, as causas complexas do analphabetismo em Portugal, que não é simplesmente a falta da primeira instrucção, mas o symptoma morbido de uma doença social, que é mister combater por todos os meios se não queremos succumbir como nação independente.

Ainda que o congresso de instrucção primaria e popular nada mais tivesse produzido, bastava esta dupla consagração, inteiramente nova entre nós, para lhe assegurar logar primacial entre as prometedoras manifestações do nosso renascimento. Mas, alguma coisa mais produziu e ahi estão a attestal-o os brilhantes relatorios, que o publico terá occasião de apreciar, quando fôrem publicados na integra, e as levantadas discussões que pôdem de hoje em diante ser apontadas como modelo. Desde a vergonha nacional do analphabetismo até ás debatidas questões da educação physica na escola e do ensino civico no seu mais patriotico significado, todos os problemas que se relacionam com a instrucção da creança e com a educação do povo fôram objecto de interessantissimas discussões. Ficou-se ainda sabendo, e foi esta uma das mais interessantes notas do congresso, o que por esse paiz fóra a iniciativa particular tem feito a favor da instrucção, que é muito e que é consolador, sobretudo como symptoma. Tambem o congresso deu o fecundo exemplo da confraternisação de todos os trabalhadores n'esta santa cruzada da instrucção popular. Não só a provincia correu ao chamamento da capital, mas nas reuniões dos congressistas desapareceram todas as distincções e gerar--

chias, que até hoje tinham mantido afastados uns dos outros os trabalhadores intellectuaes portuguezes. Professores de ensino livre, de instrução primaria, de instrução secundaria e superior esqueceram-se dos seus respectivos diplomas para só pensarem na grandeza do proposito, que ali os reunia. Não houve lentes nem cathedra-ticos; não houve aristocratas da sciencia. Apenas se viram soldados do mesmo exercito da civilisação. Se alguma distincção existiu entre os membros do congresso foi a que resultou do empenho de cada um em a si proprio se exceder e em exceder os outros em zelo e em trabalho. Quer isto dizer, que o congresso de instrução primaria e popular foi um modelo de organisação e funcionamento, sem defeitos a corrigir em futuras reuniões? De

modo nenhum. Melhor do que ninguém sabem os que prepararam esta primeira e modesta tentativa, as lacunas e as imperfeições de que ella soffreu.

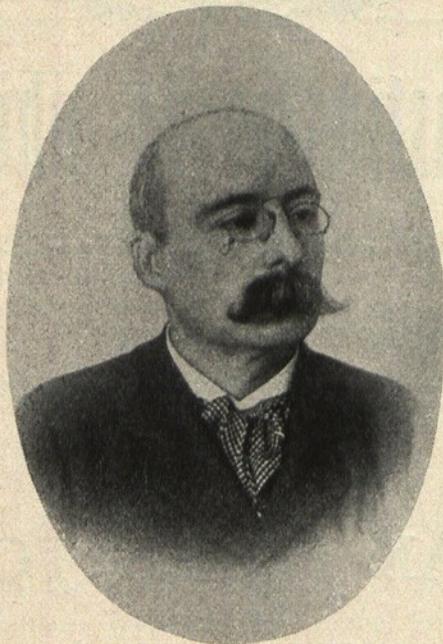
No entanto alguma cousa já é o que se fez, e que permite confiar no dia de amanhã.

O segredo do nosso renascimento como nação e como raça está achado—é a iniciativa particular ao serviço da instrução do nosso povo. Com essa iniciativa e só por ella venceremos. Por isso seja-nos licito terminar o que acabamos de escrever sobre o congresso de instrução pri-

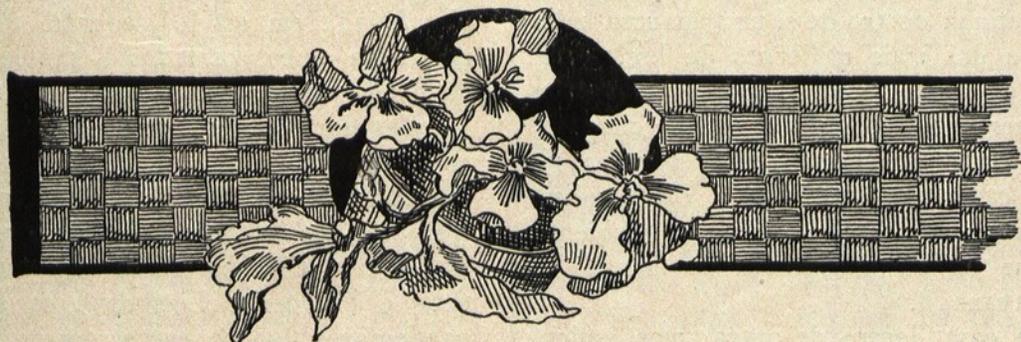
maria, promovido pela Liga Nacional de Instrução, repetindo as palavras do seu presidente, paraphraseando, ao encerral-o, a prophacia do grande Cavour á Italia renascida:

*Il Portogallo farà da se!*

CONSIGLIERI PEDROSO.



ZOPHIMO CONSIGLIERI PEDROSO  
*Presidente do Congresso*





# Os bastidores do nihilismo

Historia de um assassino, contada segundo os jornaes  
e a narrativa pessoal do seu secretario, Mr. Bruce Ingersoll

POR

MAX PEMBERTON

SYNOPSIS. — Capítulos I a IV: Bruce Ingersoll, no momento de sahir da Universidade de Cambridge, precisa arranjar um modo de vida e pagar as suas dividas de estudante. Offerece-se para secretario e é contractado por Jean Cavanagh, grande magnate dos caminhos de ferro canadianos, cujo pae foi morto pelos nihilistas em Baku. Antes de sahir de Cambridge reconhece que Cavanagh pagou secretamente todos os seus compromissos. Avista-se com Cavanagh n'um hotel londrino e fica intrigado com a excitação que causa no magnate a leitura de um jornal da tarde. Partem subitamente para «A casa do Fen», residencia de Cavanagh, mysteriosamente vedada, construcção erguida no meio de muralhas, isolada de tudo e de todos.

## V

### AS NOTICIAS DO JORNAL

A residencia do Fen era uma casa dentro de outra. As torres e ameias que vira do parque, as velhas muralhas de tijolo, as atalhas, o campanario, eram o involucro que continha dentro de si uma luxuosa habitação e das mais modernas de Inglaterra. Como é natural não esmucei todos estes pormenores na noite da minha chegada. Pouco podia conhecer d'essa singular vivenda campezina até que o dia acudisse em meu auxilio. O facto essencial, evidente, era que eu me encontrava na mansão de Mr. Cavanagh.

Uma casa dentro de outra: uma esplendida serie de aposentos, construidos um pouco á moda italiana, proximos de um velho jardim, d'onde se desprendia o perfume

das rosas e o aroma de rescendentes arbustos. Recebera esta sensação logo no vestibulo, e, quando subi por uma espaçosa escadaria de carvalho para o meu quarto, depa-rou-se-me a disposição da casa com toda a sua simplicidade. O meu quarto ficava n'uma das velhas torres, é verdade, mas para lá chegar ascendia-se uma escada ornada e almofadada em estylo moderno, e com janellas de ambos os lados — simples frestas da banda do parque, mas amplas e rasgadas janellas do lado dos roseiraeas, abertas sobre uma varanda.

Depois de me lavar e de descer, encontrei-me n'uma preciosa sala de jantar, mobilada com tão bom gosto que nenhum artista o excederia. Lembra os gabinetes particulares que se encontram nos grandes hoteis francezes, mas a mobilia revelava tão acertada escolha que satisfaria o mais exigente.

Não direi nada do jantar. Para ser franco, encontrava-me tão cansado e moido pela excitação e fadiga, que pouco me lembro d'elle. Mr. Cavanagh parecia não menos preocupado da sua parte, e a nossa conversação, versando sobre logares communs, teria sido ridicula se não fosse natural. Houve, no emtanto, um ponto que se me fixou no espirito, foi quando falou do recente julgamento do anarchista belga, No-rent, e se riu da inadequada sentença proferida pelo juiz.

— Hoje não ha coragem na Europa — commentou o meu interlocutor — se houvesse, um homem de animo exterminaria esta gente como um *terrier* mata ratos. Mas os nossos ministros temem-n'os e a policia hesita em proceder deliberadamente por causa do governo. Aqui em Inglaterra chamam á cobardia liberdade e pavoneiam-se com ella. Quando chegar o momento de despertar — e será um terrivel momento — os que perecerem serão victimas, não da oppressão, mas de dirigentes timidos. Lembre-se d'isto, Mr. Ingersoll, lê-se sempre que este ou aquelle louco assassino é conhecido da policia. Diz-se que a policia o receia, porque os ministros teem medo. A verdade é esta, mas é uma verdade que custará muito cara á humanidade.

Não me animou a responder outra coisa que não fosse uma banalidade, e mudamos de assumpto quasi immediatamente para falar nos athletas modernos e da supremacia britannica confessada pelas demais nações. Como é de suppor, exaltei os nossos luctadores, ao passo que Mr. Cavanagh, descobri eu, acreditava que o physico do americano acabaria por obter o campeonato.

— Na sua terra — declarou — a victoria é d'elles. Quando veem cá, não se encontram á vontade. Os inglezes ainda conservam a primazia no tennis, a remar e no cricket. Mas não confie muito no futuro. Devemos reccer o seu triumpho. E' conhecida a minha predilecção pelo athletismo — prefiro os lances alegres e movimentados do cricket ás lucrativas e anciosas sensações da Bolsa. Talvez me dê uma trepa ao tennis, tem os desanove annos a seu favor, mas eu farei com que puxe por mim e ha de transformar-me n'um rapaz novo. Aqui, em Waterbeach, diligencio esquecer tudo quanto não seja a saude. Quero divertir-me como

um collegial, á minha vontade. Desejo estar só e viver emancipado dos tentaculos que me prendem á vida commercial, sacudil-os por alguns dias, visto como não pode ser para sempre.

Estava-me na ponta da lingua replicar-lhe que se fosse grande a vontade de o fazer não lhe custaria muito, mas os ricos ouvem todos os dias banalidades semelhantes, e é sabido que um millionario pode renunciar tanto a opulencia como um cão as patas. Respondi, portanto, outra coisa a Mr. Cavanagh e, depois de conversar um pedaço ácerca do tennis americano e das razões porque os seus jogadores não podiam bater os nossos, o creado serviu-nos café e cigarros. Quasi immediatamente o dono da casa despediu-se de mim.

— Temos muito que conversar ámanhan — declarou Mr. Cavanagh —. Se gosta de se levantar cedo daremos uma trotada pelo parque ás sete e meia. Almoçaremos aqui se quizer. O jardineiro, o Guilherme, affirmame-me que as flores estão magnificas; venha com o seu traje de flanela. Raramente saio para fora dos portões quando resido em Waterbeach; cá dentro só se trata de passar o mais confortavelmente possivel, a gente do campo não me incommoda. Então as sete e meia para uma trotada, e quando lhe approuver para o tennis. Regosijo-me que viesse hoje; arranjarei tudo mais facilmente, o tempo não se pode desperdiçar. Boa noite Ingersoll. Peça tudo quanto necessite e veja que lhe pode agradar.

Tornámo-nos a despedir á porta da sala de jantar e atravessou o jardim em direcção dos seus aposentos que, supponho, são do outro lado. Seriam cerca das dez e meia e, sem mais nada de extraordinario, encaminhei-me para o meu quarto onde saboreei o meu cachimbo, gosto de que me privara desde que sahira do comboio em King's Cross n'essa tarde. Mal tivera tempo até ahi de examinar o meu quarto, mas reconhecia agora que era elegantissimo, e o creado, Edward, que me appareceu, informou-me que o meu gabinete ficava mesmo por baixo; que podia ir de um para outro por uma estreita escada construida no interior da torre. Mais me participou que na ala sul encontrava, além de um tanque para nadar, banhos turcos e dos outros.

— E' uma casa muito velha — explicou

— mas Mr. Cavanagh gastou muito dinheiro com ella. Creio que não ha mais bonita no campo. . . nem melhor tanto para os creados como para os amos.

— Talvez queira whisky com soda antes de se deitar ?

Sorri a tão prolixo conjunto de idéas e respondi-lhe que não tomava nada. Talvez pudesse ser mais franco com elle e insinuar claramente que a minha vaidade de jogador de tennis me inhibia de o fazer. Quem quizer presentemente ter primazia em qualquer jogo deve abster-se de beber, mas isto é puramente um assumpto pessoal, que não merece ser discutido. Quando Edward sahiu, abri a janella, fumei e comecei a ver se conseguia adivinhar a razão porque Mr. Cavanagh me trouxera a sua casa. Lembrei-me que a sua predilecção por Cambridge e pela vida universitaria o levasse a escolher-me para seu secretario e companheiro no campo. Procedera a um inquerito a meu respeito, e descobriu que eu era um bom rapaz com o contrapeso da excellente classificação que obtivera nas sciencias moraes e na faculdade de mathematica. Nenhuma explicação se harmonisava tão bem com as circumstancias e principiava a sentir-me n'um tranquilizador estado de espirito quando me lembrei da scena do hotel e do jornal da tarde que tanto o excitara. Este jornal, como se devem recordar, metterá-o na algibeira e trouxera-o commigo de Londres. Procurei-o com vivacidade, pois estava ansioso por saber que especie de noticias poderiam incommodar um homem como Mr. Cavanagh, mesmo na presença de um estranho.

Encontrei o jornal, amarrotadissimo, e devo declarar que me ria de mim proprio quando o consegui endireitar e comecei a ler. Conhecem quantas coisas veem nos jornaes da noite: locaes sobre corridas e cavallos; de quando em quando um escândalo com qualquer sacerdote; a historia de uma condessa e das suas joias; uma porção de acontecimentos com titulos espalhafatosos. Foi o que li n'aquella noite e maravilha-me que algum d'elles se relacionasse com Mr. Cavanagh. Não inseria noticias que o interessassem. Relatava um desastre de minas em França e o naufragio de uma embarcação ao largo de Vancouver. Os boatos da queda do governo enchiam co-

lumna e meia. Li um extenso paragrapho intitulado «Castigo justo» e vi que se referia a um nihilista allemão, victima elle e tres dos cúmplices, de uma explosão no seu laboratorio em Paris. A policia imaginava que esses homens planeavam um attentado contra o principe de Brandeburgo, n'esse momento em França. Tinham sido mortos pelos mesmos explosivos destinados a ferir homens, mulheres e até creanças absolutamente innocentes. Era este o resumo do incidente, e com certeza nada tinha com Mr. Cavanagh. Mas então, o que o excitara tanto ?

Atirei com o jornal para longe de mim . . . tornei a apanhal-o e rasguei-o em bocadinhos. Sentia-me um tanto envergonhado e accusava-me a mim proprio de espiar quem tão amavel se mostrara commigo. De mais, que tinha eu com os negocios particulares de Mr. Cavanagh ? A sua vida era honrada, ganhara dinheiro honestamente e todos elogiavam os seus actos de caridade. Para que profundaria eu os arcanos da sua existencia ou que vantagem tinha em os conhecer ? Esta idéa vexava-me, e, despindo-me rapidamente, apaguei a luz electrica. Certamente principiei a dormir apenas a cabeça encontrou o travesseiro.

## VI

### O GRITO NOCTURNO

Dormi um somno profundissimo mas não livre de pesadêlos. Em redor do meu travesseiro redopiava um torvelinho de idéas phantasticas formando como um extravagante panorama do passado, do presente e até do futuro. Durante um momento encontrava-me com Una na barraca da chiro-mante; de ali precipitava-me n'um voo célere para Londres em busca de um inimigo desconhecido que me ameaçava. Ou então encontrava-me no Hotel Claridge erguendo Mr. Cavanagh nos braços e levava-o secretamente, de modo singular, para um lugar seguro no campo. O projector electrico do parque seguia-me por toda a parte, illuminava-me em Londres, incidia sobre mim nas ruas escuras, rebuscava-me na cama e pesquisava cada um dos meus ossos mais insignificantes. Quando voltava a escuridão,

imaginava-me fora do parque examinando a erma residencia e que alguém chamava por mim das suas janellas gradeadas. Foi um terrível instante, pois o accento d'esse grito nada tinha de humano, e embora eu desejasse com toda a minha energia correr em auxilio d'essa creatura, não podia mover-me do sitio onde estava chumbado, nem pronunciar uma palavra para lhe acudir.

Este ultimo pesadêlo acordou-me... não sei a que horas. Era ainda muito escuro e a noite chegara ao zenith. O vento não levantava o minimo murmurio nas goteiras do telhado; reinava a mais absoluta tranquillidade, mas a despeito d'esse socego, subjugava-me a impressão do sonho. Era tal a allucinação do meu somno assim interrompido que, quasi me convenci, que a pessoa que gritara se encontrava perto da minha cama e esperava um signal meu para falar. Muitos dos leitores devem ter experimentado o mesmo. Não ha nada mais real que taes sonhos; nada é mais horrível para aquelles que soffrem d'esses pesadêlos.

Sentei-me na cama e, ás apalpadellas em busca de uma vela, accendi a luz e consultei o relógio. Era exactamente uma e meia e lembrei-me que d'ali a outra hora e meia, o maximo, amanheceria. No emtanto, apesar do meu quarto apresentar um pouco d'essas formas phantasticas tão communs ás casas a taes horas, não havia, escusado será dizer-se, nada que me amedrontasse ou que se relacionasse com as ridiculas visões que acabei de expôr. O meu fato, atirado para cima do braço de uma cadeira, conservava-se na mesma; o meu relógio batia na mesinha de cabeceira; o meu dinheiro conservava-se na mesma posição no toucador; os pedaços do jornal jaziam no fogão exactamente como eu os tinha para lá arremessado. Nenhum vestigio se descobria de qualquer intruso, nem existia o minimo signal de que não tivesse sonhado. Foi do que me convenci quasi em seguida a accender a luz, e, rindo como me succedera tantas vezes antes quando um pesadêlo me affligia, tornei a reclinar a cabeça no travesseiro e diligencieei continuar a dormir. Não o consegui por mais esforços que fizesse. Não alcancei pregar olho... e com difficuldade me conservava no leito.

Lembrei-me então de uma circumstancia que talvez fosse a causa de tão incommodas perturbações. Ao meu excellentê appetite

não correspondera uma boa digestão. Comera um lauto jantar, e comera-o depois das nove. Os duendes da insomnia, que jogavam o carnaval na minha cabeça, eram duendes creados pelos *soles à la Victoire* e *soufflé en surprise*. Foi este o meu raciocinio, depois de me debater uma longa meia hora sem poder conciliar o somno. Uma encarnizada guerra civil onde tudo devia ter sido paz, e para a terminar o unico remedio era recorrer a um livro.

Havia livros no quarto, notara-o apenas entrara. Não escapara á minha vigilante observação nem um volume das *Causas celebres* nem uma folheadissima edição da *Revolução Franceza*, de Thiers. A ultima não se recommendava como leitura para a *socga*, mas, por qualquer razão que não pretendo adivinhar, peguei n'ella e li algumas paginas n'essa celebrada noite. Quando pousei o livro ouvi segunda vez, não restava duvida, o phantastico grito. Era um brado real, afflictivo, humano, aterrado, vindo do lado opposto ao quadrangulo onde ficava o meu quarto. Avalie-se o meu pasmo. Imaginem como eu fiquei ao ouvil-o. Era um rapaz no meio de estranhos, muito inquieto já pelas suspeitas. Todas as minhas faculdades se alarmaram com os singulares acontecimentos succedidos durante as ultimas vinte e quatro horas.

Ouvira, como todos podem ouvir n'este mundo, e sem o menor vislumbre de illusão, um grito humano no silencio da noite, uma voz angustiada pela afflicção e pela dôr. Talvez presumam que o sonho me conturbava, que não me encontrava bem desperto e que não estava bem senhor dos meus sentidos. Responderei, porém, que acabava de ler Thiers, e que nunca o comprehendera melhor. Pela primeira vez na minha vida assentara na opinião que o velho Danton era a figura heroica da revolução, e lembro-me que depuzera o livro em cima da cama para fazer esse raciocinio quando ressoou o temeroso grito e eu fiquei escutando n'esse estado nervoso que só a noite é capaz de determinar. Quando tudo continuou mudo e eu tive coragem para saltar para fora do leito, tremia como um vime. Nunca até ahi me acontecera semelhante coisa.

Que seria? Que significava isso? Que voz ouvira? Lancei-me da cama abaixo para escutar, disse, mas a casa nada me respon-

deu. Dormira, sem duvida, com as janellas escancaradas. . . mas quem não dorme assim no mez de junho? Era esse o motivo porque o grito chegara até mim distinctamente, a despeito do meu quarto ficar, como imaginava, do lado opposto ao quadrangulo d'onde partira o brado. Não havia claridade em parte nenhuma, quando me dirigi á varanda examinei o jardim até os escuros muros

chamado observatorio, onde brilhava o grande projector, estava apagado a essa hora. Não divisava sequer as formas das arvores.

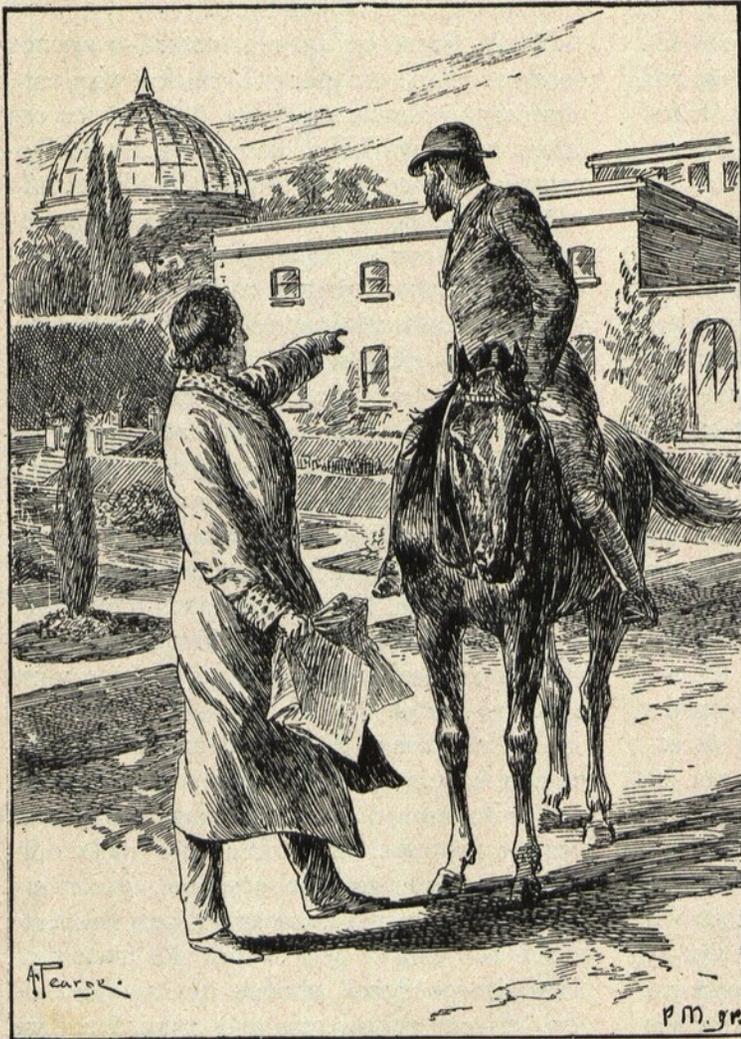
Não me demorei a descrever essa hora, pois é um pequeno periodo da minha vida. Nem sequer me lembro como decorreu. Talvez alguns momentos na cama, outros á janella, agora de um lado, logo d'outro, esperando debalde que a escuridão se dissipasse

ou que alguém me apparecesse.

Quando surgiu a alvorada saudei-a com infantil e alegre entusiasmo. Foi positivamente idolatria o que senti pelo raiar do sol. Nunca o campo se me afigurou tão bello como quando a esmaecida e debil luz incidiu nas lagoas e a terra tomou corpo pondo em relevo os campos, o rio e os bosques. Via agora, plena e completamente, o que a noite me occultara. A casa do Fen erguia-se mesmo no centro de um lago consideravel alimentado por um pequeno rio. Uniam a ilha ao continente varias pontes, uma especie de pontes levadiças dos antigos tempos, que evidentemente eram içadas ao pôr do sol. Certifiquei-me d'isto, de relance, mas decorreram alguns minutos antes que eu descobrisse uma figura no parque e mais ainda primeiro que a reconhecesse. Era o meu já citado argelino, que se dirigia montado n'um cavallo preto para uma das pontes levadiças.

Escusado será insistir no interesse com que aguardei a aproximação d'esse homem e quanto essa circumstancia despertou fortemente a minha curiosidade.

Comprehendem-n'a por certo. O facto d'esse creado andar por fora a tal hora já era um pouco singular, mas quando, depois de atravessar a ponte, se encaminhou, como eu imaginava, para o jardim interior, raciocinei que era impossivel não ligar o seu apparecimento com o grito que ouvira e não acreditar que viera ao palacio relatar o caso. Esta supposição justificou-se quando eu corri a outra janella e se me deparou Mr. Cavanagh esperando pelo cavalleiro no jardim



DUAS VEZES O VI APONTAR PARA UM CERTO SITIO

que o cercavam. Não distingui nem um ramalhar de folhagem nem o ranger de uma porta. . . nenhum ruido em qualquer parte, apenas uma escuridão opaca e um céu negro por cima da cabeça, carregado de nuvens e sem luar. Uma segunda tentativa que fiz nas frestas debruçadas sobre o parque não deu melhor resultado. Encontrava-me nas mesmas condições que se olhasse para um poço á meia noite e pretendesse ver a minha imagem reflectida na agua. O

italiano, e que começou a falar com gestos cheios de animação e de ira.

Duas vezes o vi apontar para um certo sitio na ala occidental, e immediatamente depois voltar-se e encarar o serviçal, segurando-o pela golla do casaco, como para que não perdesse nenhuma das suas palavras. Seguiu-se-lhe ainda alguma coisa mais curiosa. Mr. Cavanagh tirou da algibeira do seu comprido casaco outro numero do jornal que lera no Hotel Claridge. Batendo-lhe com as mãos, amarrotando-o com os seus dedos nervosos, endireitou-o por fim e convidou o argelino a ler um trecho por elle indicado. Nunca esquecerei o olhar de triumpho que se reflectiu no seu rosto. Apareceu-me como a indubitavel encarnação da perversidade. Não tinha sombra de motivo para o accusar, mas a accusação permanece. Suppl-o um monstro e monstro o continuei a considerar.

A impressão, comtudo, desvaneceu-se. Conservei-me á janella contemplando os dois através da claridade fria e pallida do amanhecer e vi o sol erguer-se e dourar o jardim com os seus raios. Se procedi como um espião a curiosidade desculpava-me. Não ouvi nada do que esses homens discutiram, nenhuma das causas que os juntaram quando todos dormiam. Se as suas palavras chegassem até mim não me elucidariam. As anteriores eram tão singulares que nunca as ouvira antes a ninguem. Os seus gestos assignalavam a historia de um mysterio e não me era possivel profundal-o. Quando se separaram o argelino dirigiu-se para a cavallariça, Mr. Cavanagh continuou onde estava, retirei-me então da janella e resolvi não os observar mais. Acudiu-me ainda outro insistente pensamento. Não tinha os pedaços do jornal que o maroto do bexigoso argelino acabava de ler? Laboriosamente, enfarruscando os dedos, apanhei os bocados do fogão e tratei de os ordenar. Fôra a pagina das noticias que Mr. Cavanagh indicara com tamanho interesse e fôra a segunda columna d'essa folha que convidara o seu serviçal a lêr. Talvez pensem que encontrara d'esta vez a chave do enigma. De modo nenhum, sou constrangido a confessar.

Um desastre insignificante do caminho de ferro em Northampton, uma altercação na municipalidade de um logarejo em qualquer

suburbio de Londres, o accidente de Paris, onde uma explosão n'um laboratorio matara quatro presumidos nihilistas. Que relação tinham estas coisas com o caso de Mr. Cavanagh? O mysterio permanecia incomprehensivel.

Dei o negocio por concluido. Cansado, cheio de frio, perturbado, atirei-me para cima da cama e dormi, como nunca, desde creança.

## VII

### A MULHER E A CREANÇA

A lingua não é muito desembaraçada quando nós nos desculpamos por dormir até muito tarde, e eu, confesso-o, nunca fui campeão das madrugadas. E' muito bonito levantarmo-nos com as cotovias, mas quem tem taes gostos deve deitar-se com as gallinhas, o que não se recommenda pela distracção.

Fiquei seriamente incommodado quando acordei na casa do Fen e descobri que eram approximadamente dez horas. Que pensaria Mr. Cavanagh de mim? Era uma bella recommendação para um novo secretario. Promettera estar prompto para uma trotada pelo parque ás sete e meia e só abrira os olhos quando batiam dez. Felizmente para mim, Edward, o melifluo creado, depressa me tranquilisou.

— Mr. Cavanagh não esperava que o senhor se levantasse — declarou — era um simples gracejo seu o passeio pelo parque. E' opinião sua que o momento proprio de cada um se levantar é quando se não pode dormir mais. Creio que não o verá hoje. Não se sentia bem depois do senhor se recolher.

Comuniquei-lhe que lamentava muito essa emergencia, mas a declaração avivou-me com um jacto de intensa luz a scena que presenciara no jardim e os assombrosos acontecimentos da fatidica noite. Apareciam-me agora menos terriveis de manhan, vestido, n'aquelle esplendido dia de junho. Eu era joven, convém lembrar, e n'essa idade as impressões passam depressa, esquecem-se no momento, para se tornarem lembradas annos depois. Encontrava vinte explicações para a conducta de Mr. Cavanagh agora que o sol brilhava e que toda

a gente andava de um lado para o outro. Nada se me afigurou então anormal; com certeza nada ocorrera para me atemorizar. O dia patentearia o que a noite escondeu, raciocinei.

Assim me fui vestindo; e, servido por Edward, almocei no meu pequeno gabinete, que também olhava para o parque, mas não para o jardim italiano. Era um bello cantinho, pequeno e luxuoso; não me fez saudades do meu quarto em Cambridge. Ladeavam o fogão monstruosas poltronas forradas de seda carmesim; das paredes pendiam quadros com assumptos academicos, antigas photographias dos jogos do tennis nas quaes se via entre os jogadores um certo Bruce Ingersoll; uma estante de livros com um bufete á moda de Cambridge ficava ao lado de um piano, bem como um sofá sobre o qual o militar mais activo derramaria lagrimas de jubiloso somno. A amavel previsão d'este mobiliario surprehendeu-me e deliciou-me. Como recearia trabalhar com um homem que tinha taes considerações pelo meu conforto pessoal. Desejaria agradecer-lhe immediatamente e informar-me da sua indisposição com intima pena.

— Mr. Cavanagh não lhe deixou nenhuma instrucções para mim, Edward? — perguntei ao creado.

Sentiria um grande prazer em receber uma resposta affirmativa.

— Ha na bibliotheca um trabalho, que Mr. Cavanagh desejaria que o senhor fizesse. E' uma lista de ruas e casas de algumas terras estrangeiras. Precisa que o senhor as procure nos guias e escreva um relatório ácerca d'isso. Depois do que, cré que sinta vontade de passear por esses campos fora e tem um cavallo ao seu dispor para quando o quizer.

A isto respondi que passaria logo que terminasse o trabalho designado por Mr. Cavanagh. Dirigi-me quasi immediatamente para a bibliotheca, ampla dependencia construida a todo o cumprimento da parede oriental e que promettia cahir algum dia sobre o lago que se lhe estendia aos pés. Encontrei ali as listas em que Edward me falara e uma pilha de guias para me auxiliarem na minha tarefa. Não inqueri de mim proprio que motivos levariam o meu chefe a querer esse labor, nem, para ser franco, reflecti ácerca de tal. Mantinha ne-

gócios com muitos homens em muitas cidades. Era natural que desejasse informar-se das suas condições locais.

Tudo ia muito bem quando, no decorrer da minha missão, descobri alguns factos curiosos. Primeiro, tanto quanto podia avaliar pelos guias, todas as ruas sobre que Mr. Cavanagh desejava que eu procedesse a investigações, eram sórdidas, as mais mal afamadas da America e cidades continentaes, de Chicago, Paris, Napoles e Roma, as peores ruas, como esclareciam os livros, e de pouca segurança para os estrangeiros. Mais que isso, n'alguns casos em que eu podia colher informações officiaes, reconheci que os moradores que viviam nas casas não eram os que figuravam nas listas de Mr. Cavanagh. Estas estavam cheias de nomes russos, hespanhoes e italianos e havia curiosas notas, signaes e observações ao lado de cada um d'elles. N'um sitio alguém escrevera a lapis, em frente do nome de um tal Paolo Canza, um annotamento de que fôra julgado em Roma em 1903 e sentenceado a dez annos de trabalhos publicos. Parece que o homem não cumprira esta sentença, a avaliar pela apostilla lançada a margem com a simples palavra «fugiu», e a data da fuga, «3 de novembro de 1904». Pouco depois li um nome irlandez na lista, a de um certo Michael Keating que vivia então na avenida Illinois, em Chicago. Ainda aqui, uma nota marginal notificava o simples facto de que o homem fôra condemnado em Chicago a quinze annos de prisão e que estava sofrendo a pena.

Devem concordar que eram coisas singulares estas; e quando mais tarde, proseguindo nas investigações, encontrei um nome de mulher, confesso que a minha curiosidade augmentou de grau. O apontamento referia-se a mademoiselle Mamavieff; e se a observação merecia credito, visitara recentemente muitas cidades. Um minuto de exame á nota levou-me á conclusão que a dama sahira de Baku havia exactamente sete mezes; fôra para Vienna para uma casa na praça do Mercado; partira para Buda; de ali para a Bosnia, d'onde seguiu para Veneza e morou durante algumas semanas n'uma casa modesta perto de Merceria. Mais tarde esta incansavel mademoiselle Mamavieff é ainda encontrada em

Roma, n'uma rua miseravel de Santa Maria, no Cosmedino. Acho-a de novo em Monte Carlo, onde se hospedou durante cinco dias no hotel Belle-Isle. Dirige-se então para Paris, onde a perdem, não sem desesperados esforços para lhe apanharem a pista; li as innumeradas diligencias effectuadas para o conseguir, mas sempre sem resultado. Assim não pude deixar de concluir que o meu patrão se interessava enormemente pelas viagens de mademoiselle Paulina Mamavieff e quanto estava ansioso para descobrir a cidade onde se refugiara.

Algumas pessoas talvez mofassem da occorrença e a achassem extremamente divertida. Não percebo a razão porque assim acontece, mas é um facto rirmo-nos de um amor cujo segredo se desvenda e pensarmos que somos superiores a semelhante fraqueza. Possuimos tambem uma forte dóse de bom senso, ou supponho que o possuimos, para cahir em taes loucuras, e fazemos caras severas ao pobre diabo que foi apanhado na ratoeira e encontramos sempre dispostos a zombar d'elle. Garanto-lhes que comecei a pensar na possibilidade de Mr. Cavanagh amar profundamente Paulina Mamavieff, mas sentia demasiado respeito por elle para esmiuçar o negocio e preparei-me para executar as instrucções com que elle me honrara. Pesquizei os livros com o maximo cuidado e minucia e tomei apontamentos n'um papel á parte.

«Esta rua, escrevi eu, tem casas de alguma respeitabilidade... aquella é um mero becco». As viagens que effectuara auxiliavam-me além da minha espectativa. Descrevi algumas localidades pela memoria que conservava d'ellas. Orgulhava-me de conhecer os antros de Paris melhor que todos os rufões que frequentam as Folies Bergères e o Moulin Rouge. E quando isto succedia expandia-me á vontade. Na verdade convenci-me que a minha tarefa fôra bem feita e que não me envergonhava.

Seriam approximadamente duas horas quando pousei a penna, momento em que Edward trouxe ao meu quarto um ligeiro lanche; e immediatamente depois, accetando o amavel offercimento de Mr. Cavanagh, montei um lindo garrano côr de castanha e metti a meio galope pelo parque adeante. Um rapido exame que fiz quando atravesssei a sala de honra mostraram-me

que existia ali uma verdadeira armaria, com preciosissimos arnezes e não poucas armas de uma especie que só vira na torre de Londres. Esta sala abria para um eirado em frente do lago, o qual se cruzava por cima de uma ponte levadiça formada por uma estrutura moderna e movida por um molinete aperfeiçoado; de modo que em vez da ponte descer e baixar como á primeira vista parecia, girava sobre um eixo, como as pontes dos rios de Inglaterra e da America.

O lago apresentava talvez uma largura de seis jardas d'este lado do edificio. Supuz a agua profunda e corrente, pois era muito clara, com o fundo de areia. O eirado rodeava toda a casa, ao que parecia; mas as suas paredes erguiam-se pelo menos vinte pés acima da agua, a prumo e formidaveis. Do lado opposto havia um eirado correspondente com ruas areadas e alguns viçosos canteiros de flôres vulgares; o geranio escarlata apresentava uma côr viva que contrastava com a calceolaria. Não se viam arvores até certa distancia d'este jardim e avaliei que os bosques atravessados por nós a noite passada ficavam a uma boa milha da casa. O observatorio fôra collocado fora, n'um extenso prado de verdura, e tinha uma galeria no alto de um torreão isolado a guisa de pharol.

Já relatei alguma coisa ácerca da casa e não é agora ensejo para fazer mais ampla narrativa. O seu aspecto exterior era antiquissimo, um acervo confuso de muralhas sinuosas, de torres oscillantes, de ameias em ruinas, que lembravam um solar da época dos Tudor, desprezado durante muito tempo e que se conservava de pé por milagre. Poucas janellas eram dignas d'esse nome, excepto as dos largos vitraes do salão e as da bibliotheca. Uma capella, construida sobre pilares mesmo no centro do lago, mantinha-se como que suspensa e parecia restaurada modernamente; o edificio, comt do, dava uma impressão de decadente antiguidade. Nenhum observador por mais perspicaz que fosse advinharia que toda essa vetustez apenas servia para occultar lá dentro uma construcção da actualidade — um verdadeiro pavilhão de rosas que deslumbraria a imaginação do philosopho mais exigente. Foi isto que eu descobri immediatamente á minha chegada, mas aprazia-me

recordal-o durante o passeio, deixando as ameias atrás de mim e caprichando em imaginar-me um cavalleiro das passadas eras a cavalgar por ali fora.

Fazia calor n'aquellas terras baixas do parque. Em junho o sol queima em qualquer parte da terra. O movimento da natureza animada é preguiçoso; o reverbero de um intoleravel calor cansa os olhos e faz-nos pensar com saudades na sombra. As proprias abelhas saltitam de flôr em flôr como se a lide fosse um pesado fardo da existencia. Myriades de mosquitos fluctuavam ás nuvens por cima do lago; no céu não pairava uma sombra; cada objecto apresentava-se com toda a nitidez da côr primitiva, o que raro succede em Inglaterra. Sentia piedade pelo pobre cavallo e quasi o deixava caminhar á vontade. Recordo-me que me levou para perto do observatorio e reconheci que era exactamente como Mr. Cavanagh m'o descrevera. Era não só magnifico pela posição, mas extremamente bem fornecido para o effeito. O grande telescopio montado na sua cupula tinha poucos rivaes n'aquelles sitios. Havia mais um laboratorio scientifico esplendidamente provido e machinas de luz electrica. As ultimas eram obra de Mr. Cavanagh. Fôra o professor Rainham, de Cambridge, quem organisara o observatorio e o meu patrão pouco mais introduziu n'elle além do grande telescopio. Como Mr. Cavanagh chamara ao monstruoso projector uma das suas distracções, do mesmo modo eu o considerei, Achava-se collocado n'um ponto da galeria, que corre em volta da torre do observatorio, e tapava cuidadosamente o aparelho, afim de o furtar a qualquer exame, um encerado.

E' facil de imaginar que não me demorei muito tempo aqui, o que poderia parecer impertinencia. Mr. Cavanagh mostrar-me-hia a casa em seu devido tempo. Não desejava ser obrigado a declarar-lhe: «vi isto ou aquillo, diga-me o que é». Metade das coisas que possuímos dão-nos prazer porque as podemos mostrar aos outros para que as admirem. Pensava n'isto quando me afastei do observatorio, e, tomando por uma vereda através dos bosques, encontrei-me n'um massiço que parecia estar a cem milhas de qualquer ponto, de tal modo o julguei remoto e silencioso. Era com certeza um bosque da primitiva Inglaterra. Nunca vi carvalhos

assim, nem semelhantes teixos, nem taes ruas de alamos, com troncos que representavam seculos. A relva não seria mais fina se fosse creada para um jardim de recreio. Na primavera brotavam por milhões os nardos e os endros; em outubro cobria-se de violetas, e, quando principiava a época das chuvas, era enorme a quantidade de lirios. O que mais me deliciava era o socego do quadro, a comprehensão dos mysterios da natureza que a paizagem me inspirava. Não existe em todos os homens, na sua veneração pela terra, alguma coisa do animal errante que gosta de rastejar, de narinas dilatadas a receber os perfumes da herva, de ouvido attento, olhos abertos, a exultar com a união de Gaéa com Urano? Rendi esse preito n'aquelle dia, vagueando pelo aprazivel bosque, sentindo que vivia e saboreando essa sensação. Foi n'esse momento que se me deparou uma mulher e uma creança.

Mettera por uma linda e rasgada avenida e internei-me depois por entre os silvados de uma estreita vereda, que de novo me devia conduzir ao parque. Descobri então um delicioso lago todo circumdado de arbustos. Perto do lago encontrava-se uma creança, que punha a nado um pequeno barco, ao passo que uma mulher a contemplava com olhos immoveis, ora brilhantes como n'um relampago de amor, ora, de subito, incendidos n'um fundo odio, que nada conseguia occultar. Era a mais linda creatura que vira até então. O seu cabello afigurou-se-me o mais formoso que descera sobre uns hombros esculpturaes; a sua pelle apresentava a alvura do marfim; o seu rosto era tão perfeito que assombraria qualquer artista. Não me causava menos admiração a creança que brincava a seu lado. Não deixava duvidas de que fosse seu filho. Os anneis das suas madeixas eram do mesmo ouro que as duas sedosas tranças que emmolduravam o soberbo pescoço da desconhecida; a sua epiderme não era menos branca; os seus rasgados olhos de identico azul. Era seu filho indiscutivelmente. A mãe, ao lado de quem ajoelhava, manifestava de quando em quando o immenso affecto que lhe inundava o coração e outras o rancor implacavel que a minava. Não tardou que a terrivel verdade se me patenteasse ao espirito. Santo Deus, exclamei, uma louca! Re-

cordei-me então do grito ouvido de noite. O mysterio desvendara-se.

Essa mulher perdera a razão, e o homem que a vigiava de perto, era o serviçal a quem eu designava por argelino.

## VIII

### O DESTINO DE CAVANAGH

Causava uma triste impressão vêr como a pobre senhora se pôz logo de pé á minha aproximação e como instinctivamente aconchegou o filho ao seio. Dominava-a por completo, n'essa occasião, o amor maternal, intensamente despertado por presumir o filho em perigo; em nada mais pensava senão na sua salvação. A sombra de terror que lhe escureceu o rosto nunca mais a esquecerei. Não se precisava ser adivinho para comprehender que fôra victima de algum tremendo desgosto, e que a sua perturbada razão me associava a quem lhe fizera mal. Quando lhe tirei o chapéo, tremia horrorosamente. Fiquei apouentado com o encontro e envergonhava-me de me ir embora sem a cumprimentar. Por fim galopei sem destino, receoso de falar, deliberando conservar-me mudo.

Uma louca na casa do Fen, e esse selvagem africano por seu guarda. Tal era, pois, o infeliz segredo de Mr. Cavanagh, tal era a verdadeira causa do seu isolamento. Se os factos surgiam terriveis nem por isso deixavam de merecer mais piedade que rigor. Ao reflectir em tal acommettia-me um sentimento de pesar e de humilhação pelo que praticara a noite passada, espiando-o da minha janella e phantasiando um cento de absurdos. Arrependi-me d'isso profundamente n'aquelle momento e resolvi confessar tudo a Mr. Cavanagh logo que se me offerecesse ensejo. Quando cheguei a casa fiquei espantado de descobrir em que estado de excitação o encontro me lançara. Galopara pelo campo fora uma porção de milhas; a sensação de fadiga e de angustia pessoal não podia ser mais viva. Attribuia tudo aos differentes choques recebidos e principalmente á lembrança d'aquella triste physionomia, que me acompanhou a casa e até ao quarto.

Recordam-se que eu não vira Mr. Cava-

nagh desde que o observara no jardim italiano, ao alvorecer. Quando eu regressei aguardava-me no meu quarto, o que muito me agradou. Trocamos algumas breves palavras ácerca da minha posição junto d'elle e todas as minhas tentativas para lhe agradecer se mallograram ignominiosamente. Raciocinara que succederia d'outra maneira e quedei-me completamente desapontado, como vão ver.

— Bello — exclamou, falando das profundidades de uma ampla poltrona quando entrei, — não tem então mais nada que me dizer, Mr. Ingersoll?

— Repito — affirmei — nunca uma visita foi mais bem recebida.

Sorriu com doçura e rememorou o nosso ajuste das sete e meia da manhan.

— E' melhor não falarmos no passado, Mr. Ingersoll. Um homem que devia estar a pé ás seis, de raqueta em punho. . .

Rimos ambos, ao passo que Mr. Cavanagh tocava para que Edward trouxesse charutos.

— Mr. Ingersoll deseja chá — disse; — chá com os mesmos riquissimos bolos de passas que comprava sempre na loja de Mathew em Trinity Street.

— Na verdade sabe que eu me fornecia da pastellaria Mathew, Mr. Cavanagh?

— Meu caro amigo, eu sei tudo quanto preciso saber. Quiz lisonjear-me imitando-me esta noite; não pôde dormir, lembro-me, e passou a noite á janella.

Devia ter ficado vermelho como o monco de um Perú. O seu modo não me convidava a nenhuma humilhante confissão; emmudeci ante o seu delicado sarcasmo.

— Não se desculpe — continuou amerceando-se do meu embaraço, — é meu credor n'esse assumpto. Realmente, Mr. Ingersoll depositou em mim grande confiança acompanhando-me até aqui. Devia ter sido franco comsigo de começo, quero ser franco comsigo agora. Tome chá, accenda o charuto, porque temos muito que conversar.

Obedeci-lhe, tomando o meu chá em silencio, e receando intrometter-me nos seus pensamentos. Depois de accender o charuto, dirigiu-se á janella e olhou para o parque como a procurar a senhora e a creança cuja descoberta tanto me apouentara. Conheci que pensava n'elles mesmo antes de falar e podia ter antecipado muito a sua pergunta.

— Encontrou uma senhora no bosque perto de Waterbeach, não encontrou?

— Encontrei, Mr. Cavanagh.

— E' minha mulher. A creança que a acompanha, é meu filho.

Via-o agora, com a luz a bater-lhe em cheio, com o cabelo deitado sobre a sua bella fronte, com o intelligente parecer branco e convulsionado como se acabasse de se escrever ali a historia de uma tragedia. Nenhuma voz de mulher se embebe de um accento tão musical como quando pronunciou a palavra filho. Fama, riqueza, applausos dos homens, gloria do triumpho, que significava isso quando se viravam contra a sua preciosa herança? Seu filho! Bastava ouvi-lo para comprehender como esse homem amava.

— Minha mulher e meu filho; sim, Mr. Ingersoll, — bradou, voltando-se e encarando-me com os seus

olhos rútilos — o meu destino está além; a mulher que amo mais que tudo na terra, é o que vê; o meu filho brinca nos braços de uma mãe que se esquece de quem acarinha. Aqui tem quem é Jehan Cavanagh a quem todos invejam, o millionario que obteve tudo quanto o universo pode dar. Lembre-se d'isso quando me julgar; addicione-o á confiança que deve depositar em mim como toda a gente escolhida que me rodeia. De hoje em deante quero que seja meu amigo.

Postou-se na minha frente esperando que eu falasse. Se Deus sabia, eu não sube, a resposta que lhe havia de dar. Sou capaz de sentir a mais profunda sympathia, mas succede-me com frequencia não encontrar termos para a exprimir. Como poderia manifestar a este homem superior que me inspirava enorme commiseração? Que vocabulos buscar para lhe patentear a immensa piedade que despertava em mim o seu infortunio?

— Mr. Cavanagh — acabei por declarar — não conheço maior privilegio que o de lhe chamar meu amigo.

— Expande-se talvez cedo de mais, Mr. Ingersoll.

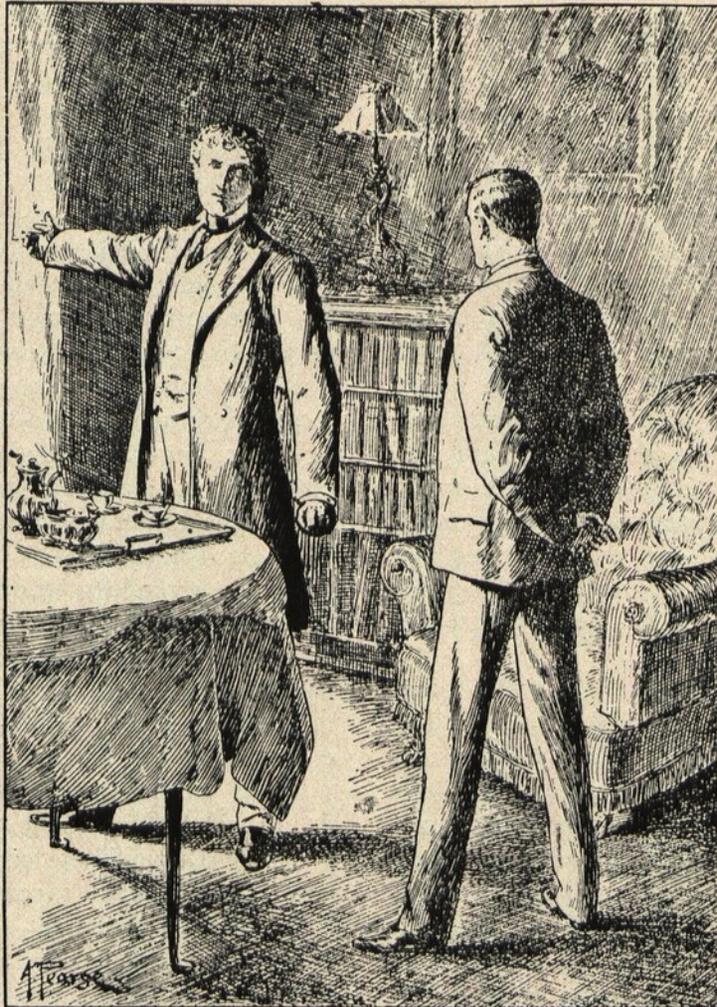
— Falo-lhe com todo o meu coração.

— Convenço-me; os homens nunca me enganam. Pensa n'este momento como é difficil dizer alguma coisa, e são as palavras categoricas que eu anho.

Nunca me esqueço d'aquelles que

soffrem por que eu soffro. Deixe imaginar a sombra que é brilhante, como nos acontece agora, porque temos a nossa missão a cumprir. E' para uma mulher e uma creança que todos trabalhamos.

Não o comprehendia, não assimilava o seu pensamento, nem era esse o momento que escolhera para me esclarecer. Percebi que traçara um plano deante de si e que não gostava que o interrogassem. Apesar de tudo a curiosidade segredava-me coisas



O MEU DESTINO ESTA ALÉM...

singulares aos ouvidos e cerrei-lh'os com difficuldade.

— Mr. Cavanagh — perorei — vim aqui para estar ao seu serviço e será desnecessario affirmar que principiarei quando e onde quizer.

— Já principiou, Mr. Ingersoll.

— Refere-se ás listas que organizei?

— A nada mais. Dá-me licença que as consulte.

Entreguei-lh'as, examinou-as com a maior minucia e apparentou approvar o que eu fizera. Quando continuou a falar conservava ainda esses papeis na mão, mas não apontou para elles.

— Lembra-se de um estudo que escreveu no *Fortnightly*, relativamente aos direitos do individuo contra as restricções da lei?

— Muito bem; foi um assumpto que me causou grande somma de desgostos e não pequena dóse de ridiculo.

— Assim devia ser. Era uma grande verdade, uma larga porta para que os loucos entrem por ella. Levantava n'elle, lembro-me, a importantissima questão de saber que protecção concede a lei a um prejuizo particular contra a incompetencia ou indiferença do Estado. Encarou o caso por um prisma no qual a dictadura se torna de facto uma instituição nacional. Desapparecendo o Estado torna-se o individuo o legislador. Uma habil demonstração, que tenho lido muitas vezes ultimamente e que lerei ainda mais no futuro.

— Tel-o-hia escripto com mais cuidado se tivesse sabido isso.

— Não diga tal. O senhor escreve o que o seu espirito lhe dicta; o coração escolhe as palavras. O que chamamos estylo é algumas vezes a capa com que occultamos um bello pensamento. A linguagem falada do homem é o seu estylo. Deve tratar d'esse assumpto e desenvolvê-lo quando ti-

vermos vagar. Interessa-me muito e tanto que me disponho a ajudal-o n'esses estudos. Quereria viajar commigo, Ingersoll?

Gostei que tirasse o prefixo ao nome, e retorqui que me consideraria satisfeitissimo.

— Quando meu pae era vivo — contei — passavamos parte do anno fora. Parece-me que viajei bastante para a minha idade, isto é, faziamos algumas excursões vulgares e voltávamos depois para casa e conversávamos a proposito d'ellas. Não é coisa que o surprehenda ao senhor, que estive em todas as partes do mundo. Mas vi bastantes das capitaes da Europa, Mr. Cavanagh, mesmo Belgrado e Constantinopla.

Mr. Cavanagh redarguiu com uma pontinha de desdem na voz.

— Viu pouco, meu caro, mas com o tempo hei de mostrar-lhe mais. Conhece, por acaso, Antuerpia?

— Demorei-me ali tres dias.

— Partiremos para lá amanha, tambem por tres dias. Não devia ir; recorda-se que eu lhe prometti algumas partidas de tennis? Mas não pode ser. Voltaremos a Londres esta noite em automovel. Gosta de ir commigo, Ingersoll? Tenho a certeza que lhe sorri o visitar o continente!

— Mr. Cavanagh — respondi — conhece que isso é assim, porque ninguem pode esconder nada de si.

Agradou-lhe a réplica, vi-o muito bem, quando pousou a sua mão no meu hombro, com um gesto cheio de bondade e talvez de reconhecimento. Toda a solidão d'aquella esplendida existencia appellava para mim n'esse momento. Porque depositava em mim tal confiança? Porque me tornara seu confidente com tantos milhões ás suas ordens? Elle, um assombro de fortuna e de riqueza, porque me solicitava que o servisse fielmente? Não sei, mas o seu acto conquistou a minha estima incondicional.

(Continua).

Traducção de EDUARDO DE NORONHA.



# A Architectura da Renascença em Portugal

Por ALBRECHT HAUPT

## Parte II—O PAIZ

### MINHO



CIRCUMSTANCIA especial a esta provincia é a quantidade de egrejas da éra manuelina do typo atraz descripto das egrejas de Thomar e da Gollegã; a feição d'estas haverá sido reproducção de padrões remotos; as egrejas de Santa Maria do Olival em Thomar, a de Leça do Balio nas cercanias do Porto, ambas são medievaes, manifestando aliás a designada orientação.

O seu aspecto exterior é por toda a parte o mesmo, e identico o material de construcção, a cantaria. O coroa-mento de ameias ou de pilares é geral, a datar do seculo xiv.

Devemos ainda mencionar aqui, dignas de attenção, as egrejas de Azurara e de Villa do Conde, matriz, aliás muito semelhantes.

A primeira, comtudo, ostenta formas da primitiva Renascença, no proprio portico, ao passo que a de Villa do Conde apresenta um portico magnifico, gothico da ultima maneira, na face occidental, copia, por assim dizer, do que existe na Sé nova de Salamanca. No interior predominam as tão co-

nhecidas arcarias de pilares gothicos tercearios, como na Gollegã, aguentando o lanço superior de parede da nave central. Os tectos obliquos de madeira das naves lateraes, são divididos por travejamentos ao modo mourisco; o tecto apainellado da nave central, liso. A tribuna da banda de leste, aguentada por um arco de sarapanel, ostenta um tecto almofadado, com dourados.

Em Villa do Conde vemos ainda, na igreja do convento de S. Francisco, uma antiga estrutura gothica, datada aliás do seculo xvi. Mais tarde accrescentaram-lhe tanto á nave como ao transepto uns soberbos tectos de madeira á feição de cupulas; os do côro das freiras ainda mais ricos. Externamente, adorna a igreja a tão geral corôa de ameias.

A um canto da igreja, entre a nave longitudinal e a transversal, existe a capella tumular de D. Affonso Sanches, sua mulher e dois filhos, edificada no anno de 1526. Uma opulenta portada com arco semi-circular, afestoado de dentilhões da Renascença e o extradorso profusamente ornamentado, facultada entrada; uma abobada réticulada

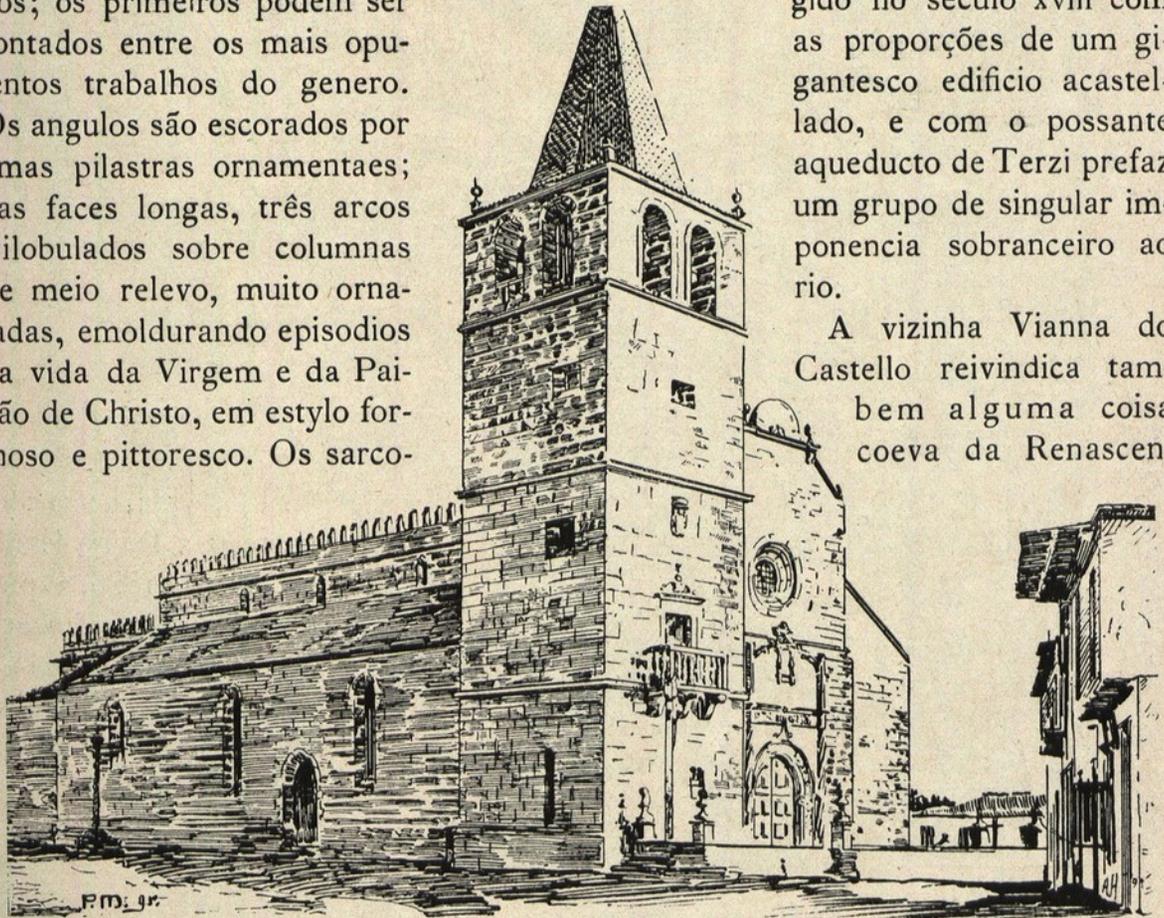
com uns feixos ornatados de optimo lavôr, e ao centro o competente escudo de armas, muito realçada de ouro, cobre totalmente o recinto.

Reclinadas nos dois sarcophagos maiores jazem as estatuas dos fallecidos; os primeiros podem ser contados entre os mais opulentos trabalhos do genero. Os angulos são escorados por umas pilastras ornamentaes; nas faces longas, três arcos trilobulados sobre columnas de meio relevo, muito ornata-das, emoldurando episodios da vida da Virgem e da Paixão de Christo, em estylo formoso e pittoresco. Os sarco-

nave e com varios altares; o arco do côro de rico estylo manuelino; melhor e mais importante é o portico com as usuaes molduras torses e ornatos da Renascença, algo toscos, no extradorso.

O convento dos Franciscanos foi erigido no seculo xviii com as proporções de um gigantesco edificio acastellado, e com o possante aqueducto de Terzi prefaz um grupo de singular imponencia sobranceiro ao rio.

A vizinha Vianna do Castello reivindica tambem alguma coisa coeva da Renascen-



EGREJA DE AZURARA

phagos dos filhos, descansando sobre dois leões, ostentam nas faces longas cinco nichos entrecorridos de candelabros, abrigando santos, e, por cima, o escudo de armas. O lavôr, em todos elles, já das figuras, já do ornato, é precioso, apenas as estatuas incumbentes dos dois fallecidos bastante pesadas. E não obstante, entre os raros trabalhos d'esta ordem existentes em Portugal, excluindo os da Renascença, são estes os mais formosos.

Proximo da igreja ergue-se uma capellinha da Misericordia, de uma só

ça; além de uns lindos Paços do Concelho com uma arcaria de três pavimentos, accusando a época do Cardeal-rei, ostenta um majestatico chafariz, na praça principal.

O mais consideravel monumento ecclesiastico dos primordios da Renascença, n'esta região do norte, é a encantadora igreja da collegiada, em Caminha. N'estas povoações, tão admiravelmente situadas nas margens do Minho quanto ricas em residencias particulares com a feição manuelina, do typo da Gollegã e quejandas, sobresaee esta



MONUMENTO EM S. FRANCISCO DE VILLA DO CONDE

identico ao d'aquelle templo, por cujo motivo eu, em vista da reproducção do mesmo, sou de opinião que ella nos ministra um exemplo cabal de todas as egrejas d'este typo. O tecto, de madeira, é, n'este caso, elaborado com singular perfeição, apresentando mais de uma individuação mourisca, muito semelhante aos tectos hespanhoes reproduzidos no tomo I d'esta obra.

O tecto de duas aguas, amouriscado, das naves lateraes é um tecto travejado, com entrelaçados geometricos no taboleiro central; o da nave principal, de maceira, com os torsaes do

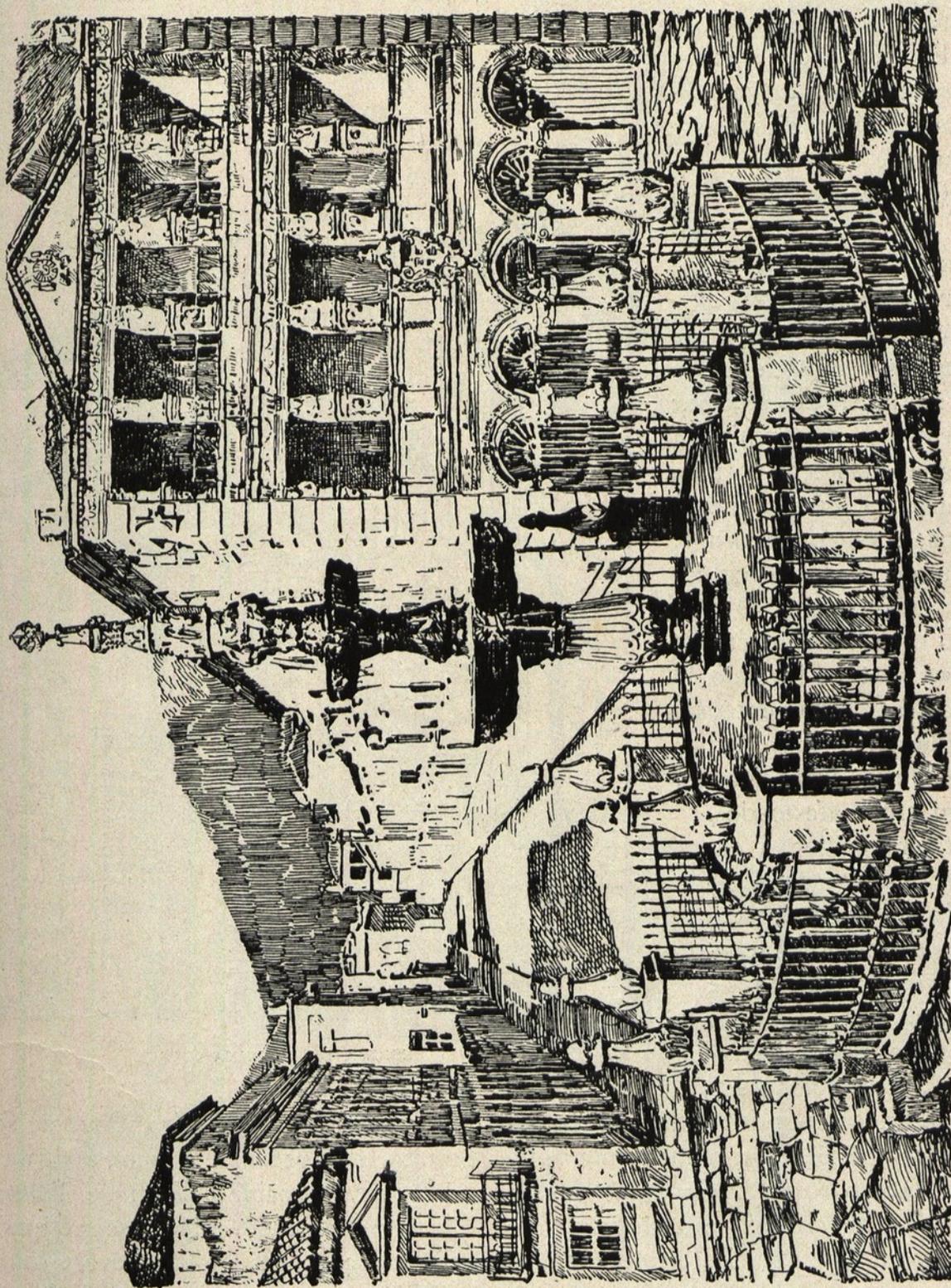
egreja, a qual deverá, sem duvida, a sua construcção a Diogo Ennes, na data de 1556, a quem é attribuida a edificação da torre. Corresponde pouco mais ou menos á Sé do Funchal; o interior da egreja é quasi



CIMALHA DA EGREJA MATRIZ DE VILLA DO CONDE

costume e de construcção identica; e comtudo, na area central, de esteira, alternam uns bocetos, pingentes mou-

outros, e de vez em onde douradura e côres a realçarem a formosura do conjunto. No extenso côro e nas capellas



PRAÇA DE VIANNA DO CASTELLO

riscos, octogonaes, e umas rosaceas gothico-tercearias; motivos ornamentaes de toda a sorte, rosetas e ainda

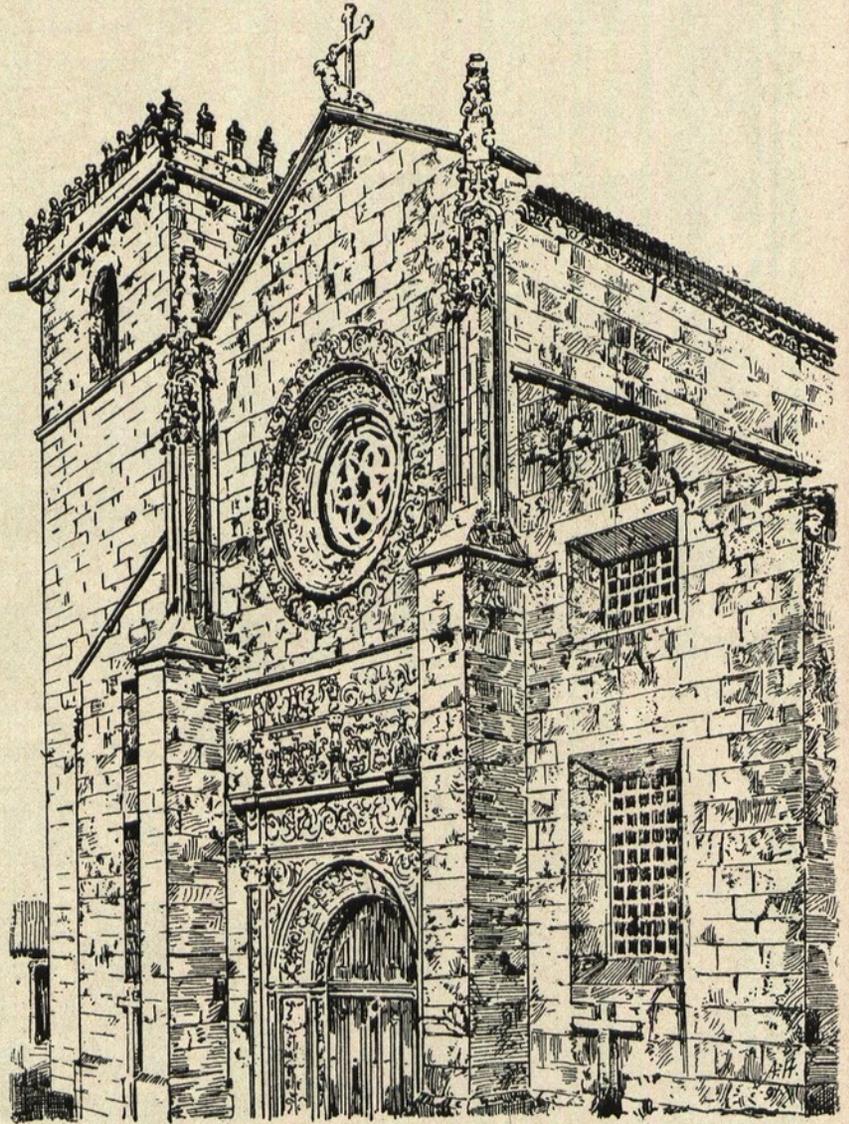
com a feição de transepto as usuaes e ricas abobadas; o arco do cruzeiro correspondendo ao restante. Uma fonte

baptismal, oitavada, de pedra, da éra manuelina, á semelhança das muitas que se encontram n'esta região, com as suas bulbosas fórmias ornamentaes faz lembrar exemplos romanicos.

E' mais rico o exterior do que o costuma ser o da generalidade das egrejas d'este genero.

O lanço do côro, com os seus opulentos botareus e a balaustrada de coroamento, é um primor. Tambem aqui se manifesta em tudo a Renascença, como, por exemplo, na archivolta das janellas e na cornija, nas quaes, além de meandros e outros adornos, figuram ovanos e molduras de folhagem. O portico olhando ao norte da nave lateral é ladeado de pilastras ornamentadas, corôam-n'o uns nichos em fileira, assás fundos, com arcos afestoados, abrigando figuras, encimados por uma galeria ornamental, rompendo acima da cornija e do telhado de telhas. E' do mesmo theor o portico principal, que, com o seu oculo lindamente ornatado e os tão pittorescos pérgões acompanha com tanta felicidade o frontão. Com a sua torre coroadada de ameias, e a singeleza do seu todo, este edificio representa uma das mais attrahentes manifestações de architectura sahida do alvorecer da Renascença. A individuação ornamental é perfeita por toda a parte, mas sem

effeito por motivo da impropriedade do material. A cimalha da nave central ostenta um opulento friso de meninos, grutescos e ornatos. O edificio, apesar de D. Manuel lhe haver lançado a primeira pedra em 1488 por occasião de

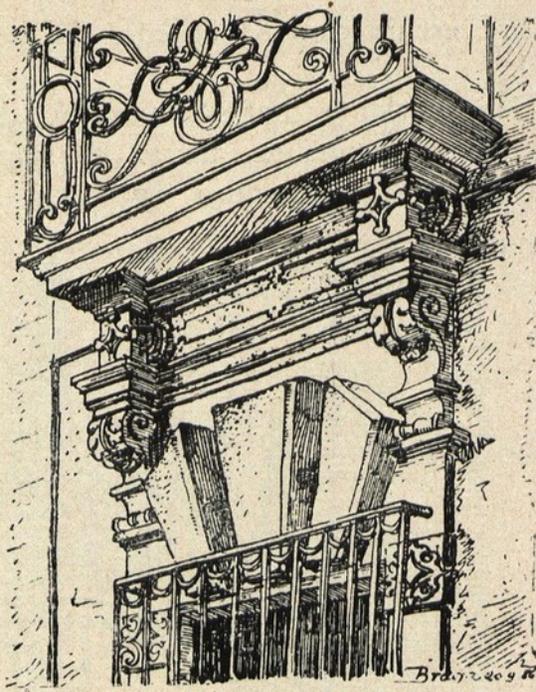


EGREJA DE CAMINHA

uma romagem á Galliza, deve de ser muito mais recente. A obra é attribuida a um biscainho, Juan de Tolosa. A mim, comtudo, afigura-se-me que a construcção, em globo, deverá datar de 1530, proximamente, e demais, são tão absolutamente portuguezes tanto a planta como os pormenores estruturales, que nos levam a rejeitar a hy-

pothese da intervenção de um estrangeiro.

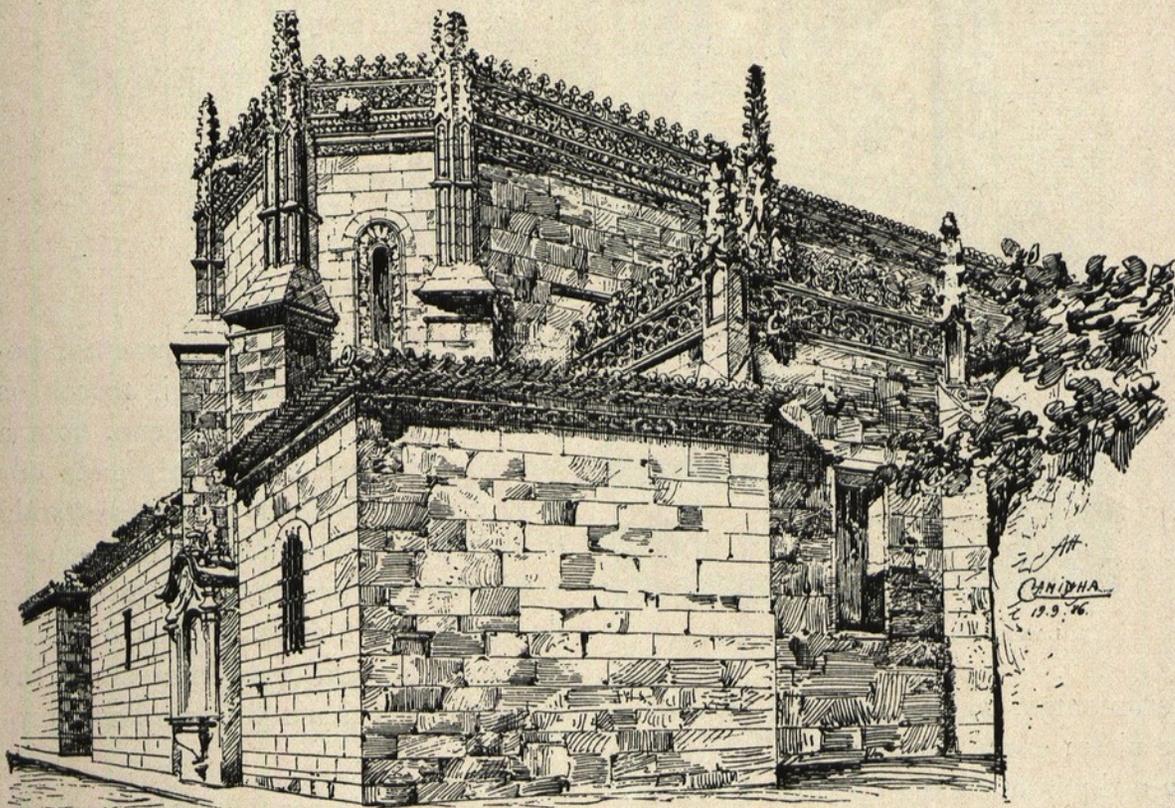
O portico occidental parece ser um tanto mais antigo, inclue três abobadas de arcezãos sustentando uma plataforma e abre-se em três lindos arcos angreados. Preenchem os seguintes, entre os pilares, uns baldaquinos de transição, originaes. Insignificantes os pormenores. As arcadas conservam ainda as unicas grades com fórmias coevas da Renascença que eu por aqui tenho encontrado. Ainda gothico o lanço inferior, com laçaria, fustes serpentinos, em parte com cogolhos nas cracas, corôam-n'as uns lindos frizos da Renascença, transfurados, fazendo lembrar as grades hespanholas, coevas. Ao centro da grade mediana, por cima da porta de entrada, vê-se um remate, infelizmente completo e ampliado no seculo xviii, trilobulado, ostentando umas figurinhas de madeira, pintalgadas, re-



DE UMA CASA DE BRAGA

presentando Christo na cruz, a Virgem e S. João.

A porta principal da Sé é formosa, de estylo posterior; os batentes, de ma-



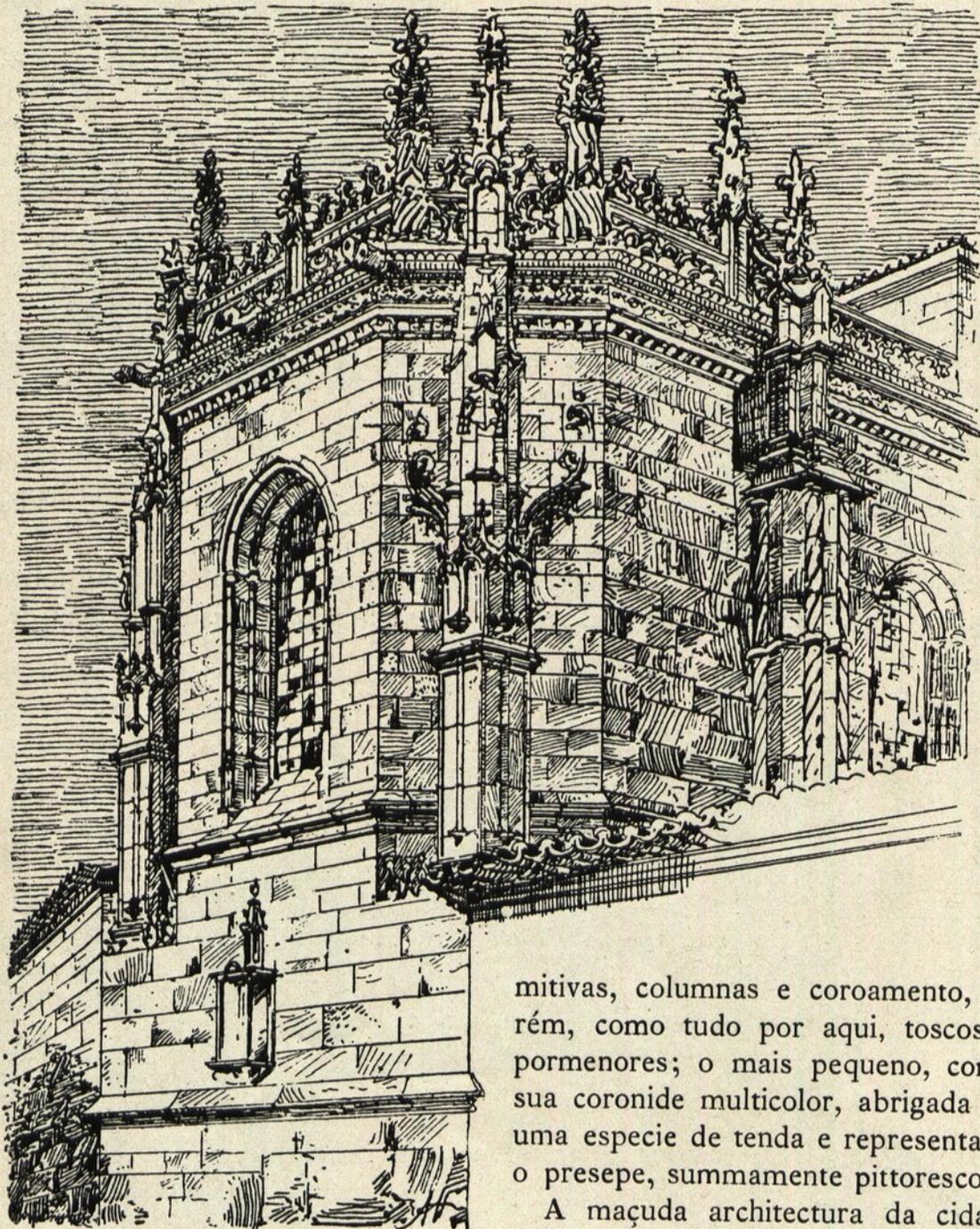
LANÇO DO CÔRO DA EGREJA DE CAMINHA

deira escura com aplicações de metal.

No interior encontra-se uma pia de baptismo manuelina, tosca. E' sumptuosissimo o thesouro da sacristia,

mais avultadas e sumptuosas peças da era manuelina (1).

A capella da Misericordia, ao norte, apresenta dois porticos da Renascença, da éra de 1562, ainda com fórmulas pri-



LANCE DO CÔRO DA SÉ DA BRAGA

paramentos, vasos sagrados, frontaes de altar; entre outras alfaias, extrema-se o riquissimo calix do bispo D. Diogo de Sousa, datado de 1509, uma das

mitivas, columnas e coroamento, porém, como tudo por aqui, toscos os pormenores; o mais pequeno, com a sua coronide multicolor, abrigada por uma especie de tenda e representando o presepe, summamente pittoresco.

A maçada architectura da cidade, de granito e de época posterior, não é destituida de um certo interesse. Uma formosa casa manuelina, no largo pro-

(1) Reproduzido por Vilhena Barboza, *Monumentos*, pag. 284.

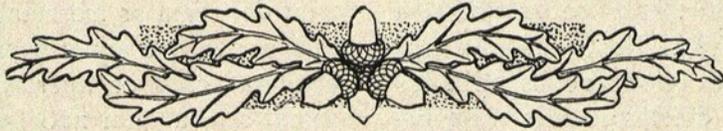
ximo a Santa Cruz, capta desde logo a atenção, mercê da sua garbosa fachada de cantaria, com fórmulas gothicas tercearias, e ainda as duas ricas janellas, centraes.

E' bella tambem na sua extrema singelleza a torre de Santa Cruz: ainda mais interessante a ermida de Nossa Senhora da Conceição, uma torre qua-

drada, com dois pavimentos no estylo do côro da Sé, contendo capellas sobrepostas e estatuas ao abrigo de baldaquinos, nos angulos.

A igreja da Villa Nova de Foscôa, na fronteira hespanhola, é apontada como sendo o mais rico edificio deste estylo primordial, assim como a de Freixo de Espada-á-Cinta.

(Continúa.)



## Soneto

Quantas vezes o amor vem, passo a passo,  
 E sem por nós sequer ser presentido!  
 Cresce depois suáve, indefenido,  
 E pouco a pouco vae cerrando o laço.

Alvor de aurora, delicado e baço,  
 D'um vago e desmaiado colorido,  
 Até que rompe o sol, rubro, incendiado,  
 De luz fulgente illuminando o espaço.

E quando o amor caminha docemente,  
 Para surgir um dia, de repente,  
 Mais profundo, mais forte de paixão,

Podemos confiar no sentimento  
 Que assim nos illumina o pensamento,  
 Pois o amor é o sol do coração.

# CENTENARIO DA GUERRA PENINSULAR

**C**OMEÇA a festejar-se este anno em Inglaterra e em Hespanha o centenario da lucta que, desde o anno de 1808 até o de 1814, se travou em Portugal, Hespanha e França entre os exercitos alliados das duas primeiras d'estas nações e da Inglaterra, contra as hostes que Napoleão I levantava por toda a Europa, no intuito de fazer vingar os seus planos ambiciosos.

Em Portugal tambem se realisa a comemoração, tanto dos factos militares como dos que teem apenas character civico.

E mal nos ficaria não celebrarmos as glorias alcançadas pelos portuguezes n'aquella quadra verdadeiramente calamitosa para o nosso paiz.

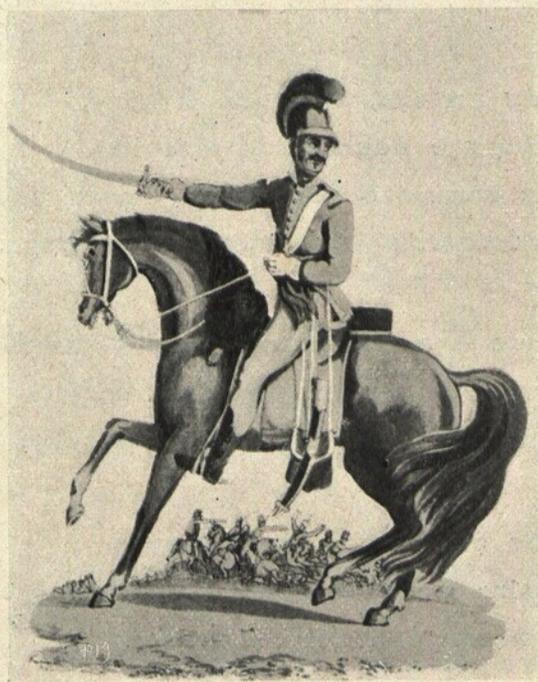
Considerando os acontecimentos puramente bellicos, temos com effeito sobrados motivos para nos orgulharmos, porquanto o nosso exercito, composto a principio de soldados bissonhos, foi o principal collaborador das tropas inglezas na porfiada lucta que fez ruir o poder napoleonico.

Não ha duvida que o soldado hespanhol por traz dos parapeitos das fortificações, como em Saragoça e Gerona, foi terrivel inimigo para os francezes, como o foi tambem quando fazia parte das guerrilhas que se

espalhavam por todo o territorio assolado pelos invasores, perseguindo-os e dizimando-os, com admiravel persistencia e valentia. Nas batalhas campaes, todavia, já não mostrou de certo as mesmas qualidades, ou porque o genio d'aquelle povo difficilmente se coaduna com os apertados laços da disciplina, sem a qual não ha perfeitos soldados, ou, talvez, por falta de generaes que o soubessem conduzir á victoria com pericia igual á que distinguiu os Minas e os Empecinados ao capitanearem as suas heroicas *partidas*. A victoria de Castaños em Baylen teve mui raras companheiras e não invalida certamente aquella opinião, que se pode vêr expendida por um dos escriptores que mais larga e competentemente estudaram a guerra de que se trata. «Foi o valor das tropas anglo-lusas, diz o abalisado historiador (1), que sustentou a guerra.» Deve

notar-se que esta declaração parte de quem não poucas vezes deixa no escuro o papel desempenhado na lucta pelos portuguezes, para sómente evidenciar os feitos dos seus conterraneos.

Pois a Hespanha já está prestando entusiastica homenagem a todos os seus filhos que, desde o grito de 2 de maio



DRAGÃO DO REGIMENTO DE ALCANTARA

(1) W. F. P. Napier, no prefacio da sua obra em 4 volumes *History of the war in the Peninsula and in the south of France*.

de 1808 em Madrid, trabalharam para a expulsão das tropas e do governo intruso, cuja oppressão tantos annos soffreu por culpa do inepto Carlos IV e do seu ministro e favorito Manuel de Godoy.

E bem faz a nação visinha, porque o povo hespanhol deu n'aquelle afflictivo transe as mais brilhantes provas de força moral e patriotismo, não obstante a influencia que deveriam ter, para entibial-o, as tergiversações e baixeiras do governo nacional que havia inconscientemente preparado a invasão.

Se a Hespanha julgou cumprir um dever sagrado commemorando solemnemente o primeiro centenario da sua *Guerra da Independencia*, Portugal perpetraria um crime de lesa-patria não festejando, com a possível pompa, as datas gloriosas da *Guerra da Peninsula*, d'essa tremenda lucta em que o nosso povo demonstrou que lhe corria nas veias o sangue dos heroes que devassaram as temidas paragens do Mar Tenebroso, e que talharam com a espada, em todos os recantos do globo, um imperio colonial quasi tamanho como aquelle onde o sol nunca se escondia.

E quem diria que não era o somno da morte o que dormia o gigante, quando a indignação contra o jugo do invasor o fez despertar? Depois do tratado de neutralidade de 1804, comprado á França a peso de ouro, ficámos n'uma tranquillidade enganosa, até que, em 1807, Napoleão, communicado com a Hespanha, decretou a divisão de Portugal em tres partes e mandou Junot a consummar a violencia, para que a inhabilidade e doblez dos nossos governantes haviam concorrido bastante, seja dito em abono da verdade. O principe D. João, em quem recahiam os encargos da governança, quando soube que o exercito da Girona vinha a marchas forçadas sobre Lisboa, para fazer cumprir as clausuias do pacto franco-hespanhol, entendeu por conveniente embarcar para o Brazil, o que fez n'aquella tragica manhã de 27 de novembro, e com tamanha precipitação que, ao chegar ao caes de Belem, ainda o largo não estava guarnecido de tropa, de sorte que o fugitivo a tremer como varas verdes, o rosto banhado de lagrimas, teve de fazer com o braço um gesto para desviar o povo, que ancioso o rodeava. E lá se foi para bor-

do, e o resto da familia real seguiu-o com tanta pressa, que a rainha D. Maria I, que enlouquecera havia dezeseis annos, começou a gritar para o cocheiro que lhe levava de escantilhão a carruagem: «Devagar, que eu não fujo!»

E ao passo que a louca dizia, inconsciente, as palavras do bom senso, a quarta das instrucções deixadas por seu filho á regencia, que nomeara para o substituir, recomendava que *as tropas francezas fossem bem aquarteladas e assistidas de todo o necessario*.

Se não parece uma cruel ironia do destino estar o paiz entregue, n'esta grave conjunctura, a um principe tão debil e timorato! E dois factos extraordinarios tinham conspirado para que elle exercesse o mando supremo: a morte de seu irmão mais velho, o principe D. José, e a loucura de sua mãe.

Ainda bem, todavia, que não sahiu certo d'esta vez o celebre aphorismo de Camões de que «um fraco rei faz fraca a forte gente».

De dezembro de 1807 a junho de 1808, Napoleão, representado por Andoche Junot e os seus satellites fez, quanto era humanamente possível para reduzir os portuguezes á infima condição, não se esquecendo de nos arrancar o que era ainda aproveitavel do nosso exercito e mandal-o para muito longe batalhar sob o mando dos tenentes generaes marquez de Alorna e Gomes Freire de Andrade, isto é, dos nossos melhores cabos de guerra, á sombra das aguias do recente imperio francez. E como officiaes da legião iam varios mancebos pertencentes ao escol da nossa fidalguia. Julgando extincta a patria, queriam ao menos conquistar gloria como soldados, no exercito commandado pelo maior capitão dos tempos modernos.

Mas o povo ainda não descrera de si mesmo, e irritado pelo soffrimento, indignado com o aviltamento a que o tinham condemnado, ergueu-se afinal sob o calcanhar que pretendia esmagal-o e fez a revolução contra os invasores, a despeito dos conselhos de quem lhe dissera que os recebesse como bons amigos.

O incendio lavrou rapidamente do norte ao sul de Portugal, atizado grandemente pelo clero, que, em razão da hostilidade que Napoleão já mostrava para com Ro-

ma, via os francezes como inimigos da Egreja.

E' o esforço do povo portuguez contra a tyrannia dos generaes napoleonicos, e o heroismo que nos campos de batalha mostraram os seus filhos depois de organizados por officiaes tanto inglezes como nacionaes, que vão celebrar-se na commemoração que o governo portuguez iniciou, e á qual as camaras legislativas e a imprensa patrioticamente se associaram.

Querendo dar tambem o seu contingente



D. JOÃO VI

para esta justa homenagem aos heroes da *Guerra da Peninsula*, os *Serões* incluirão nas suas columnas, durante os annos que vão desde o actual até o de 1914, noticias abreviadas e elucidativas, sob a fórma de ephemerides, a respeito dos principaes factos relacionados com a momentosa lucta e occorridos no periodo correspondente do seculo XIX.

E' claro que teremos não só de passar em claro muitos successos, mas tambem de omitir pormenores que dariam a este trabalho extensão incompativel com a indole do nosso *magazine*.

Pelo mez em que o movimento contra

a occupação de Junot principiou a traduzir-se em actos de rebellião declarada, começamos as nossas ephemerides, isto é em

## JUNHO DE 1808

### Dia 4

Em **Chaves**, tendo chegado noticias de Hespanha favoraveis ao movimento contra os francezes, o povo por occasião da festa do Espirito Santo, sae para a rua dando vivas ao principe regente e morras a Junot e a Napoleão. Prolonga-se até o dia 12 este alvoroço, que se estendeu aos campos visinhos e até a **Villa Pouca de Aguiar**.

### Dia 6

O general francez Quesnel, governador do **Porto**, que tinha comsigo apenas uns setenta dragões do exercito de Junot, é preso pelos hespanheos de Bellesta, que ali estavam de guarnição, e que principiavam a agitar-se por causa da reacção que lavrava no seu paiz contra o dominio estrangeiro. Bellesta convoca um conselho, que decide o restabelecimento do governo legitimo.

Este movimento, apesar do entusiasmo do povo portuense, não dá resultado, porque, tendo Bellesta partido logo para a Galliza com as suas tropas, as auctoridades do Porto continuam submettidas ao governo intruso.

### Dia 7

O major graduado Raymundo José Pinheiro, governador do **Castello da Foz do Douro**, animado pelos factos occorridos no Porto durante o dia anterior, reúne de madrugada a guarnição do seu commando e proclama o governo legitimo. Ao nascer do sol dá-se na fortaleza uma salva de 21 tiros e soltam-se vivas ao principe regente e á familia real. Tambem não foi ávante este movimento, porque o brigadeiro Luiz de Oliveira da Costa, governador militar do Porto, valendo-se de astucia, prendeu o major Pinheiro, que logrou fugir pouco depois.

### Dia 8

**Braga**, por instigações do arcebispo, manifesta-se a favor do principe regente; po-

rém o partido afeiçoado aos francezes faz mallograr a tentativa.

### Dia 10

**Melgaço** arvora a bandeira nacional, com o auxilio de alguns individuos da Galliza. Como só havia um estandarte e, para a cerimonia, se necessitavam dois, o juiz de fóra convoca todos os alfaiates que havia na localidade e não lhes restitue a liberdade enquanto não acabam o estandarte que faltava.

### Dia 11

O general Manuel Jorge Gomes de Sepulveda adhire em **Bragança** ao grito de rebellião. As auctoridades locais, receiosas das consequencias que poderia ter o movimento que lavrava na cidade, como repercussão do que houvera no Porto, vão procurar a casa do velho general. Este, em vez de se acobardar, corre a uma janella e, mostrando-lhes o povo que na rua dava muitos vivas a bem do restabelecimento do governo legitimo, diz-lhes: «Vejam se se atrevem a accommodar todo esse povo!» Tomou logo Sepulveda algumas acertadas medidas para que vingasse a generosa tentativa, a qual abortou quando se soube que outro tanto succedera á do Porto.

### Dia 16

**Villa Real de Traz os Montes** levanta-se contra o jugo estrangeiro, pondo-se á frente dos revoltosos o tenente coronel de cavallaria Francisco da Silveira Pinto da Fonseca, que veiu a ser conde de Amarante e tenente-general.

Uma proclamação de Junot sobre o desarmamento dos hespanhoes está affixada á porta da igreja matriz de **Olhão**. Como é a festa do Corpo de Deus, o templo regorgita de fieis. Aparece o coronel José Lopes de Souza, que tinha sido, com o governo legitimo, governador de Villa Real de Santo Antonio; deita a mão ao papel, rasga-o, pisa-o debaixo dos pés, dizendo aos circumstantes que elles já não são portuguezes. O povo enthusiasma-se com isto e, ao fim da missa, aclama no adro o principe regente. Assim corresponde ao appello da procla-

mação, que convida os portuguezes a unir-se aos francezes contra os inglezes e hespanhoes. A Lopes de Souza junta-se o capitão Sebastião Martins Mestre, que muito concorre para a sublevação.

Em **Lisboa**, por occasião da procissão do Corpo de Deus, ha um tumulto meramente ocasional, que ainda assim faz pôr em alarme a guarnição franceza e leva Junot a prohibir as fogueiras de S. João e S. Pedro e a mandar recolher no arsenal do exercito



D. MARIA I

todas as armas de fogo que estivessem em poder de particulares.

### Dia 18

O Porto agita-se para a restauração do governo legitimo. Já em 16, as ordenanças quando iam para a procissão de Corpus Christi, se haviam recusado a levar bandeiras com as aguias napoleonicas, indo afinal sem nenhuma, visto não poderem levar a bandeira nacional. Na tarde de 18, começa a agitação, quando se estava carregando pão em carroças, com destino a tropa franceza que devia passar por Oliveira de

Azemeis. João Manoel de Mariz, capitão de artilharia, aprompta 4 peças e as respectivas guarnições, bem como outras forças e marcha com ellas pela cidade até á Ribeira. Este bando encontra-se com outro que traz á frente o major Raymundo José Pinheiro e de que fazem parte uns 19 hespanhoes estropiados e cobertos de poeira, simulando a avançada de um exercito que venha soccor-

abençoa-os e tendo descido á rua, beija a bandeira nacional, que os patriotas levam desfraldada. N'este dia é eleita a *Junta Provisional do Governo Supremo*, á frente da qual fica o bispo, com o titulo de *Presidente Governador*. Da junta fazem parte outros ecclesiasticos, bem como officiaes militares, magistrados, etc.

Consumma-se a revolução em **Torre de Moncorvo**, tendo antes sido apprehendidas as barcas do Douro, desde a foz do Agueda até á do Sabor, para se evitar a passagem dos francezes que estavam em Almeida. Reune-se a camara, a nobreza e o povo, e fazem-se muitas manifestações de regosijo.

O povo de **Faro** subleva-se, aproveitando o facto de estarem os francezes do general Maurin occupados em debellar a revolta de Olhão. A tropa portugueza adhire ao movimento. Os francezes, que haviam sahido da cidade, tentam voltar lá, mas são rechassados em dois ataques. Maurin, que estava doente no seu domicilio, é preso. Os patriotas, que o povo considera mais dignos de confiança, recebem o distinctivo de um penacho encarnado, Todos os sublevados adoptam depois um laço da mesma côr, que se usa no braço direito. Quem não o trouxer é considerado como traidor á patria.

Combate infeliz para os portuguezes, que se haviam insurreccionado, em **Villa Viçosa**, a favor do principe regente. Ha muitas perdas de uma parte e de outra.

#### Dia 21

Estabelece-se em **Faro** um conselho de regencia, presidido pelo conde de Castro Marim, que antes da invasão de Junot era capitão general do Algarve. Criam-se na provincia outras juntas, dependentes d'aquella.

M. A.



SOLDADOS DE INFANTERIA DE LISBOA  
E DA ORDENANÇA DO ALGARVE

rer o Porto. Este ardil anima grandemente os sublevados.

#### Dia 19

De madrugada os mesmos guerreiros voltam ao Campo de Santo Ovidio, e marcham d'ali com duas peças, seguidos de muito povo. Vão ao paço episcopal. O prelado





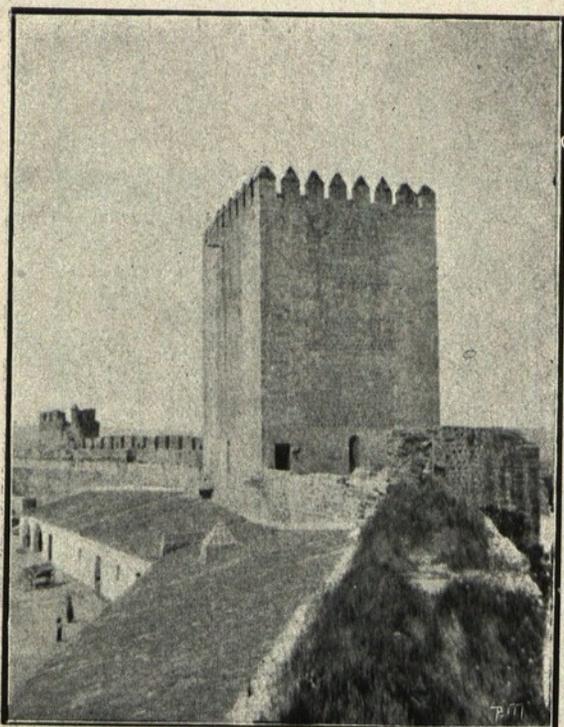
UM TRECHO DA VILLA DE MOURA

# A villa de Moura

**N**osso Baixo Alemtejo é, em geral, monotono, arido e até mesmo um tanto ingrato á vista, mas quem de perto o olhar, e acompanhe attentamente a grande faina da vida dos campos, examinar, e ainda mais, estudar os seus costumes, de que alguns conservam ainda o cunho antigo, d'elle trará gratas recordações.

Sitios ha porém que são verdadeira excepção, e a antiga villa de Moura, assente a quatro kilometros da margem esquerda do *Guadiana*, vem eloquentemente desmentir as tradições de aridez e esterilidade das terras alemtejanas.

Situada em uma planicie alegre e vistosa, junto ao vertice de convergencia dos dois ribeiros — *Brenhas* e *Lavrandeiras* — affluentes da ribeira de *Ardila* que se lança no *Guadiana* em um valle muito aprazivel e saudavel, destaca-se-lhe da belleza dos seus arredores, uma serie contínua de quintaes, hortas e pomares, onde a natureza foi prodiga em manifestar uma flora feracissima e pujante. Isto mais faz realçar a elegancia do conjuncto material da povoação, onde as construcções particulares e edificios publicos, ora esboçam uma nota de grandeza e elegancia, ora revestem um tom austero de reminiscencia historica.



CASTELLO DE MOURA

A villa era cingida por uma obra de fortificação antiga, de muros tor-

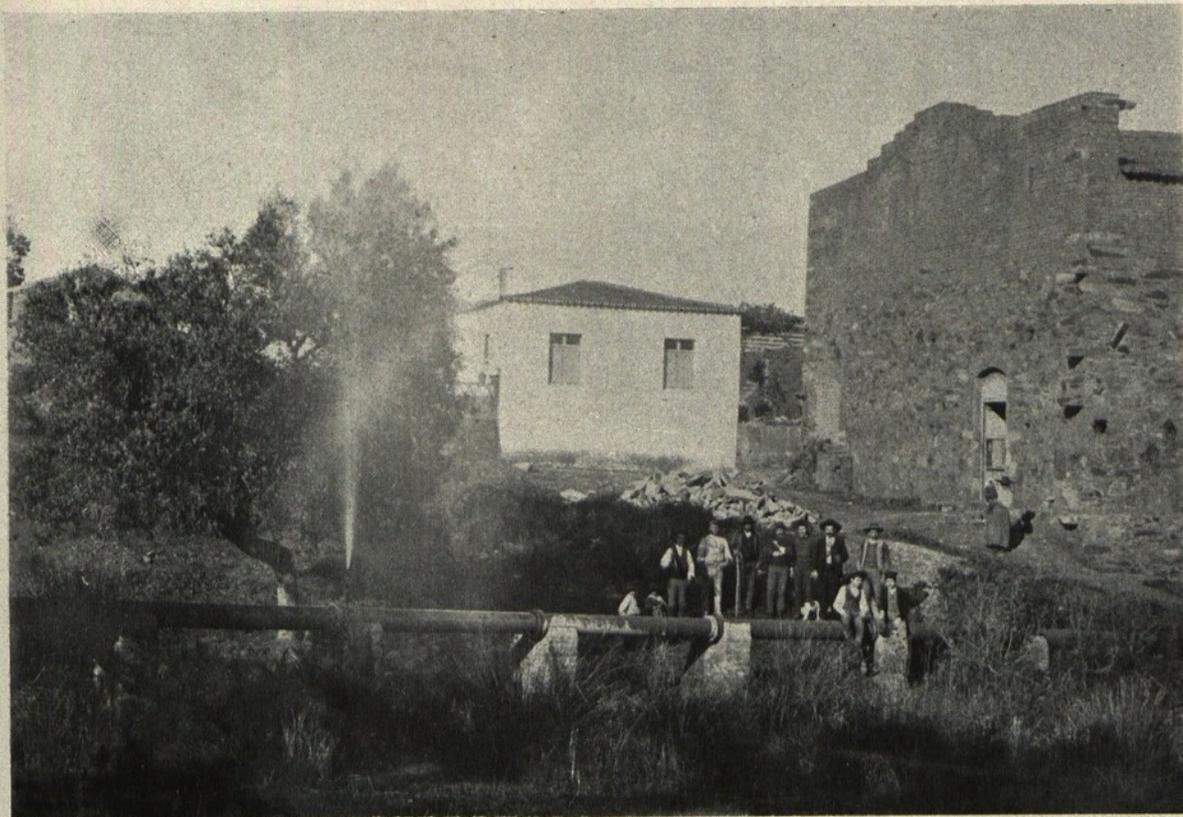
reados, em fôrma pentagonal, e oito baluartes irregulares construidos depois da restauração de Portugal.

A torre de menagem, mandada reedificar por D. Diniz, que lhe fez imprimir a grandeza e elegancia que ainda hoje se reconhece, denuncia Moura a grande distancia, a não ser pelo lado sul, em que a villa fica um pouco mascarada, por assentar em declive sul para norte, deixando então apenas divisar as suas proeminencias.

Antiquissima, attribue-se ser a villa fundada no local da antiga *Aru-citana*, e, como toda a península, passou do dominio dos romanos para o dos barbaros, a quem depois foi tomada pelos serracenos, e em 1166 cahiu pela primeira vez no poder dos christãos, sob o impeto invasor dos cavalleiros de D. Affonso Henriques, que acabando de tomar Evora, avançavam em busca de novas conquistas a outras villas. Só mais tarde, no reinado de D. Affonso II, se viu



VISTA TIRADA DO TERRAÇO DO GRANDE HOTEL



RESPIRADOURO NA CANALISAÇÃO D'AGUA DA FABRICA DE MOAGEM, NAS ENFERMARIAS

completamente liberta do jugo musulmano que ainda se implantara ao tempo de D. Sancho I.

Junto ao baluarte do castello, um ponto bastante elevado, ficava o convento das freiras de S. Domingos, onde, segundo a tradição, foram sepultados os cavalleiros que conquistaram a villa aos mouros.

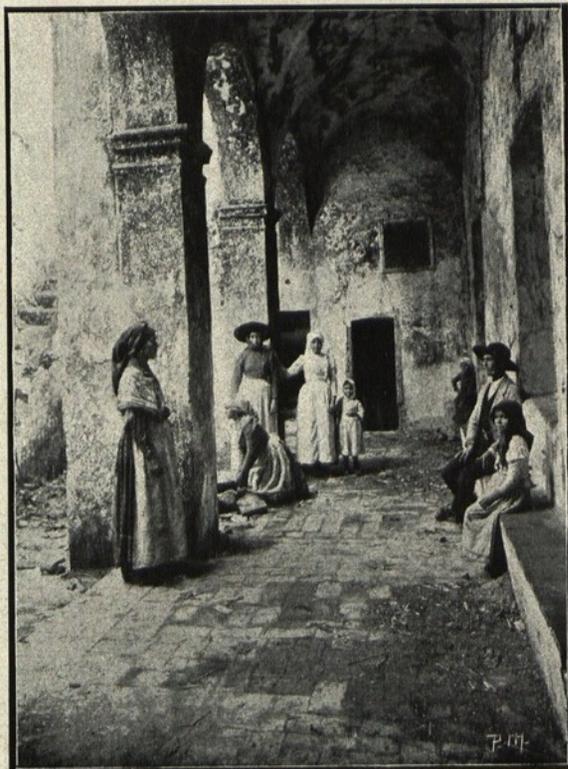
O brazão das armas da villa perpetúa uma historia, que Alexandre Herculano põe em duvida e appellida de lenda. Representa, em campo verde, uma torre ameaçada ao centro do escudo, e deante da porta o corpo morto de uma moura.

Bazeia-se no seguinte:

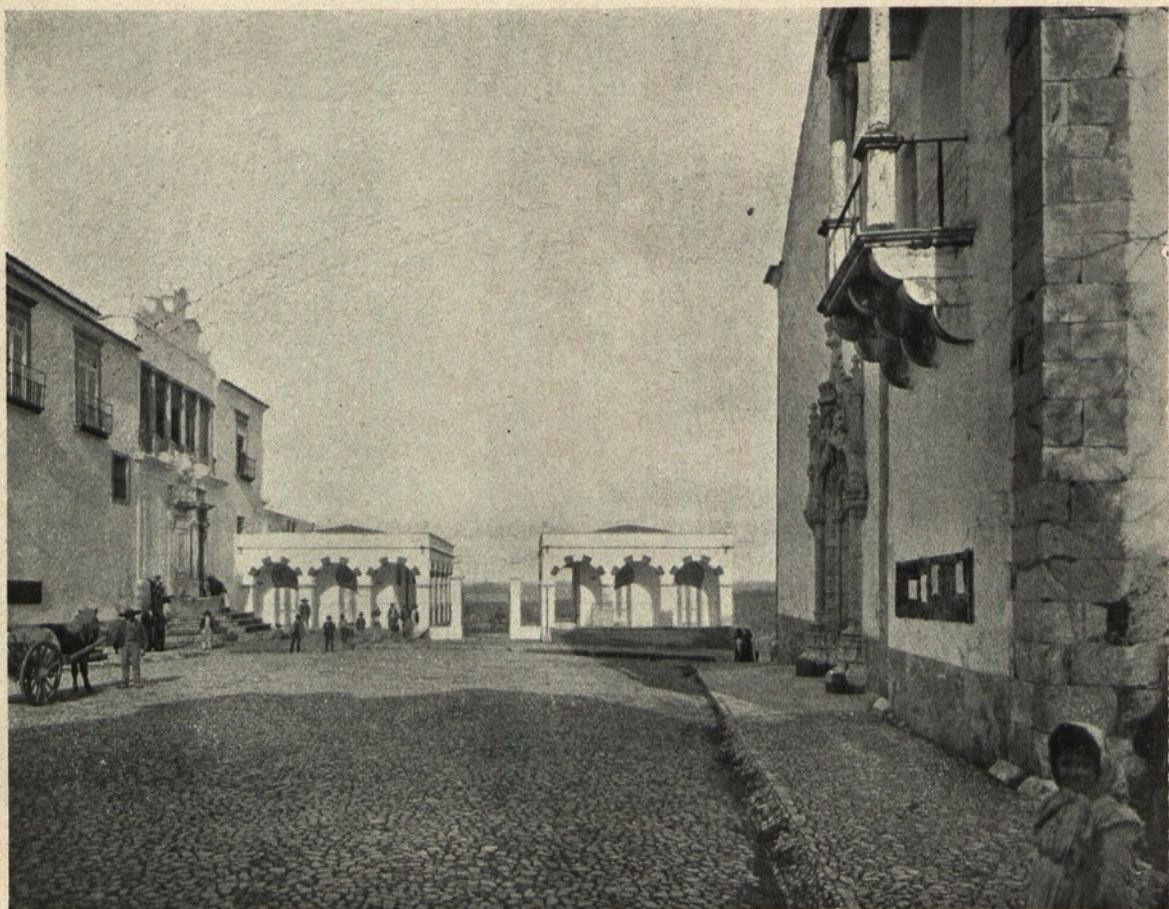
Buaçon, um mahometano, senhor de muitas terras no Alemtejo, déra em dote o castello de Moura a sua filha, uma nova e formosissima moura, Salluquia, cujo casamento estava tratado com o mouro Brafama, alcaide do castello de Arôche.

Quando este, acompanhado de luzido sequito, se dirigia para a villa, no dia dos esponsaes, sahiram-lhe ao encontro inesperadamente, os chris-

tãos, perecendo na peleja todos os mouros, incluindo o proprio noivo. Então os victoriosos, conhecedo-



CLAUSTRO DO CONVENTO, EM RUINAS NO CASTELLO



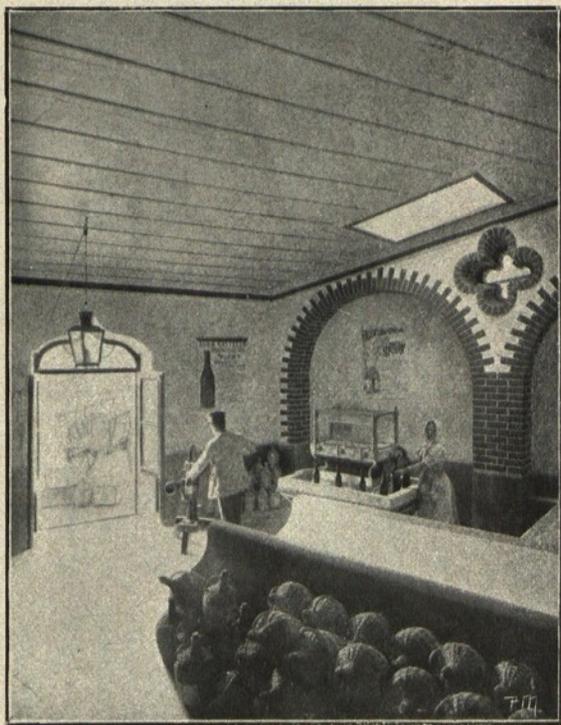
PAÇOS DO CONCELHO, ESTABELECIMENTO BALNEAR E EGREJA DE S. JOÃO

res do ajuste do casamento, e revestindo-se com os trajes dos mouros que acabavam de exterminar, seguiram em direcção ao castello, onde Salluquia, anciosa, aguardava a chegada do esposo promettido.

Conhecedora porém do subterfugio ardilosamente empregado pelos christãos, e não tendo fórma alguma de poder disputar a sua posse, senão sacrificando a propria vida, corre rapidamente a uma das janellas do castello e d'ella se despenha no espaço.

Este é o thema que serve de base ao brazão da villa, e, como homenagem ao desprendimento da vida de Salluquia para salvaguardar a sua honra, á conservação como memoria do nome de *Moura*, á villa que lhe foi berço.

\*  
\*   \*  
\*



CAPTAÇÃO E OFFICINA DE ENCHIMENTO

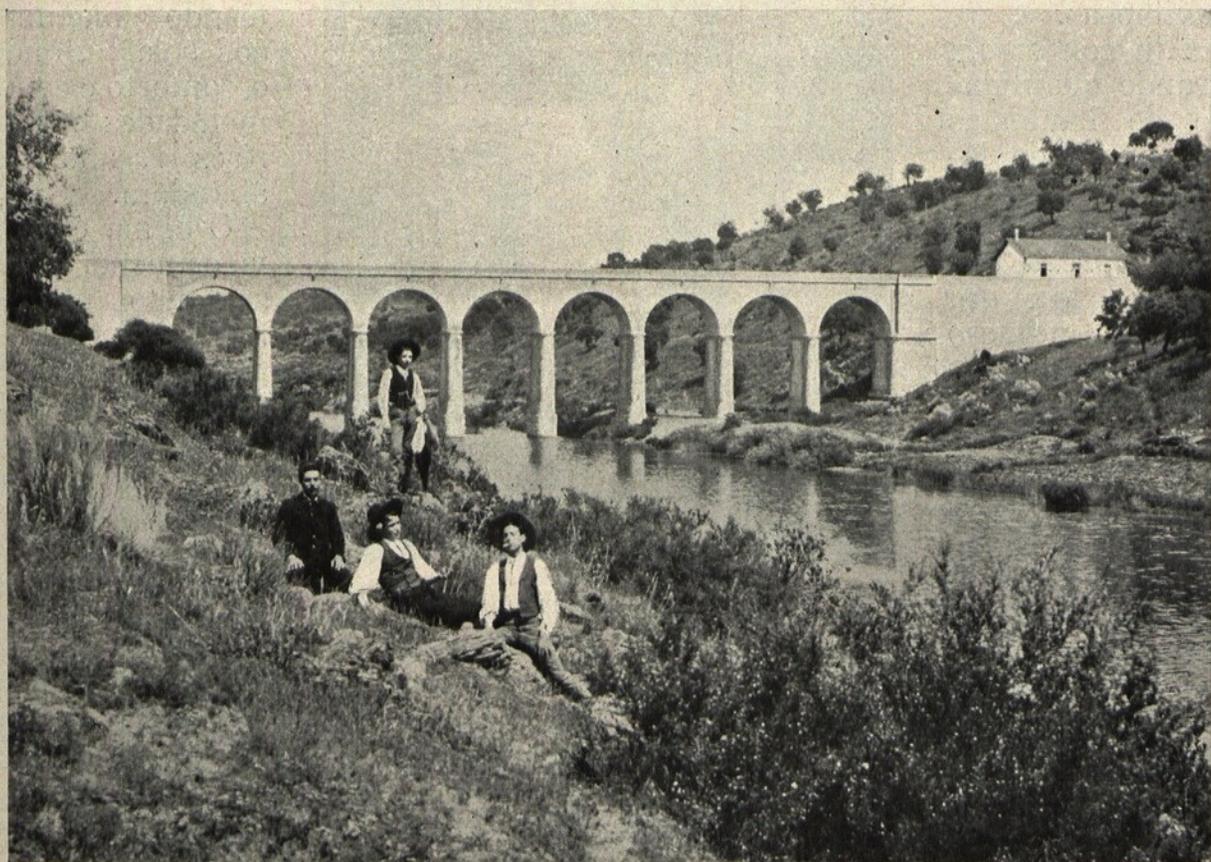
As velhas muralhas foram rasgadas em quatro portas, por onde se

teem ramificado novas construcções, conservando-se apenas na parte central os indícios da sua fôrma antiga, por a tal obrigar, restos da primitiva linha de fortificações ainda existentes em parte, mas cahidas em ruínas.

Hoje, Moura é circundada por uma magnífica e larga estrada arborizada, d'onde partem outras a ligar com Beja, Serpa, Barrancos, Portel, Re-

*Santa Comba* e das *Tres Bicas*, para uso dos habitantes.

A agua fornecida para uso nos banhos, provém de duas outras nascentes, tambem com a sua origem no Castello, a uma altitude de 180 metros, sendo a nascente d'agua mineral, a mais importante, que brota a pequena distancia do convento junto aos muros da villa e da torre de menagem.



PONTE SOBRE O «ARDILLA», VISTA DO POENTE

guengo, Vidigueira, Minas de S. Domingos, etc.

A excellencia das aguas de Moura, tão afamadas não só no paiz como mui especialmente na visinha Hespanha, tem sido um propulsor importantissimo para o desenvolvimento da villa, devido ao grande numero de aquistas que alli convergem em época propria.

E' junto ao baluarte do Castello, que são exploradas tres grandes nascentes que abastecem as fontes de

A reputação benefica d'estas aguas provém do meiado do seculo passado, em que se começou a reparar no rarissimo numero de doenças digestivas e calculosas das vias urinarias nos habitantes da villa, e, bem assim, nas melhoras produzidas, e mesmo curas, que experimentavam pessoas vindas de outros pontos, atacadas d'aquellas doenças, sendo uma d'essas o Duque de Palmella, que em 1850, a seu rogo, obteve que pela primeira vez fossem estas aguas analysadas.

Actualmente uma empresa explora as qualidades benéficas d'estas aguas, em um amplo e bem montado estabelecimento publico de banhos, e devido ás suas qualidades therapeuticas, inumeras curas se teem produzido, sendo bastantes d'ellas consideradas maravilhosas.

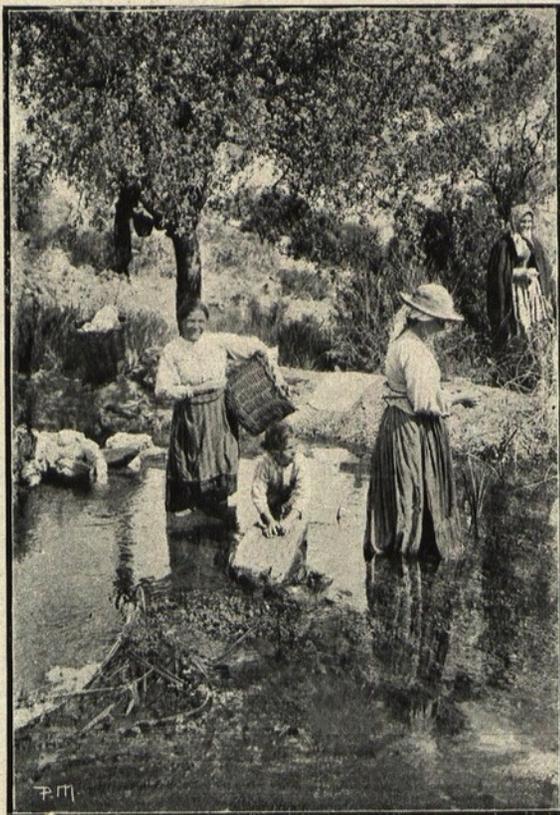
Alli concorrem grande quantidade de banhistas em busca de lenitivo, alojando-se ou no *Hotel da Empresa das Aguas*, ou em grande numero de casas que se alugam para esse fim, imprimindo então á villa um aspecto alegre e festivo, espalhando-se pelos arredores, que são de uma belleza notavel, onde livremente se respira e gosa a frescura de uma temperatura deliciosissima, e se recreia a vista no grandioso e prodigioso quadro que a natureza faculta, avivando uma deleitosa impressão que talvez jamais se apague.

Moura não abundará em construcções artisticas que se assemelhem ás dos nossos *Estoris*, mas é indiscutivelmente muitissimo agradável a impressão recebida pelo visitante, ao percorrer as suas ruas e avenidas largamente rasgadas e ventiladas, patenteando magnificos solares, onde o conforto e comodidades materiaes ressaltam e abundam.

O clima é suave e ameno, apresentando pequenas oscillações de temperatura, e os grandes calores que se manifestam na época propria, são effizantemente modificados pela frescura dos dois valles.

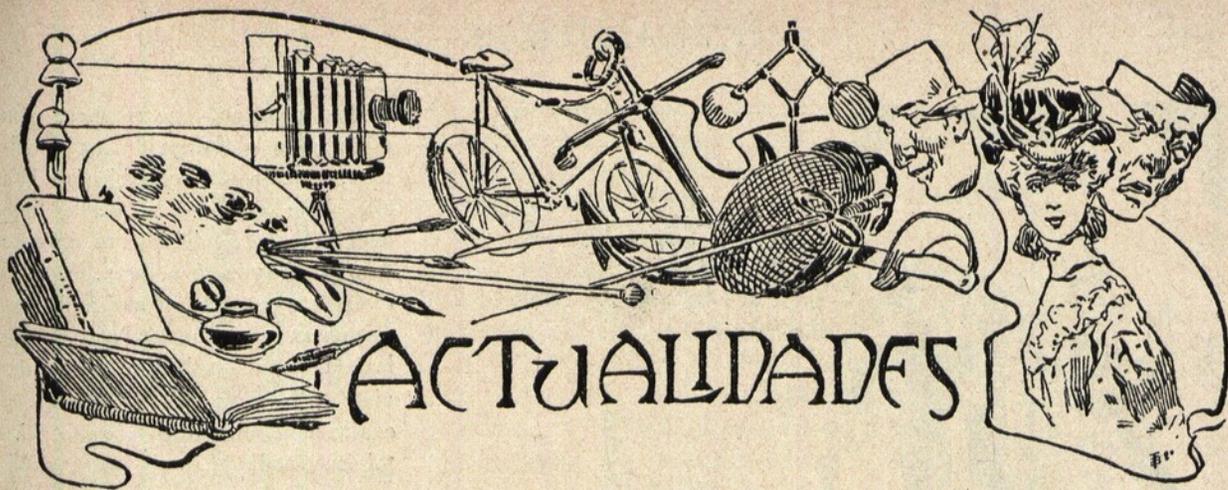
Moura é servida por um ramal

de caminho de ferro pertencente ás linhas do sul e sueste, que, partindo de Beja a trinta e oito kilometros, toca em Serpa, para ter o seu terminus na propria villa, junto á estrada da circumvallação.



PAYSAGEM NAS ENFERMARIAS  
(Arredores de Moura)





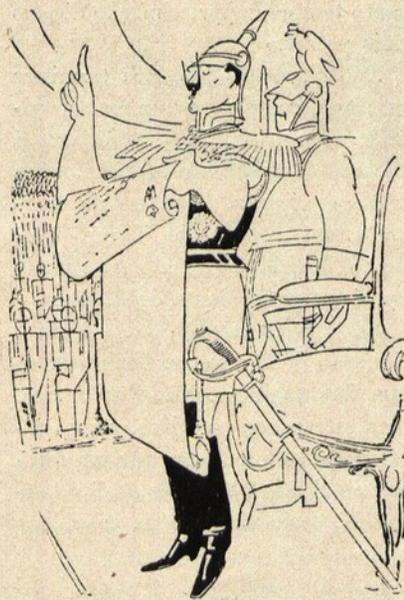
## Grandes topicos

A Triplice «entente» **D**ESDE os ultimos dias de maio a politica europêa mudou completamente de feição. Deve-se isso a um novo factor que diversos symptomas vinham ha muito annunciando, mas que ninguem supuzera chegasse a produzir-se. Referimo-nos á Triplice «entente», entre a Inglaterra, a França e a Russia, que é hoje um facto, comquanto da parte d'esta ultima potencia não esteja ainda oficialmente confirmada. — *et pour cause.*

Como se chegou a este verdadeiro *coup de théâtre*? Unica e simplesmente graças á imprudente diplomacia allemã.

E' certo que a Triplice alliança perdeu nos ultimos annos muito do seu significado e quasi por completo a sua força, devido a circumstancias de todos conhecidas, a principal das quaes é, sem duvida, a evolução das idéas democraticas, não só nos paizes contra que essa alliança fôra concertada, mas mesmo nos que a constituiram. E' certo tambem que, depois da conferencia de Algeciras, a Allemanha deixou de ser esse papão que punha em constante perigo o equilibrio europeo, uma vez que se patenteou a sua absoluta impotencia para, sózinha, transformar, como desejava, á face do mundo. Isso devia tornal-a mais prudente do que até então, e leval-a a acceitar, resignadamente, a situação tal como ella se apresentava.

A principio, assim pareceu que succederia. Mas á calma dos primeiros momentos seguiu-se uma nova crise de nervosismo, e a Allemanha começou a exprimir outra vez ferozmente contra aquelles que ella — até certo ponto com razão —



GUILHERME

*A aguia de palavras, cuja lingua nunca está socegada, cujo bigode está sempre encerado.*

Do «*Cri de Paris*»

teima em considerar seus systematicos inimigos, pretendendo, porém, d'esta feita, enanimar a exclusiva alliança, para d'ella se servir como escudo.

Os seus mais certos golpes não eram, todavia, agora, contra a

França, mas contra a Inglaterra, cujo predominio commercial e maritimo lhe ha de eternamente causar engulhos. D'ahi resultou a Inglaterra, que não perde occasião alguma em que possa ser-lhe desagradavel, concertar com a França um golpe de mestre contra a rival commum, que de vez a reduzisse á quietação.

Assim foi. A *Entente cordial* estava de pé, mas tornava-se necessario robustecel-a, com um acto publico retumbante, e, ao mesmo tempo, deu-lhe maior amplitude, fazendo entrar na combinação a Russia. E fez-se a viagem de Fallières a Londres e de Eduardo VII a Reval.

O golpe daria resultado? Completamente. Para que a Allemanha e o mundo inteiro não tenham a menor duvida ácerca das intenções de Inglaterra, veja-se o que diz um jornal londrino, o *Observer*, reflectindo a maneira de vêr da opinião ingleza:

«O triumphal acolhimento feito ao presidente Fallières não envolve a menor idéa de hostilidade para com qualquer povo, mas não é menos uma digna homenagem prestada á associação (partnership) dos dois povos, que transformou a situação da Europa. As sympathias, assim como os interesses das duas nações são as mesmas, e um futuro proximo provará que o povo inglez adquiriu a convicção de que a força e a prosperidade da Republica franceza são d'ora-ávanté inseparaveis



MEDONHAS CONTRIBUIÇÕES  
NO JAPÃO

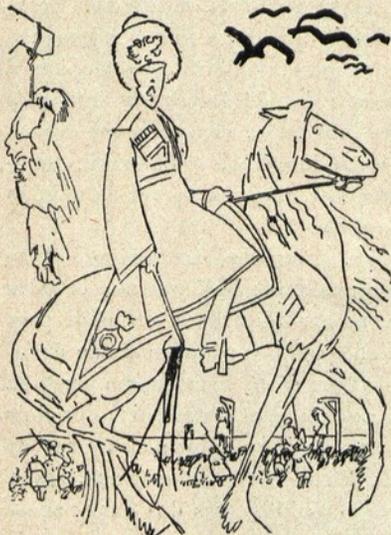
Desertaram trinta e dois soldados por causa do cruel tratamento que lhes inflingiram. A propria nação desertará em massa, se o governo não pôe cobro ao augmento das contribuições.

Do «Tokyo Puck»

da paz e do bem estar do imperio britannico.»

Por seu lado, a Allemanha não occulta sequer o despeito que lhe causou o facto. Assim, o jornal catholico *Germania*, órgão de um partido que apoia o governo, escreve o seguinte:

«Se o conde de Caprivi podia afirmar que a alliança franco-russa restabeleceria o equilibrio europeu, mais justo é ainda dizer, a proposito da nova triplice alliança concluida sob os auspicios da Inglaterra, que ella destroe o equilibrio europeu a favor d'esta ultima.»



NICOLAU

Sou o Paesinho, que não crê na van-tagem de poupar o knout e de amimar os filhos.

Do «Cri de Paris»

E o popular *Berliner Tageblatt* não lhe fica atraz:

«A amizade da Inglaterra é hoje uma raridade politica e economica, e foi certamente um dos bellos golpes de Bismarck impedir por tanto tempo a approximação d'estes dois paizes.»

Não queremos já agora terminar sem transcrevermos tambem a opinião de um jornal da Italia, isto é de um dos paizes componentes da triplice alliança. Trata-se da *Gazzetta del Popolo*, de Turin, que, sendo liberal, não faz uma grande opposição ao gabinete de Roma:

«Esta nova *entente*, declararam-o Eduardo VII e o sr. Fallières, só tem fins pacificos. Não duvidamos. Mas se tambem servisse, como geralmente se crê, para pôr um freio ás veledades bellicosas de Guilherme II, seria ainda mais providencial.»

A situação na Persia **E'** cada vez mais grave a situação na Persia.

Decididamente, o novo schah não se resigna a aceitar o regimen constitucional que seu pae implantou pouco tempo antes de morrer, e após o primeiro movimento de resistencia, iniciado um mez depois de prestar juramento de fidelidade à Constituição, Mohammed Ali lançou-se abertamente no caminho do absolutismo.

Mas a nação, que recebera com alvoroço a outhorga do novo regimen, a tal ponto se habituára já a elle, que se mostrou desde logo decidida a defendel-o com unhas e dentes. Travou-se a lucta, e, como tivemos a occasião de assignalar, as primeiras escaramuças não foram favoraveis ao soberano que, em vista d'isso, se viu obrigado a capitular perante o parlamento. Não foi isso, todavia, mais que a velha manobra de recuar para depois formar melhor o salto. Com effeito, nos ultimos dias de maio, entrou-se de novo n'um periodo de fran a reacção: os altos funcionarios ultra-conservadores, mezes antes exilados por imposição do parlamento, foram reconduzidos nos seus logares, ao mesmo tempo que era ordenada a prisão de importantes



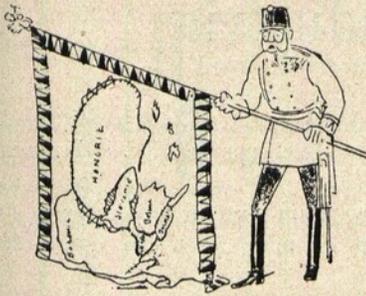
EDUARDO VII

Mal haja quem maldisser de minha figura.

Do «Cri de Paris»

vultos liberaes. Entretanto Mohammed Ali fugia de Teheron, indo refugiar-se n'um ponto qualquer dos arredores, que ainda não se sabe onde seja, d'onde tem expedido proclamações que são verdadeiros golpes de estado e ordenado as maiores violencias contra os liberaes.

No momento em que escrevemos as noticias de Teheron dizem-nos que reina enorme panico na cidade, estando o palacio do parlamento cercado por milhares de reaccionarios armados. Espera-se a todo o momento que estale uma formidavel revolução.



FRANCISCO JOSE

*Coitado do meu successor! Que herança que apanha!*

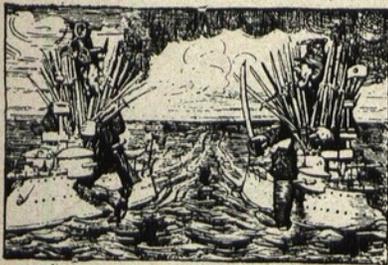
Do «*Cri de Paris*»

Um rei conspirador?

**H**A tempos foi descoberto em Cettique uma conspiração contra o principe Nicolau. Presos os conspiradores, instaurou-se-lhes o respectivo processo, que em principios de junho começou a ser julgado n'aquella cidade. As primeiras audiencias decorreram sem interesse, mas um bello dia deu-se em pleno tribunal um verdadeiro *coup de théâtre*. Foi o depoimento do jornalista Nastitch.

Citado como testemunha, Nastitch declarou que a conspiração contra o principe de Montenegro havia sido organizada de accó-do com o rei da Servia e o principe herdeiro d'aquelle paiz, os quaes contribuíram para ella com importantes quantias. As bombas aprehendidas aos conspiradores, acrescentou o jornalista, foram feitas por elle proprio n'um arsenal servio, a pedido de um primo do rei Pedro.

Calcule-se a sensação causada por semelhantes declarações no Montenegro e na Servia! O governo d'este ultimo paiz apressou-se, é



EM PAZ NO OCEANO

JAPÃO (á America)—*Sou muito amigo de paz para começar; mas se tu começas, meu amigo, então...*

Do «*Wahre Jacob*»

claro, a desmentil-as categoricamente, mandando, ao mesmo tempo, em signal de protesto, retirar o seu representante em Cettique. Isso, porém, não obsta a que toda a gente no Montenegro acredite no facto que, segundo todas as probabilidades, trará varias complicações.

Eleições na Belgica

**E**M 24 de maio realisaram-se na Belgica as eleições para a renovação de metade dos mandatos ás duas camaras. Como se sabe, os actos eleitoraes effectuados nos ultimos annos teem



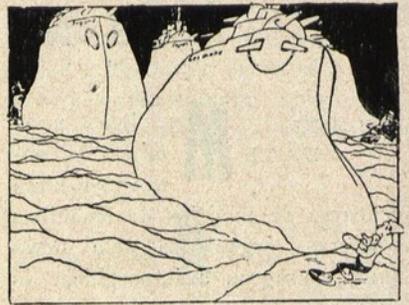
DESAVENÇA NO ORIENTE

*O menino chim está com a febre «Recobro de direitos e interesses», mas recusa engulir o antidoto que lhe dá o Japão. Mas para salvar o pequeno, é preciso que elle tome o remedio, custe o que custar.*

Do «*Tokyo Puck*»

sido sempre desastrosos para o governo catholico, reduzindo-lhe successivamente a maioria parlamentar e, portanto, enfraquecendo-o cada vez mais. D'esta feita, essa manifestação de desconfiança do paiz acentuou-se, baixando a maioria na camara dos deputados de 12, que era, a 8 votos.

Não se póde dizer que, com tão pouco apoio, um governo consiga viver por muito tempo tranquillo e desfogadamente. O augmento da maioria no Senado, que passou de 14 a 18 votos, em nada modifica a sua situação, e assim, dado mesmo que elle chegue a fazer vingar o projecto de annexação do Congo, o



A RUINOSA EMULAÇÃO DE ARMAMENTOS

*John Bull, o Tio Sam, o Japão e a Alemanha estão todos a inchar os seus armamentos com todo o folego que possuem. A questão é esta: qual d'elles rebentará primeiro?*

Do «*Wahre Jacob*»

que póde desde já afirmar-se é que a vida governamental do partido catholico está a atingir o seu fim.

A Triplice a desfazer-se

**A**o mesmo tempo que a França, a Inglaterra e a Russia realisam a *Triplice entente*, a *Triplice alliança* vae-se desfazendo dia a dia, sendo cada vez mais impopular na Italia.

Deve-se isso principalmente ao governo austriaco, que não cessa de adoptar medidas demonstrativas do seu odio a tudo quanto é italiano, o que exacerba os animos e dá alentos ao irredentismo. Ultimamente ainda, publicou um decreto abolindo a lingua italiana na Dalmacia. Essa medida, considerada pelos interessados como tyrannica e insultuosa, levou ao cumulo a indignação publica.

Por outro lado, mordem-se na Dalmacia e na Istria as agressões contra os subditos italianos.



*E' este o uniforme que o novo embaixador americano terá de envergar, se quizer que o imperador o accete.*

Do «*Nëve Glühäichter*»

# Vida na sciencia e na industria

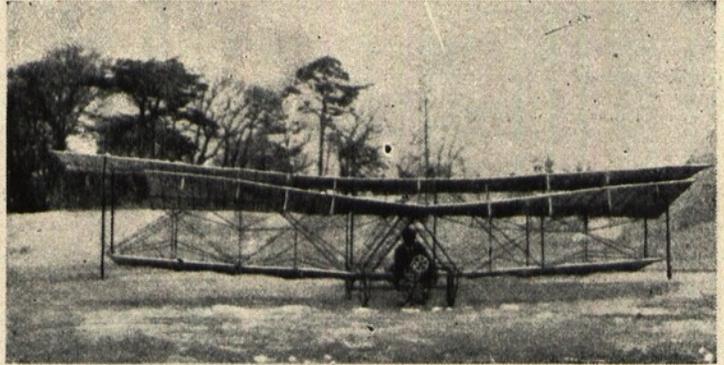
**Aeroplanos**  
ingleses

**M**r. Roe, premiado ha anno e meio n'um concurso de modelos de machinas voadoras, organizado pelo *Daily Mail*, consagrou a importancia do premio á construcção de uma machina em ponto grande, a qual tem percorrido varias vezes distancias entre 100 e 300 metros, á altura de 15 a 20 metros acima do solo. E' elle proprio quem constroe as suas machinas. O seu proposito é crear uma machina que seja a combinaçãõ do aeroplano e do hydroplano. Imitando certas aves aquaticas, ella poderia deslizar sobre a superficie

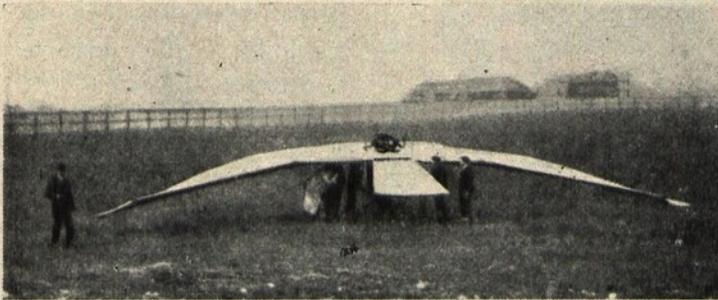
fervendo no vacuo. Por expansãõ do gaz observou a formaçãõ d'uma nuvem que se transformou em flocos de neve, os quaes gastaram 20 segundos a vaporisarem-se. Tinha-

O aeroplano  
Delagrange

**A**s experiencias de Mr. Delagrange em Roma, alcançaram extraordinario exito. A 30 de maio voou elle quasi oito



AEROPLANO ROE



MACHINA VOADORA DE BELLAMY

milhas em 15 minutos, dando trinta e cinco voltas. Obteve assim o *record* do mundo para o vôo de uma machina mais pesada que o ar. Ergueu-se a uma altura de cinco a seis metros. Experiencias anteriores foram feitas na presença do rei e da rainha de Italia, que photographaram o aeroplano. Mr. Delagrange estudava escultura e tinha ganho medalhas no Salon de Paris. Embora a sua machina alcançasse o *record* de tempo e distancia, o da altura pertence ainda a Mr. Farman, que na sua machina voou a uma altura de 10 a 11 metros.

liquida e d'ahi saltar para o espaço. O inventor espera dentro em pouco conseguil-o.

Mr. Bellamy, francez residente na Inglaterra, escolheu por modelo uma ave, o falcão. Domesticou muitos d'estes animaes, e anda sempre com elles, para comparar constantemente o vôo das aves ao da sua machina. Fez varias experiencias na pista de automoveis de Weybridge, ainda sem resultados definitivos.

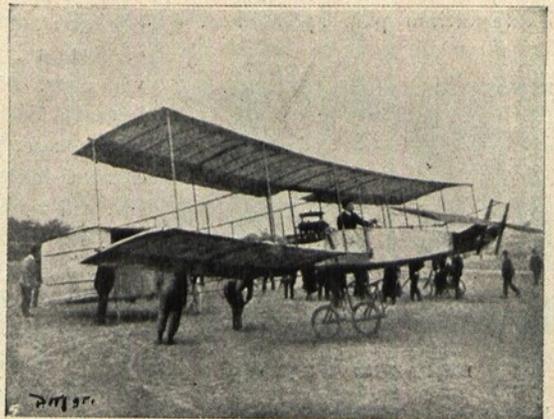
se calculado que o ponto critico de 267° a temperatura attingida deve ser inferior á do ponto critico e a mais baixa que até hoje se tem produzido.

O professor Onnes estava em vantajosas condições para a obter por ter organizado um notavel laboratorio cryogenico.

A determinação d'esta temperatura interessa todos os physicos, principalmente Sir James Dewar, de Londres, a quem a noticia foi telegraphada, por ser elle quem descobriu o processo da separação do helio dos gazes raros do ar e das aguas.

solidificação  
do helio

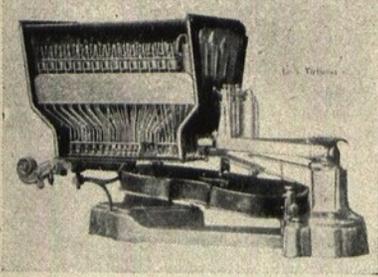
**P**rofessor Kamerling Onnes, da Universidade de Leide, conseguiu solidificar o helio. N'um espesso tubo de vidro comprimiu 7 litros de gaz á presença de 100 atmospheras e levou-o pelo resfriamento á temperatura de -259°, pelo hydrogenio liquido



AEROPLANO DELAGRANGE

**Violino mechanico** GRAÇAS a uma recente invenção americana, podem-se agora apreciar os melhores trechos de musica classica executados automaticamente.

O aparelho, que tem o nome de



VIOLINO MECHANICO

«Virtuosa», funciona da maneira seguinte:

Colloca-se uma rabeca vulgar por baixo d'uma caixa, contendo um numero de jogo de chaves e que faz lembrar uma machina de escrever. Estas chaves, accionadas por electro-ímans, substituem os dedos da mão esquerda do executante; tocam as cordas do instrumento nos pontos proprios e modificam, segundo as exigencias da musica, o numero e intensidade das vibrações commu-

nicadas ás cordas por um arco automatico.

Este arco é constituído por discos moveis em torno de eixos, cujos movimentos são determinados pela acção de electro-ímans.

Um motorsinho electrico, collocado no interior, fornece a energia necessaria. Tiras flexiveis, semelhantes ás dos pianos mechanicos, servem de partitura a estes Paganini d'aço.

«Virtuosa» possui sobre o violinista humano, a vantagem de dispor d'uma quantidade enorme de dedos, que pode empregar simultaneamente, d'onde deriva a faculdade de executar ao mesmo tempo um acompanhamento. O seu preço não o põe por ora ao alcance de todos os amadores: custa 120,000 réis.

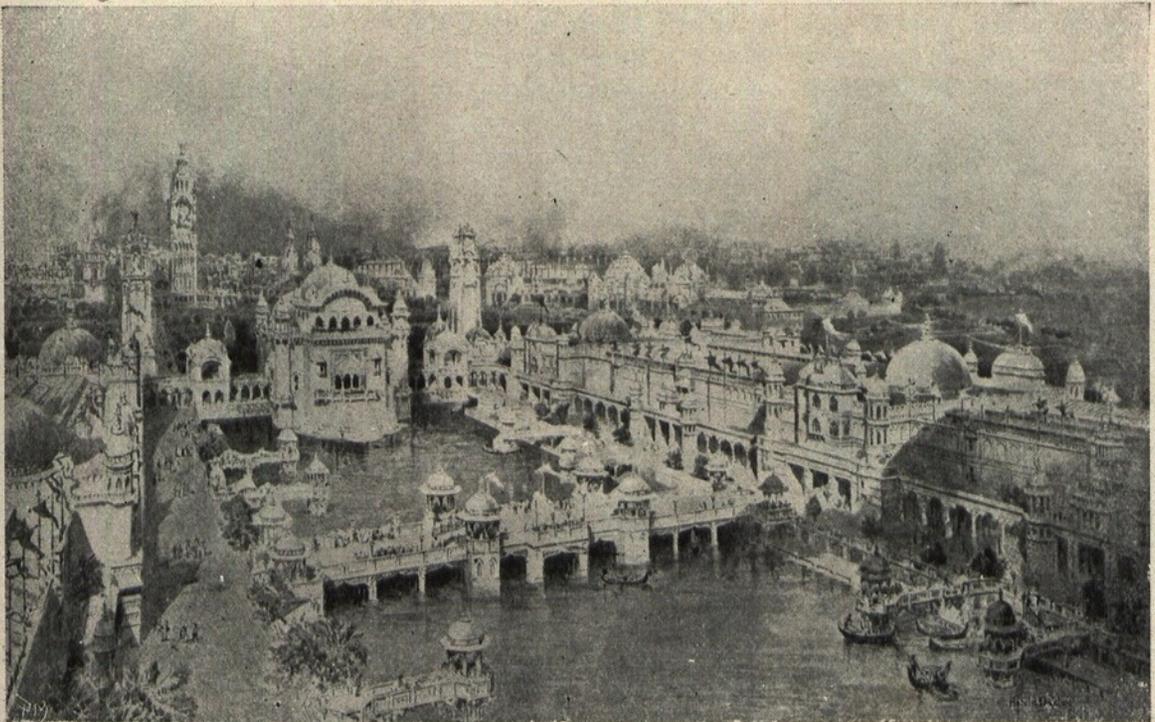
Exposição franco-britannica **A** 14 de maio abriu perto de Londres a exposição franco-britannica, que dias depois foi visitada pelo Presidente Fallières. E' um dos certamens mais interessantes que no genero se tem realisado. O aspecto geral é fantástico. Os edificios, de construção originalissima, todos elles brancos, justificam o titulo de Cidade Bran-

ca, que é dado pelos inglezes á exposição. Sobretudo de noite é fascinante o espectáculo, illuminado por milhares de focos electricos.

Arvores garrafas **O**s indigenas da Australia chamam assim á *Adansonia Oregona* porque o seu tronco tem essa fórma. Os seus fructos, tem o aspecto de frascos de caça, e contem uma polpa que, além de saborosa, tira a sede.

QUANTAS pessoas, padecendo de uma bronchite chronica, perderam a esperanza de se curar! É porque ignoram que o *xarope de hypophosphito de soda* de Swann (Dr. Churchill) é o melhor remedio para aquella enfermidade e que produz effeito ainda nos casos em que todos os outros se mallogram. Experiencia de larguissimos annos tem-n'o indicado como gozando da immensa vantagem de impedir que a doença degenerere em tuberculose. É o unico medicamento do genero que offerece estes beneficios.

O seu deposito é na pharmacia Swann, 13, rue Castiglione, Paris, e encontra-se á venda em todas as pharmacias.



ASPECTO GERAL DA EXPOSIÇÃO FRANCO-BRITANNICA

# Resenha portugueza

## EL-REI D. MANUEL

**Visita de S. M. El-Rei á Escola Naval.** — Realisou-se em 22 de maio. Sua Majestade entrou no arsenal pela porta do oeste e foi recebido á entrada da Escola pelos almirantes, commandantes dos na-



NA ESCOLA NAVAL

vios de guerra surtos no Tejo e officialidade superior da corporação.

O sr. Nunes da Matta, director da Escola, pronunciou uma breve allocução, á qual o sr. D. Manuel respondeu commovido, tendo phra-

ses de encarecido affecto para os aspirantes, e abraçando no mais antigo todos os seus ex-condiscipulos. Em seguida ás apresentações realisaram-se as visitas ás aulas e ao posto de telegraphia sem fios.

**No hippodromo.** — Nos terrenos do antigo hippodromo de Belem, formou para revista e exercicio, na tarde de 29 de maio ultimo, a 1.ª brigada de infantaria.

As forças que a compunham apresentaram-se no seu effectivo maximo e em uniforme de campanha.

Sua Majestade El-Rei, a cavallo, seguido d'um luzido estado-maior, assistiu aos diversos exercicios que,



NO HIPPODROMO

como de costume, versaram sobre tactica abstracta e applicada, estabelecimento de bivaque, esgrima de bayoneta, etc., e foram executados com a maior correção.

El-Rei, depois de ter recebido a continencia final, foi muito aclamado pela multidão.

## THEATROS



BENTO MANTUA

**Bento Mantua.** — O auctor da *Mã Sina* é um novo de immenso talento e raras aptidões para a litteratura scenica. Este seu drama,

representado pela primeira vez este anno no theatro de D. Maria, teve um extraordinario successo. A sua urdidura é perfeita, o dialogo brilhante, incisivo e facil no decorrer de todos os três actos que o constituem. E' uma peça para reviver todos os annos no cartaz e dar nome e applausos ao seu auctor, do qual nos preparamos para saborear as novas produções.

**Vianna da Motta.** — O apreciado pianista portuguez tem agora encantado Lisboa com os seus concertos em D. Maria.

Vianna da Motta não é só um professor insigne, mas tambem um notavel compositor e critico de arte.

Reside habitualmente em Berlin ou Thüringen, onde conta numerosos discipulos e tem por admira-



VIANNA DA MOTTA

dores todos os que prezam a boa musica. Foi ha pouco recebido por Sua Majestade El-Rei, a quem offerereceu a partitura da sua ap-

plaudida symphonia «A Patria», que acaba de ser editada no Brazil a expensas d'um grupo de amigos

do grande pianista, por ser uma das suas mais notaveis e sentidas composições.

E' vastissima a lista dos seus trabalhos publicados, e não menor a dos ineditos.

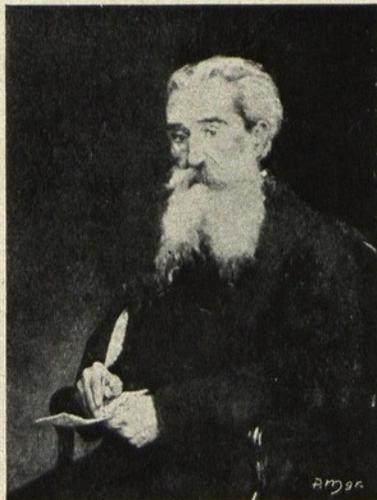
## LETRAS

**Bulhão Pato.**—*Faiscas de fogo morto.* Que titulo! Por elle se conhece o auctor. Mais encantador do que os versos de Bulhão Pato, só elle proprio, só a sua alma, delicada e meiga, eternamente juvenil.

N'estas *Faiscas de fogo morto* a expressão tem tanto vigor, o colorido tão ardentes e deslumbrantes tons, que o pensamento não póde deixar de perguntar:

— Que entenderá elle por fogo vivo?

Porque a verdadeira accepção, que elle quiz dar ao escolhido titulo, ninguem a lembra: o entusiasmo da sua alma, o fogo do seu coração é tão intenso que Bulhão Pato será sempre um *novos*, sempre forte e imprevisito aos olhos dos que lhe querem, que são todos os que o conhecem.



BULHÃO PATO  
Quadro de J. Campas

tre é insigne, põe no livro uma nota alegre e garrida. N'ella revela o grande poeta o seu espirito justicheiro e austero, que não se peja de fazer resoar aos ouvidos de poderosos e humildes a voz da verdade, sem ambages nem hesitações. E é porventura esta a característica mais intensa d'este livro, em que, a paz de dulcissimos idyllios, a lyra do poeta commenta e commemora os acontecimentos do dia, com um nobre desprendimento digno de Tacito e de Juvenal. O fogo revive; os gelos do inverno não o apagarão tão cedo.

**Fausto Guedes Teixeira.** — *O meu livro* são 330 paginas de versos apaixonados, em que o auctor deixa transbordar toda a exuberante sentimentalidade do seu ardente coração. Versos melancolicos em que ha todo o travor dos desenganos, toda a ancia, nunca satisfeita, d'um sonhado ideal, todo o encanto do que passa e que, á medida que se distancia, se vae tingindo d'um colorido meigo é doce, que nos agrada e punge e se chama saudade. Guedes Teixeira firma n'esta recopilación seus creditos de eminente poeta.

Uma das suas quadras:

*E passo a vida tristonho  
A cantar por não saber  
Se a vida está só no sonho  
E a realidade em morrer.*

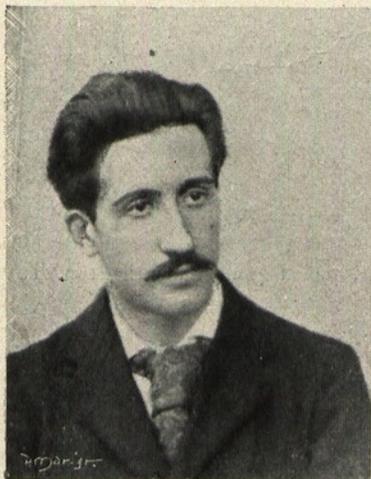
O final d'um soneto:

*..... O ceu negro inda é ceu!  
Não tenho ciumes de quem ella ama  
Tinha-os d'alguem que a amasse mais do  
que eu.*

Guedes Teixeira tem no seu livro um verdadeiro espelho d'alma.

**D. Mafalda Mousinho d'Albuquerque.** — E' uma senhora muito illustrada e gentilissima, descendente d'uma das mais nobres e antigas familias de Portugal, familia que tantos homens illustres e valorosos tem dado ao seu paiz e dos quaes o ultimo foi o saudoso heroe de Chaimite.

D. Mafalda Mousinho d'Albuquerque, sob o pseudonymo de *Moderata*, tem dado á luz da publicidade, além d'um volume de versos e outro de contos, um interessante romance, recentemente impresso, que tem por titulo *O coração d'um sabio*.



FAUSTO GUEDES TEIXEIRA

Uma pequenina amostra d'esse escriptorio de perolas:

*Confesso, amigo, que me causa espanto,  
Nem ao menos te vêr baga de pranto  
Cahir sombria dos teus olhos baços!...  
— Não a devo chorar. Queres a prova?...  
Se a tenho quente ainda nos meus braços,  
Viva no coração... que é tambem cova!*

E é tudo bello assim. De quando em quando a satyra, em que o mes-



D. MAFALDA MOUSINHO  
D'ALBUQUERQUE

## OS VENCEDORES DO CUAMATO

**Os vencedores do Cuamato.** —

Brilhantíssima a sessão solemne, realisada na Sociedade de Geographia, no dia 31 de maio, para a entrega da medalha de honra ao tenente-coronel do corpo de estado maior, José Augusto Alves Roçadas. A' sympathica festa presidiu El-Rei, que, terminada a conferencia em que

o illustre official pôz em relevo a disciplina e valor das nossas tropas, fez entrega da medalha, alta e honrosissima distincção tão raras vezes concedida.



NA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA — MEZA DA PRESIDENCIA

Ao mesmo official foi offerecida, na direcção geral dos serviços do Estado Maior pelos seus camaradas d'este corpo, uma magnifica espada de honra. Esta espada é um sober-

bo trabalho artistico. Os copos terminam pelo busto de um leão emergindo d'um feixe de cardos, e de cujas garras partem as guardas em três ramos elegantissimos. A lamina foi executada na Fabrica Real de Toledo. Na mesma occasião foram offerecidas pelos mesmos officiaes aos capitães Eduardo Marques e Jorge de Mascarenhas, as insignias da Ordem da Torre e Espada, com que tinham sido agraciados pelos seus distinctissimos serviços na campanha do Cuamato.

## TRIBUNA SAGRADA

**Conego Bernardo Chouzal.**

— Foi eloquentissima a oração fúnebre, pronunciada por este illus-



CONEGO BERNARDO CHOUZAL

tre sacerdote nas exequias reaes celebradas na Sé d'Evora. A' verdade, sentida e nobremente expressa, alliou o vernaculo orador a supre-

ma elegancia do estylo e os primores de dicção que todos lhe admiram. Não notaremos nenhum trecho do seu discurso, por demais conhecido e apreciado, mas não podemos deixar passar em silencio, que elle commoveu fundamente não só os que o ouviram, mas tambem quantos o leram, por ser n'aquelle genero, uma das mais bellas obras dos ultimos tempos.

**Conego Ayres Pacheco.** —

A sua oração pronunciada no templo dos Jeronymos teve, como era de esperar, um verdadeiro successo, e o nome do seu auctor foi pronunciado elogiosamente em todos os pontos do reino.

Sua Majestade El-Rei, fazendo justiça aos altos merecimentos do grande orador sagrado, agraciou-o com o grau de commendador da

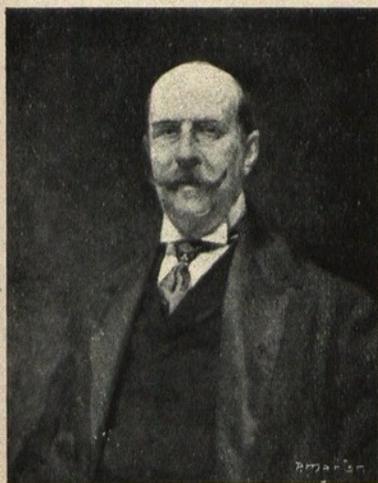
Ordem de Sant'Iago que Sua Rev.<sup>ma</sup> por um nobre sentimento de modestia, pediu para não acceitar. Teve



CONEGO AYRES PACHECO

razão. O melhor galardão está no applauso unanime com que o seu discurso foi recebido, graças sobretudo á sua sinceridade.

## ARTE



RETRATO DE LUIZ STRAUSS  
Por Carlos Reis

**No estudo de Carlos Reis** — Um encanto a exposição de retratos de Carlos Reis.

Só vendo-a se pôde fazer d'ella uma idéa perfeita. Expressar no papel os pensamentos que cada tela nos inspira, seria longo. Dando uma copia d'um dos seus melhores retratos, testemunhamos não só o nosso apreço pelo exímio pintor, como o melhor exemplo do que vale a sua obra.

De resto, o distincto professor de pintura de paizagem na Escola de Bellas Artes, ha muito que se salienta igualmente como retratista, e esta exposição não é mais do que uma prova da sua competencia.

Tem a capacidade de 750 metros. Apesar de se ter verificado que tinha força sufficiente para transportar três pessoas, tomaram apenas lugar n'elle o aeronauta Alfredo de Figueiredo e o sr. Carlos de Carvalho, administrador de *O Dia*.

A ascensão realisou-se sem incidente, mas em breve os aeronautas foram forçados a descer, porque



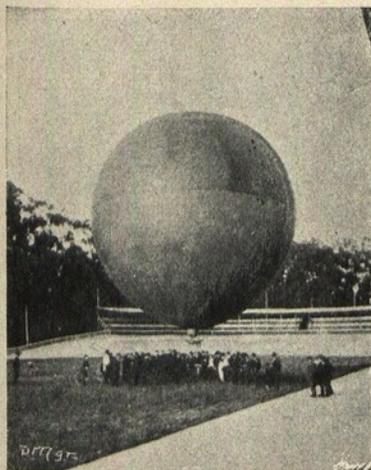
TAÇA LISBOA

## SPORTS



OUTRIGGER «TEJO» DA R. A. N.  
Vencedor da regata da Taça Lisboa

**Concurso de natação.** — No dia 27 de maio ultimo realisou-se na doca de Alcantara o con-



O BALÃO «LISBOA»

curso promovido pela Liga de natação. Tomaram parte nas provas que decorreram com muita animação e sem incidente, os alumnos da Escola Academica e dos Lyceus do Carmo e Lapa que disputaram a taça *Tiro e Sport*; e praças da armada pertencentes ás guarnições

dos navios de guerra e alumnos da Escola Pratica dos Torpedos. A taça foi ganha pelo alumno do Lyceu da Lapa, Osorio da Rocha e Mello, e o premio de S. M. a Rainha, pelo grumete Antonio Barbosa, da corveta *D. Estephania*.

**Um aerostato portuguez.** — Damos a gravura do balão Lisboa feito por um typographo do jornal *O Dia*, que com exito o experimentou no Velodromo de Palhavã no dia 24 de maio.

tendo o balão tomado a direcção da barra, receiaram o destino do *Luzitano*.

**A taça Lisboa.** — Foi alvo de vivo interesse a regata do dia 7 de junho em que foi ganha pelo *outrigger Tejo*, a «Taça Lisboa». Nas cinco corridas ficou vencedora a Real Associação Naval, para o que não pouco concorreu, decerto, o excellento methodo do treino das suas tripulações e a pericia dos seus dirigentes.



O JURY DO CONCURSO DE NATAÇÃO

## Manifestações a El-Rei



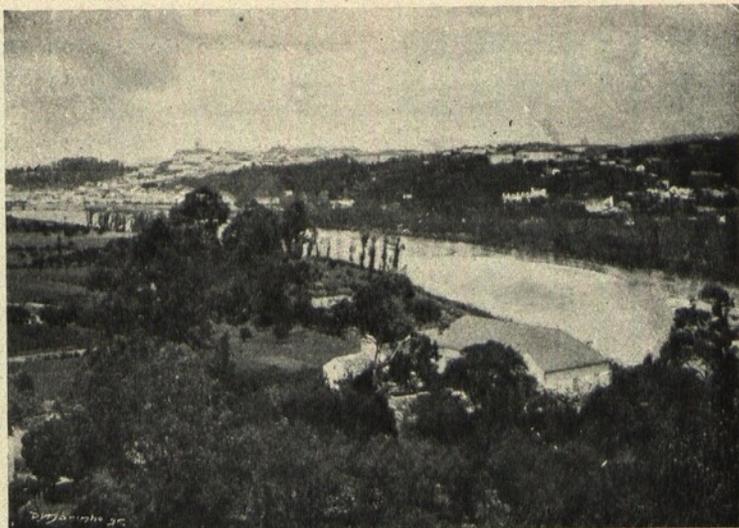
OS ESTUDANTES DE COIMBRA  
Sahindo da Estação Central de Lisboa

**A academia conimbricense.**

— Os estudantes de Coimbra dirigiram-se ao paço das Necessidades, onde, no dia 27 de maio, fizeram a El-Rei uma calorosa manifestação.

E, como o sr. D. Manuel soltasse vivas á Patria e á Academia, o entusiasmo attingiu o delirio.

## Uma quinta historica



QUINTA DAS CANNAS EM COIMBRA

**Quinta das Cannas.** — A mais ou menos vinculado o seu nome, foi recentemente adquirida pelo distincto sportsman Eduardo Santos Moreira.

## CONGRESSO TELEGRAPHO-POSTAL

**Congresso de Telegraphia.**

— No dia 4 de maio inauguraram-se no Palacio Palmella as sessões da Conferencia Internacional Telegraphica. A primeira sessão realisou-se sob a presidencia do sr. Calvet de Magalhães, ministro das obras publicas, e n'ella foi eleito por unanimidade presidente do Congresso o sr. Conselheiro Alfredo Pe-



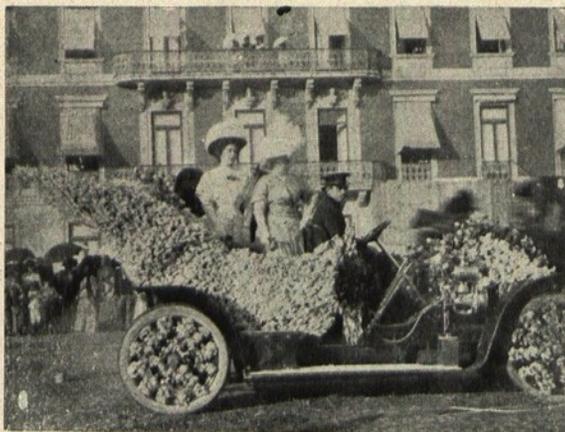
GRUPO DE CONGRESSISTAS EM CINTRA

reira. Os trabalhos encerraram-se em junho. Entre as festas em honra dos congressistas figura a batalha das flôres, realisada na Avenida a 7 de junho.

Houve um grande numero de excursões a varios pontos pittorescos do nosso paiz, as quaes contribuirão para tornar Portugal um centro futuro de attracção para os touristes.



O BREAK VENCEDOR



O AUTOMOVEL VENCEDOR

Na Batalha das Flôres

# EPILEPSIA!!!

E' com a mais completa franqueza, com a maior lealdade que sem ter a

pretenção de curar todos os epilepticos nós recommendamos os

## DRAGÉES GELINEAU

*Confeitos Gelineau* que teem durante trinta annos, dado ao seu auctor completa satisfação e que lhe tem valido o reconhecimento e inalteravel amizade de numerosos doentes; que sempre **nos casos ordinarios dão a possibilidade do triumpho e pelo menos a certeza de melhoras nos casos difficeis**

**J. MOUSNIER, SCEAUX, Seine (France)** e em todas as Pharmacias.

## L'Epil'vite

**CREMA EPILATORIA**  
prompta a ser empregada.  
Resultado garantido.

Agradavelmente perfumada, dissolve instantaneamente

as pennungens desengraçadas, a barba, os pellos os mais duros do rosto e do corpo. — Não produz borbulhas, não irrita a pelle a mais delicada.

M. A. GRAZIANI, Phar ° de 1ª classe, 63 Rue Rambuteau, Paris, Agentes depos. Portugal: CURIEL & DELIGANT, 19, R. do Arco a Jesus, Lisboa.

AS GOTTAS CONCENTRADAS DE

# FERRO BRAVAIS



São o mais eficaz remédio contra

**DEBILIDADE, FALTA DE FORÇAS, ESGOTAMENTO ANEMIA, CLOROSE, CORES PALLIDAS.**

Sem cheiro nem sabor o Ferro Bravais é recomendado por todos os Medicos do mundo  
*Não dá prisao de ventre. Não ennegrece os dentes. Dá em pouco tempo:*

**SAUDE - VIGOR - FORÇA - BELLEZA**

Desconfiar das Imitações. — *Só se vende em Gottas e em Pilulas*

Em todas as Pharmacias ou Drogarias. Deposito: 130, r. Lafayette, PARIS

Em todas as estações  
perservação absoluta de pelles, lãs, vestidos

PELO

Não mais  
**NAPHTALINA**  
inefficacia  
e nauseabunda

# NECROMITE

Não mais pós  
nem  
saquinhos

Composto de essencias de plantas  
e d'um novo producto d'uma efficacia insecticida muito energica (sem perigo)

Envio franco de porte de correio d'uma carteira com 12 folhas por 200 réis. Dirigir-se aos representantes

**CURIEL & DELIGANT**

Rua do Arco a Jesus, 19  
LISBOA



# MOOTCY!

Só não tem cabelo nem barba quem não quer!

**FAZEMOS NASCER**

Cabello aos calvos e barba aos sem ella em 20 a 24 dias

O preço para o **MOOTCY** é 2\$525 réis por porção (uma porção chega **perfeitamente**). O pedido de duas porções, uma para a barba e outra para o cabelo, tem o preço especial de 4\$420 réis.

**MOOTCY DEPOT**—Holmens Kanal, 28—Kopenhagen, 155

O maior e o mais importante estabelecimento da especialidade na Europa

Deposito em Lisboa—**FERREIRA & FERREIRA, Successores**

99—Rua da Prata—101

# Historia da Revolução Franceza

POR

**ALFRED RAMBAUD**

Tradução de **JOÃO BARREIRA**

Ornada com 33 gravuras

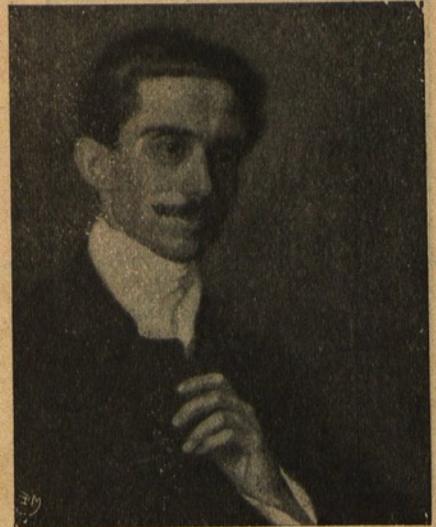
N'uma esmerada traducção vulgariza o dr. João Barreira a historia do maior dos acontecimentos da historia contemporanea. A obra de Rambaud, notavel pela sobriedade e pela imparcialidade, dá conhecimento perfeito d'esse extraordinario drama em que se debateram o passado e o futuro das sociedades humanas. As copiosas illustrações, retratos, episodios historicos, etc., contribuem para familiarizar o leitor com a physionomia dos actores e com o aspecto dos acontecimentos.

LIVRARIA FERREIRA, Rua do Ouro, 132 a 138—LISBOA

# O Pinheiro Exilado

POR

Antonio Corrêa d'Oliveira



O grande poeta das *Parabolas* e das *Tentações de Sam Frei Gil* mostra todo o seu engenho n'esta deliciosa plaquette, cheia de um amoroso e delicado pantheismo, á qual dão vida as originaes illustrações de Antonio Carneiro.

---

---

# Contos Nocturnos

DE

HOFFMANN

Versão de J. A. D'OLIVEIRA

---

A collecção *Obras Primas*, editada pela Livraria Ferreira, enriqueceu-se com mais este volume cujo valor é escusado encarecer. Toda a gente conhece, pelo menos de tradição, a imaginação exuberante e extranha do grande escriptor allemão, e os seus contos ficaram na litteratura universal como um exemplo excepcional de correlação intima entre o fantastico e o real. A cuidada versão do sr. Oliveira familiarisará com elles os leitores portuguezes, e o preço extraordinariamente modico de 200 réis, que é o de todos os volumes d'esta magnifica collecção, põe-os ao alcance das bolsas mais modestas.



# Comicos

NOVELLA DE THEATRO

POR

**ANTERO DE FIGUEIREDO**

A critica considerou este novo trabalho de Anthero de Figueiredo, o commovido cinzelador das *Recordações e viagens*, como uma das obras mais vigorosas da moderna litteratura portugueza. E' o romance autobiographico de uma alma de poeta, dilacerada por uma paixão absorvente, n'um meio repleto de artificios e isento de disciplina moral. Uma admiravel tragedia, em que sobreleva a figura complexa e desordenada da actriz que lhe deu origem.

---

---

## El-Rei D. Carlos I e Principe Real D. Luiz Filippe

ORAÇÃO FUNEBRE

PELO

**Conego Bernardo Chouzal**

Seguindo o exemplo do grande Vieira, o mestre dos oradores portuguezes, consegue o sr. conego Chouzal, n'uma brilhante oração funebre, apreciar com singular imparcialidade e hombridade altamente louvavel factos e figuras da historia de hoje, sem destoar da unção christã inherente ao pulpito. Sob este ponto de vista, a sua oração é um documento historico de incontestavel valor, e as suas eloquentes syntheses illustram admiravelmente os tragicos acontecimentos que as suggeriram.